



Fundação

**CECIERJ**

Consórcio **cederj**

Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro

## Português IV

**Volume 2**

Claudia Franco

Ivo da Costa do Rosário

Monclar Guimarães Lopes

Ronaldo Amorim Lima



**GOVERNO DO  
Rio de Janeiro**

**SECRETARIA DE CIÊNCIA,  
TECNOLOGIA, INOVAÇÃO E  
DESENVOLVIMENTO SOCIAL**

**UNIVERSIDADE  
ABERTA DO BRASIL**

**MINISTÉRIO DA  
EDUCAÇÃO**



Apoio:



# Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

www.cederj.edu.br

## Presidente

Carlos Eduardo Bielschowsky

## Vice-presidente

Marilvia Dansa de Alencar

## Coordenação do Curso de Letras

UFF - Livia Maria de Freitas Reis Teixeira

## Material Didático

### ELABORAÇÃO DE CONTEÚDO

Claudia Franco

Ivo da Costa do Rosário

Monclar Guimarães Lopes

Ronaldo Amorim Lima

### DIREÇÃO DE DESIGN INSTRUCIONAL

Cristine Costa Barreto

### COORDENAÇÃO DE DESIGN INSTRUCIONAL

Bruno José Peixoto

Flávia Busnardo da Cunha

Paulo Vasques de Miranda

### DESIGN INSTRUCIONAL

Ana Cristina Andrade

Mariana Pereira de Souza

### COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Fábio Rapello Alencar

### ASSISTENTE DE PRODUÇÃO

Bianca Giacomelli

### REVISÃO LINGÜÍSTICA E TIPOGRÁFICA

Carolina Godoi

José Meyohas

Rosane Lira

### PROGRAMAÇÃO VISUAL

Núbia Roma

### ILUSTRAÇÃO

Clara Gomes

### CAPA

Clara Gomes

### PRODUÇÃO GRÁFICA

Ulisses Schnaider

Copyright © 2017, Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Uma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Fundação.

P853

Português IV : volume 2 / Ronaldo Amorim Lima...[et al]. –  
Rio de Janeiro : Fundação Cecierj, 2017  
202p.; 19 x 26,5 cm.

ISBN: 978-85-458-0084-2

1. Língua portuguesa. 2. Morfologia. 3. Flexão verbal. 4. Classes gramaticais. 5. Formações lexicais. I. Rosário, Ivo da Costa do. II. Lopes, Monclar Guimarães. III. Lima, Ronaldo Amorim. 1. Título.

CDD:460

Referências Bibliográficas e catalogação na fonte, de acordo com as normas da ABNT.  
Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

# Governo do Estado do Rio de Janeiro

## Governador

Luiz Fernando de Souza Pezão

## Secretário de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação

Gabriell Carvalho Neves Franco dos Santos

### Universidades Consorciadas

**CEFET/RJ - CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO  
TECNOLÓGICA CELSO SUCKOW DA FONSECA**

Diretor-geral: Carlos Henrique Figueiredo Alves

**FAETEC - FUNDAÇÃO DE APOIO  
À ESCOLA TÉCNICA**

Presidente: Alexandre Sérgio Alves Vieira

**IFF - INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO,  
CIÊNCIA E TECNOLOGIA FLUMINENSE**

Reitor: Jefferson Manhães de Azevedo

**UENF - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO  
NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO**

Reitor: Luis César Passoni

**UERJ - UNIVERSIDADE DO ESTADO  
DO RIO DE JANEIRO**

Reitor: Ruy Garcia Marques

**UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**

Reitor: Sidney Luiz de Matos Mello

**UFRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO**

Reitor: Roberto Leher

**UFRRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL  
RURAL DO RIO DE JANEIRO**

Reitora: Ricardo Luiz Louro Berbara

**UNIRIO - UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

Reitor: Luiz Pedro San Gil Jutuca



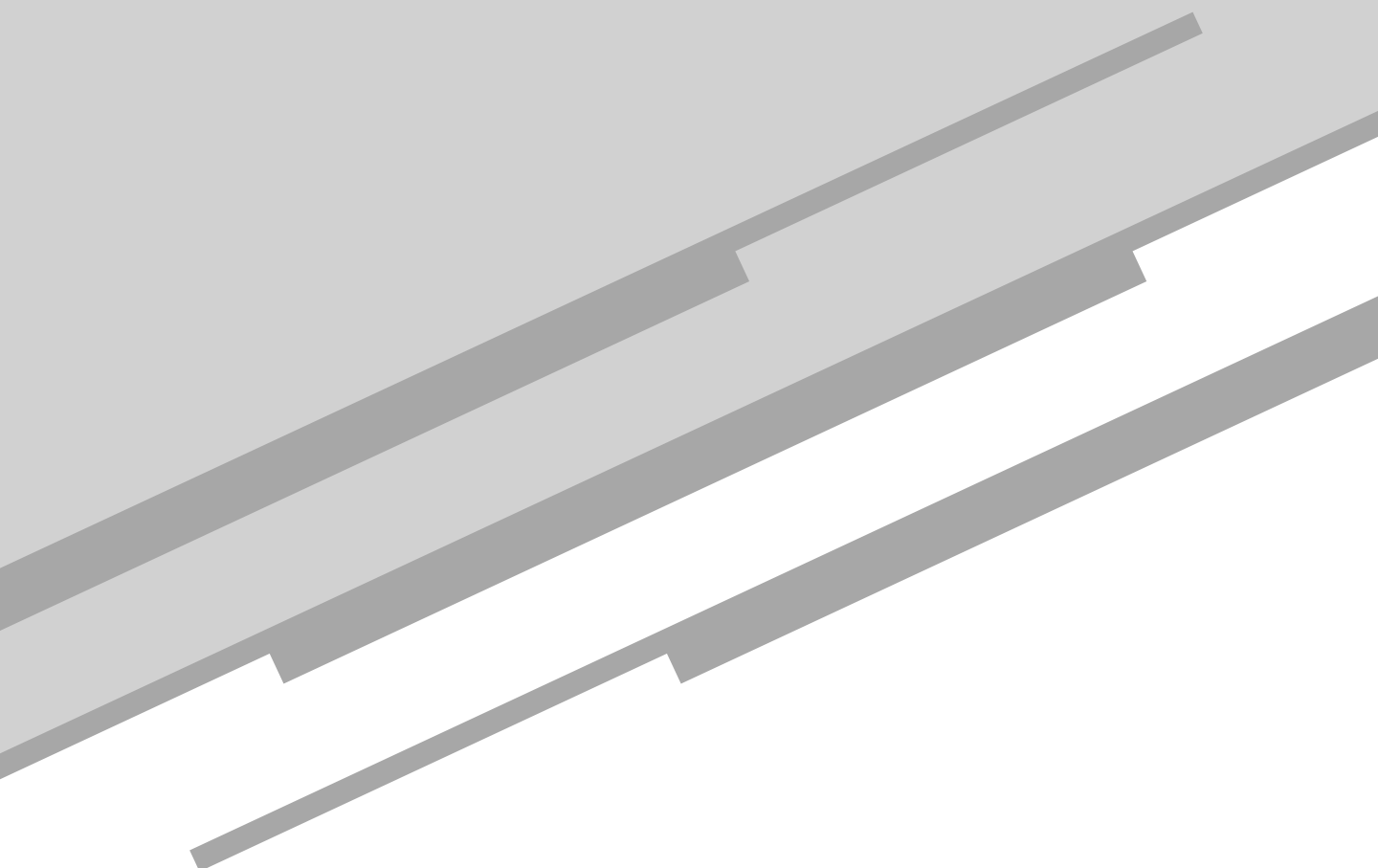
## SUMÁRIO

<b>Aula 11</b> – O mecanismo da flexão verbal III	<b>7</b>
<i>Monclar Guimarães Lopes</i> <i>Ronaldo Amorim Lima</i>	
<b>Aula 12</b> – O mecanismo da flexão verbal IV	<b>41</b>
<i>Monclar Guimarães Lopes</i> <i>Ronaldo Amorim Lima</i>	
<b>Aula 13</b> – A estrutura das palavras da língua portuguesa	<b>59</b>
<i>Ivo da Costa do Rosário</i> <i>Ronaldo Amorim Lima</i>	
<b>Aula 14</b> – Processos de formação de palavras I	<b>87</b>
<i>Monclar Guimarães Lopes</i> <i>Ronaldo Amorim Lima</i>	
<b>Aula 15</b> – Processos de formação de palavras II	<b>107</b>
<i>Monclar Guimarães Lopes</i> <i>Ronaldo Amorim Lima</i>	
<b>Aula 16</b> – Classes Gramaticais I	<b>135</b>
<i>Claudia Franco</i> <i>Ronaldo Amorim Lima</i>	
<b>Aula 17</b> – Classes Gramaticais II	<b>153</b>
<i>Claudia Franco</i> <i>Ronaldo Amorim Lima</i>	
<b>Aula 18</b> – O texto e as formações lexicais	<b>183</b>
<i>Claudia Franco</i> <i>Ronaldo Amorim Lima</i>	
<b>Referências</b>	<b>197</b>



# Aula 11

## O mecanismo da flexão verbal III



*Monclar Guimarães Lopes  
Ronaldo Amorim Lima*

## **Meta**

Apresentar o conceito de irregularidade verbal, bem como as flexões dos verbos irregulares de 1ª, 2ª e 3ª conjugações.

## **Objetivos**

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. identificar os verbos irregulares;
2. distinguir os verbos irregulares dos verbos regulares que apresentam discordância gráfica, mas não fonética;
3. reconhecer a irregularidade verbal nos verbos com alternância vocálica, refletindo sobre uma possível irregularidade nos verbos com mudança de timbre;
4. flexionar adequadamente alguns verbos irregulares de 1ª, 2ª e 3ª conjugações, de uso mais frequente.



## Introdução

Observe esta foto, retirada do *blog O Brasil das Placas*



**Figura 11.1.**

Fonte: [4.bp.blogspot.com/\\_6aplTm;qh1y8/SXtknlojeOcl/AAAAAAAAAfE/9nMx9gKvVaE/s400/Tapioca\\_fazida.jpg](http://4.bp.blogspot.com/_6aplTm;qh1y8/SXtknlojeOcl/AAAAAAAAAfE/9nMx9gKvVaE/s400/Tapioca_fazida.jpg)

O *blog O Brasil das placas* contém fotos de placas cujos usos linguísticos fogem à norma padrão da língua portuguesa, como observamos na imagem anterior, nas formas *tapióca*, *fazida* e *pida*. Na perspectiva do *blog*, a falta de domínio da norma padrão do idioma admite um viés de comicidade, em prejuízo do produtor do texto, que é visto como ignorante perante as regras do idioma.

No que tange à forma *tapióca*, poder-se-ia justificar que a acentuação gráfica indevida se dá pela falta de domínio da norma de acentuação das palavras paroxítonas. Porém, as formas *fazida* e *pida* não poderiam receber justificativas semelhantes, na medida em que são **forma irregular**, isto é, não obedecem ao paradigma de flexão verbal. Nesse caso, provavelmente, faltou ao produtor do texto o conhecimento do uso convencional desses verbos no registro culto da língua, sobretudo quando analisamos a forma *fazida*. Embora não represente o padrão do idioma, a forma *fazida* mostra domínio gramatical do produtor sobre a formação do particípio, ao recorrer ao radical de *fazer* (*faz-*) acrescido do sufixo formador de particípio *-do(a)*.

Conceito da gramática descritiva, referente às formas linguísticas que ficam fora do paradigma correspondente às demais da mesma estrutura (CÂMARA JR., 2011, p. 185).

Nesta aula, temos o objetivo de apresentar-lhes a flexão dos verbos irregulares, pautando-nos nos verbos mais frequentes de 1ª, 2ª e 3ª conjugações. Nessa abordagem, veremos que as formas irregulares se justificam como tais exatamente por não obedecerem ao paradigma de flexão da maioria dos verbos. Boa aula!

## O que são verbos irregulares?

O verbo deve ser considerado irregular quando apresenta variação no radical ao longo da flexão verbal ou quando não obedece ao paradigma de flexão verbal dos verbos regulares. Veja alguns exemplos:

1. variação no radical:

perder → perco

sentir → sinto

trazer → trago

2. variação na flexão:

eu como, falo, digo → eu estou

ele parte, cumpre, ouve → ele vem

3. variação no radical e na flexão:

eu comia, corria, vendia → eu era (verbo ser)

eu comi, corri, vendi → eu fui (verbo ir)

É importante observar que é comum um verbo irregular apresentar formas perfeitamente regulares. Veja:

1. forma irregular de *medir*: meço (variação do radical)

2. formas regulares de *medir*: medes, mede, medimos, etc.

Os verbos irregulares podem também ser divididos em *fracos* e *fortes*. Fracos são aqueles cujo radical do infinitivo não se modifica no pretérito (por exemplo, *perder* → *perdi*); fortes são aqueles cujo radical do infinitivo se modifica no pretérito (por exemplo, *caber* → *coube*).

## Irregularidade x discordância gráfica

Muitas vezes, o radical apresenta alteração gráfica, mas não fonética. Nesse caso, não se trata de irregularidade, mas de uma adequação para assegurar a uniformidade de pronúncia de nosso sistema de escrita.

Veja, nos exemplos a seguir, nos quais, a mudança de *c* para *qu* é necessária para a manutenção da representação gráfica do fonema /k/, assim como a de *g* para *gu*, para o fonema /g/.

ficar → fiquei

chegar → cheguei

Como também, nos dois casos a seguir, em que a mudança de *c* para *ç* é necessária para a manutenção da representação gráfica do fonema /s/, assim como o de *g* para *j*, para o fonema /ʒ/.

vencer → venço

restringir → restrinjo



O fonema /ʒ/ é representado na escrita corrente da língua portuguesa pela letra *j* ou pela letra *g* (em *geladeira*, *imagem*, *agitar* etc.). Todos os sons representados pelas letras têm símbolos fonéticos equivalentes. Em Português V, esses símbolos serão um dos assuntos que você estudará, mas, caso você tenha curiosidade em saber agora alguma coisa a mais sobre isso, digite, em algum site de busca, a expressão “alfabeto fonético” e você encontrará vários quadros a respeito.

## Verbos anômalos

Anômalos são os verbos irregulares que apresentam, na sua conjugação, radicais primários diferentes. Em nosso idioma, os principais anômalos são os verbos *ser* e *ir*, na medida em que apresentam radicais diferentes em boa parte de suas flexões. Veja:

### 1. ser

sou, és, é, somos, sois, são

fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.

era, eras, era, éramos, éreis, eram.

### 2. ir

vou, vais, vai, vamos, ides, vão.

fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.

ia, ias, ia, íamos, íeis, iam.



É interessante observar que os verbos *ser* e *ir* apresentam alguns tempos completamente idênticos. Colocando, lado a lado, o pretérito perfeito e o pretérito mais-que-perfeito do indicativo, o imperfeito e o futuro do subjuntivo de ambos os verbos, você constatará isso facilmente. E, caso esse tema lhe desperte interesse, você poderá encontrar explicações no latim e na história da formação da língua portuguesa.

## Atividade 1

*Atende aos objetivos 1 e 2*

Transcreva, no quadro a seguir, as formas consideradas regulares e irregulares, nos seus espaços correspondentes. Logo após, justifique as suas escolhas para cada palavra apresentada.

**Quadro 11.1**

extinga - dou - caibo - cheguei - fomos - estarei - estive ouça - torça - partiu	
Regulares	Irregulares

Justificativa para as formas regulares:

---



---



---



---

Justificativa para as formas irregulares:

---



---



---



---

### Resposta comentada

**Quadro 11.2** preenchido deverá ficar do seguinte modo:

extinga - dou - caibo - cheguei - fomos - estarei - estive ouça - torça - partiu	
Regulares	Irregulares
extinga	dou
cheguei	caibo
estarei	fomos
torça	estive
partiu	ouça

Justificativa para as forma regulares:

A forma *extinga* é regular, na medida que a mudança de *gu* para *g* ocorre apenas por questões fonéticas. O mesmo vale para a forma *cheguei*, do verbo *chegar*. A forma *estarei* é uma forma regular do verbo *estar*, muito embora tal verbo seja considerado irregular pela sua flexão em outros tempos verbais. *Torça* mantém o mesmo fonema *s* que o presente em *torcer*, sendo sua mudança por questões fonéticas. *Partiu* é um verbo considerado regular em todas as suas flexões, sem apresentar mudança de radical. Ademais, respeita o paradigma de flexão do pretérito perfeito do indicativo.

Justificativa para as formas irregulares:

*Dou* apresenta uma alteração flexional para primeira pessoa do singular do presente do indicativo, em que a desinência número-pessoal não é *-o*. *Caibo* apresenta radical alomorfe *caib-*. *Fomos* é a flexão de um verbo anômalo, podendo, pela falta de contexto, representar tanto o verbo *ser* quanto o verbo *ir*. *Estive* não respeita ao paradigma de flexão do pretérito perfeito do indicativo dos verbos de 1ª conjugação. *Ouça* apresenta

radical alomorfe (*ouç-*), cuja representação fonética é muito diferente da do radical primário (*ouv-*).

---

---

---

## Verbos com alternância vocálica e alternância de timbre

Muitos verbos da 3ª conjugação da língua portuguesa apresentam alternância vocálica na vogal do radical em suas formas rizotônicas (isto é, quando a acentuação tônica recai no radical). Por exemplo, *subo*, em contraste com *sobes*, *sobe* e *sobem*; *firo*, em oposição a *feres*, *fere* e *ferem*. Por sofrerem tais mutações, esses verbos são incluídos na lista dos *verbos irregulares*.

Cunha e Cintra (2001) argumentam que, além dos verbos de alternância vocálica, verbos com alternância de timbre também deveriam compor a lista dos *verbos irregulares*. Como exemplo, sintam os verbos *beber* e *mover*, em que há variação de timbre nas formas rizotônicas. Exemplos: *bebo* [ê] e *bebe* [é]; *movo* [ô] e *move* [é]. Para tais autores, o fato de o radical de *beber* e *mover* não se distinguirem na escrita é um aspecto meramente gráfico, na medida em que há diferenças nos fonemas vocálicos.

---

---

---

### Atividade 2

#### Atende ao Objetivo 3

De acordo com a perspectiva de Cunha e Cintra (2001), o que poderíamos especular sobre a regularidade das formas *leve* e *levamos*?

---

---

---

---

#### Resposta comentada

Na perspectiva dos autores, *leve* e *levamos* seriam formas irregulares, uma vez que apresentam mudança de timbre nas vogais do radical. O

som aberto [é] em *leve* e fechado [ê] em *levamos* representam uma oposição vocálica do mesmo modo que ocorre nas formas verbais *fere* e *firo*, por exemplo. Por esse motivo, no ponto de vista dos autores, o conceito de irregularidade não deveria estar pautada apenas em um aspecto gráfico, como já não o é considerado nos casos em que a mudança gráfica dá manutenção ao sistema sonoro da língua, como em *cheguei* do verbo *chegar*, considerada uma forma regular da língua.

## A flexão dos verbos irregulares de 1ª, 2ª e 3ª conjugações

Antes de proceder à análise das flexões dos verbos irregulares pela classificação de suas conjugações, vejamos a flexão dos **verbos auxiliares** (também irregulares).

### Conjugação dos verbos auxiliares *ser*, *estar*, *ter* e *haver*

#### Modo indicativo

Presente			
sou	estou	tenho	hei
és	estás	tens	hás
é	está	tem	há
somos	estamos	temos	havemos
sois	estais	tendes	haveis
são	estão	têm	hão

Pretérito imperfeito			
era	estava	tinha	havia
eras	estavas	tinhas	havas
era	estava	tinha	havia
éramos	estávamos	tínhamos	havíamos
éreis	estáveis	tínheis	havíeis
eram	estavam	tinham	havam

**Verbos auxiliares** são aqueles que combinam, por diversas formas, com o infinitivo, gerúndio ou particípio de outros verbos (principais), formando as chamadas locuções verbais, ou perífrases verbais, ou ainda sintagmas verbais. Os verbos auxiliares mais utilizados na língua portuguesa são os verbos *ser*, *estar*, *ter* e *haver*.

Pretérito perfeito			
fui	estive	tive	houve
foste	estiveste	tiveste	houveste
foi	esteve	teve	houve
fomos	estivemos	tivemos	houvemos
fostes	estivestes	tivestes	houvestes
foram	estiveram	tiveram	houveram

Pretérito mais-que-perfeito			
fora	estivera	tivera	houvera
foras	estiveras	tiveras	houveras
fora	estivera	tivera	houvera
fôramos	estivéramos	tivéramos	houvéramos
fôreis	estivéreis	tivéreis	houvéreis
foram	estiveram	tiveram	houveram

Futuro do presente			
serei	estarei	terei	haverei
serás	estarás	terás	haverás
será	estará	terá	haverá
seremos	estaremos	teremos	haveremos
sereis	estareis	tereis	havereis
serão	estarão	terão	haverão

Futuro do pretérito			
seria	estaria	teria	haveria
serias	estarias	terias	haverias
seria	estaria	teria	haveria
seríamos	estariamos	teríamos	haveríamos
seríeis	estaríaes	teríeis	haveríeis
seriam	estariam	teriam	haveriam



## Modo subjuntivo

Presente			
seja	esteja	tenha	haja
sejas	estejas	tenhas	hajas
seja	esteja	tenha	haja
sejamos	estejamos	tenhamos	hajamos
sejais	estejais	tenhais	hajais
sejam	estejam	tenham	hajam

Pretérito imperfeito			
fosse	estivesse	tivesse	houvesse
fosses	estivesses	tivesses	houvesse
fosse	estivesse	tivesse	houvesse
fôssemos	estivéssemos	tivéssemos	houvéssemos
fôsseis	estivésseis	tivésseis	houvésseis
fossem	estivessem	tivessem	houvessem

Futuro			
for	estiver	tiver	houver
fores	estiveres	tiveres	houveres
for	estiver	tiver	houver
formos	estivermos	tivermos	houvermos
fordes	estiverdes	tiverdes	houverdes
forem	estiverem	tiverem	houverem

## Modo imperativo

Afirmativo			
sê (tu)	está (tu)	tem (tu)	(desusado)
seja (você)	esteja (você)	tenha (vocês)	haja (você)
sejamos (nós)	estejamos (nós)	tenhamos (nós)	hajamos (nós)
sede (vós)	estai (vós)	tende (vós)	havei (vós)
sejam (vocês)	estejam (vocês)	tenham (vocês)	hajam (vocês)

Negativo			
não seas	não estejas	não tenhas	não hajas
não seja	não esteja	não tenha	não haja
não sejamos	não estejamos	não tenhamos	não hajamos
não sejais	não estejais	não tenhais	não hajais
não sejam	não estejam	não tenham	não hajam

## Formas nominais

Infinitivo pessoal			
ser	estar	ter	haver
seres	estares	terdes	haverdes
ser	estar	ter	haver
sermos	estarmos	termos	havermos
serdes	estardes	terdes	haverdes
serem	estarem	terem	haverem
Gerúndio			
sendo	estando	tendo	havendo
Particípio			
sido	estado	tido	havido

## Flexão dos verbos irregulares de 1ª conjugação

Além do verbo *estar*, cuja conjugação estudamos no tópico anterior, há o verbo *dar* – que apresenta irregularidades em alguns tempos verbais –, os verbos terminados em *-ear* (quando rizotônicos, isto é, quando a acentuação tônica recai na raiz) e alguns terminados em *-iar*. Como estudaremos as formas *rizotônicas* e *arrizotônicas* dos verbos terminados em *-ear* e *-iar* na próxima aula, veremos apenas as flexões irregulares do verbo *dar* neste tópico. Nos tempos não descritos a seguir, tal verbo se conjuga regularmente.

### Dar

#### Modo indicativo

Presente	Pretérito perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
dou	dei	dera
dás	deste	deras
dá	deu	dera
damos	demos	déramos
dais	destes	déreis
dão	deram	deram

## Modo subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
dê	desse	der
dês	desSES	deres
dê	desse	der
demos	déssemos	dermos
deis	désseis	derdes
deem	dessem	derem

## Modo imperativo

Afirmativo	Negativo
dá	não dêS
dê	não dê
demos	não demos
dai	não deis
deem	não deem

## Flexão dos verbos irregulares da 2ª conjugação

Além dos verbos *haver*, *ser* e *ter*, já conhecidos, serão mencionados os seguintes:

### Caber

Apresenta irregularidades no *presente* e no *pretérito perfeito do indicativo*, e nos tempos que são deles derivados, a saber: o *pretérito mais-que-perfeito do indicativo*, o *presente*, o *pretérito imperfeito* e o *futuro do subjuntivo*.

## Modo indicativo

Presente	Pretérito perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
caibo	coube	coubera
cabes	coubeste	couberas
cabe	coube	coubera
cabemos	coubemos	coubéramos
cabeis	coubestes	coubéreis
cabem	couberam	couberam

## Modo subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
caiba	coubesse	couber
caibas	coubesses	couberes
caiba	coubesse	couber
caibamos	coubéssemos	coubermos
caibais	coubésseis	couberdes
caibam	coubessem	couberem

*Observação:* tal verbo não admite o modo imperativo.

## Crer e ler

São irregulares no *presente do indicativo* e no *presente do subjuntivo*, nos *imperativos afirmativo e negativo*. Os verbos derivados desses verbos se conjugam no mesmo paradigma, como *descrer*, *reler*, etc.

Indicativo presente	Subjuntivo presente	Imperativo	
		Afirmativo	Negativo
creio	creia	-	-
crês	creias	crê	não creias
crê	creia	creia	não creia
cremos	creiamos	creiamos	não creiamos
credes	creiais	crede	não creiais
creem	creiam	creiam	não creiam
leio	leia	-	-
lês	leias	lê	não leias
lê	leia	leia	não leia
lemos	leiamos	leiamos	não leiamos
ledes	leiais	lede	não leiais
leem	leiam	leiam	não leiam

## Dizer

O verbo *dizer* se conjuga como verbo irregular em quase todos os tempos verbais. Só apresenta formas regulares no *pretérito perfeito do indicativo*, no *infinitivo pessoal* e no *gerúndio*. Também se conjugam no mesmo paradigma os verbos dele formados: *bendizer*, *desdizer*, *contradizer*, etc.

## Modo indicativo

Presente	Pretérito perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
digo	disse	dissera
dizes	disseste	disseras
diz	disse	dissera
dizemos	dissemos	disséramos
dizeis	dissestes	disséreis
dizem	disseram	disseram

Futuro do presente	Futuro do pretérito
direi	diria
dirás	dirias
dirá	diria
diremos	diríamos
direis	diríeis
dirão	diriam

## Modo subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
diga	dissesse	disser
digas	dissesses	disseres
diga	dissesse	disser
digamos	disséssemos	dissermos
digais	dissésseis	disserdes
digam	dissessem	disserem

## Modo imperativo

Afirmativo	Negativo
dize	não digas
diga	não diga
digamos	não digamos
dizei	não digais
digam	não digam

## Formas nominais

Particípio
dito

## Fazer

Assim como o verbo *dizer*, este verbo só apresenta formas regulares no *pretérito imperfeito do indicativo*, no *infinitivo pessoal* e no *gerúndio*. São conjugados no mesmo paradigma seus derivados *afazer*, *contrafazer*, *desfazer*, etc.

## Modo indicativo

Presente	Pretérito perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
faço	fiz	fizera
fazes	fizeste	fizeras
faz	fez	fizera
fazemos	fizemos	fizéramos
fazeis	fizestes	fizéreis
fazem	fizeram	fizeram

Futuro do presente	Futuro do pretérito
farei	faria
farás	farias
fará	faria
faremos	fariamos
fareis	faríeis
farão	fariam

## Modo subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
faça	fizesse	fizer
faças	fizesse	fizeres
faça	fizesse	fizer
façamos	fizéssemos	fizermos
façais	fizésseis	fizerdes
façam	fizessem	fizerem

## Modo imperativo

Afirmativo	Negativo
faze	não faças
faça	não faça
façamos	não façamos
fazei	não façais
façam	não façam

## Formas nominais

Particípio
feito

## Perder

Apresenta irregularidade no *presente do indicativo*, no *presente do subjuntivo* e nos *imperativos afirmativo e negativo*.

Indicativo presente	Subjuntivo presente	Imperativo	
		Afirmativo	Negativo
perco	perca	-	-
perdes	percas	perde	não percas
perde	perca	perca	não perca
perdemos	percamos	percamos	não percamos
perdeis	percais	perdei	não percais
perdem	percam	percam	não percam

## Poder

Apresenta irregularidades no *presente*, no *pretérito perfeito*, no *pretérito mais-que-perfeito do indicativo* e no *presente*, *pretérito imperfeito* e *futuro do subjuntivo*.

**Modo indicativo**

Presente	Pretérito perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
posso	pude	pudera
podes	pudeste	puderas
pode	pôde	pudera
podemos	pudemos	pudéramos
podeis	pudestes	pudéreis
podem	puderam	puderem

**Modo subjuntivo**

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
possa	pudesse	pude
possas	pudesses	puderes
possa	pudesse	puder
possamos	pudéssemos	pudermos
possais	pudésseis	puderdes
possam	pudessem	puderem

*Observação:* é desusado no modo *imperativo*.

**Pôr**

Originário do antigo verbo *poer*, *pôr* apresenta várias flexões regulares, com exceção apenas do *futuro do presente* e *futuro do pretérito do indicativo*. Seus derivados são conjugados no mesmo paradigma, como *antepor*, *compor*, *depor*, *opor* etc.

**Modo indicativo**

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
ponho	punha	pus
pões	punhas	puseste
põe	punha	pôs
pomos	púnhamos	pusemos
pondes	púnheis	pusestes
põem	punham	puseram



Pretérito mais-que-perfeito
pusera
puseras
pusera
puséramos
puséreis
puseram

### Modo subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
ponha	pusesse	puser
ponhas	pusesses	puseres
ponha	pusesse	puser
ponhamos	puséssemos	pusermos
ponhais	pusésseis	puserdes
ponham	puseram	puserem

### Modo imperativo

Afirmativo	Negativo
põe	não ponhas
ponha	não ponha
ponhamos	não ponhamos
ponde	não ponhais
ponham	não ponham

### Formas nominais

Infinitivo pessoal	Particípio
pôr	posto
pores	
pôr	
pormos	
pordes	
porem	

## Querer

Apresenta irregularidades no *presente*, *pretérito perfeito* e *pretérito mais-que-perfeito* do indicativo, e no *presente*, *pretérito imperfeito* e *futuro* do subjuntivo.

### Modo indicativo

Presente	Pretérito perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
quero	quis	quisera
queres	quiseste	quiseras
quer	quis	quisera
queremos	quisemos	quiséramos
quereis	quisestes	quiséreis
querem	quiseram	quiseram

### Modo subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
queira	quisesse	quiser
queiras	quisesses	quiseres
queira	quisesse	quiser
queiramos	quiséssemos	quisermos
queirais	quisésseis	quiserdes
queiram	quisessem	quiserem

*Observações:*

1. o derivado *requerer* tem a forma irregular *requero* na 1ª pessoa do *presente do indicativo* e é regular no *pretérito perfeito*, *pretérito mais-que-perfeito* e *futuro do subjuntivo*. Ex.: *requeri*, *requereste...*, *requerera*, *requereras...*, *requerer*, *requereres* etc.
2. *Bem-querer* e *malquerer* apresentam o particípio *benquisto* e *malquisto*.

## Saber

Apresenta formas irregulares no *presente*, *pretérito perfeito* e *pretérito mais-que-perfeito* do indicativo, no *presente*, *pretérito imperfeito* e *futuro* do subjuntivo e no *imperativo afirmativo* e no *negativo*.

**Modo indicativo**

<b>Presente</b>	<b>Pretérito perfeito</b>	<b>Pretérito mais-que-perfeito</b>
sei	soube	soubera
sabes	soubeste	souberas
sabe	soube	soubera
sabemos	soubemos	soubéramos
sabeis	soubestes	soubéreis
sabem	souberam	souberam

**Modo subjuntivo**

<b>Presente</b>	<b>Pretérito imperfeito</b>	<b>Futuro</b>
saiba	soubesse	souber
saibas	soubesses	souberes
saiba	soubesse	souber
saibamos	soubéssemos	soubermos
saibais	soubésseis	souberdes
saibam	soubessem	souberem

**Modo imperativo**

<b>Afirmativo</b>	<b>Negativo</b>
sabe	não saibas
saiba	não saiba
saibamos	não saibamos
sabei	não saibais
saibam	não saibam

**Trazer**

É irregular em quase todos os tempos verbais. Apresenta regularidade apenas no *pretérito imperfeito do indicativo* e nas *formas nominais*.

**Modo indicativo**

<b>Presente</b>	<b>Pretérito perfeito</b>	<b>Pretérito mais-que-perfeito</b>
trago	trouxe	trouxera
trazes	trouxeste	trouxeras
traz	trouxe	trouxera
trazemos	trouxemos	trouxéramos
trazeis	trouxestes	trouxéreis
trazem	trouxeram	trouxeram

<b>Futuro do presente</b>	<b>Futuro do pretérito</b>
trarei	traria
trarás	trarias
trará	traria
traremos	trariamos
trareis	trarieis
trarão	trariam

**Modo subjuntivo**

<b>Presente</b>	<b>Pretérito imperfeito</b>	<b>Futuro</b>
traga	troucesse	trouxer
tragas	troucesses	trouxeres
traga	troucesse	trouxer
tragamos	troucessemos	trouxermos
tragais	troucesses	trouxerdes
tragam	troucessem	trouxerem

**Modo imperativo**

<b>Afirmativo</b>	<b>Negativo</b>
traze	não tragas
traga	não traga
tragamos	não tragamos
trazei	não tragais
tragam	não tragam

## Valer

Apresenta irregularidade na 1ª pessoa do *presente do indicativo*, irregularidade que se transmite ao *presente do subjuntivo* e ao *imperativo*. Seus derivados *desvaler* e *equivaler* se conjugam do mesmo modo.

Indicativo presente	Subjuntivo presente	Imperativo	
		Afirmativo	Negativo
valho	valha	-	-
vale	valhas	vale	não valhas
vale	valha	valhas	não valha
valemos	valhamos	valhamos	não valhamos
vales	valhais	valei	não valhais
valem	valham	valham	não valham

## Ver

É irregular no *presente*, *pretérito perfeito do indicativo* e *pretérito mais-que-perfeito do indicativo*; no *presente*, *pretérito imperfeito* e *futuro do subjuntivo*; no *imperativo afirmativo* e no *negativo*. Os verbos derivados de ver como *antever*, *entrever*, *prever* e *rever* se conjugam do mesmo modo. O verbo *prover*, embora derivado do mesmo verbo, é regular no *pretérito perfeito do indicativo* (p. ex.: *provi*, *proveste*, *proveu*, etc.) e no *particípio* (provido).

## Modo indicativo

Presente	Pretérito perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
vejo	vi	vira
vês	viste	viras
vê	viu	vira
vemos	vimos	víramos
vedes	vistes	víreis
veem	viram	viram

### Modo subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
veja	visse	vir
vejas	visses	vires
veja	visse	vir
vejamos	vissemos	virmos
vejais	visseis	virdes
vejam	vissem	virem

### Modo imperativo

Afirmativo	Negativo
vê	não veja
veja	não veja
vejamos	não vejamos
vede	não vejais
vejam	não vejam

## Flexão dos verbos irregulares da 3ª conjugação

### Irregularidade por alternância vocálica no radical

São inúmeros os verbos irregulares da 3ª conjugação que se classificam como tais por apresentarem alternância vocálica no radical em suas flexões. Abaixo, seguem três modelos, seguidos da lista dos verbos que se conjugam dentro desses paradigmas.

#### Modelo: servir e dormir

Indicativo presente	Subjuntivo presente	Imperativo	
		Afirmativo	Negativo
sirvo	sirva	-	-
serves	sirvas	serve	não sirvas
serve	sirva	sirva	não sirva
servimos	sirvamos	sirvamos	não sirvamos
servis	sirvais	servi	não sirvais
servem	sirvam	sirvam	não sirvam

durmo	durma	-	-
dormes	durmas	dorme	não durmas
dorme	durma	durma	não durma
dormimos	durmamos	durmamos	não durmamos
dormis	durmais	dormi	não durmais
dormem	durmam	durmam	não durmam

Seguem o paradigma de *servir* os seguintes verbos da 3ª conjugação: *aderir, advertir, aferir, compelir, competir, conferir, convergir, deferir, desferir, despir, digerir, discernir, divergir, ferir, inferir, ingerir, inserir, preferir, referir, refletir, repelir, repetir, seguir, sugerir e vestir*.

Seguem o paradigma de *dormir*: *tossir, engolir, cobrir* (e seus derivados *descobrir, encobrir e recobrir*).

### Modelo: acudir

Indicativo presente	Subjuntivo presente	Imperativo	
		Afirmativo	Negativo
acudo	acuda	-	-
acodes	acudas	acode	não acudas
acode	acuda	acuda	não acuda
acudimos	acudamos	acudamos	não acudamos
acudis	acudais	acudi	não acudais
acodem	acudam	acudam	não acudam

Seguem o modelo de *acudir*: *bulir, consumir, cuspir, escapulir, fugir, sacudir, subir e sumir*.

### Modelo: agredir

Indicativo presente	Subjuntivo presente	Imperativo	
		Afirmativo	Negativo
agrido	agrida	-	-
agrides	agridas	agride	não agridas
agride	agrida	agrida	não agrida
agredimos	agridamos	agridamos	não agridamos
agredis	agridais	agredi	não agridais
agridem	agridam	agridam	não agridam

Seguem o modelo de *agredir*: *denegrir, prevenir, progredir, regredir e transgredir*.

## Outros tipos de irregularidade

### Ir

É verbo anômalo, sendo regular apenas no *pretérito imperfeito*, no *futuro do presente* e no *futuro do pretérito do indicativo*. São regulares também as *formas nominais*. No *pretérito perfeito* e no *pretérito mais-que-perfeito do indicativo*, e no *pretérito imperfeito e futuro do subjuntivo*, apresenta formas correspondentes do verbo *ser*: *fui, fora, fosse e for*.

Indicativo presente	Subjuntivo presente	Imperativo	
		Afirmativo	Negativo
vou	vá	-	-
vais	vás	vai	não vás
vai	vá	vá	não vá
vamos	vamos	vamos	não vamos
ides	vades	ide	não vades
vão	vão	vão	não vão

### Medir e Pedir

Apresentam alteração do radical *med-* e *ped-* na 1ª pessoa do *presente do indicativo*, no *presente do subjuntivo* e nas formas do *imperativo*. Nos mesmos modelos, são conjugados *desmedir, despedir, expedir, impedir* (e os derivados deste último, por exemplo: *desimpedir, reexpedir, etc.*)

Indicativo presente	Subjuntivo presente	Imperativo	
		Afirmativo	Negativo
meço	meça	-	-
medes	meças	mede	não meças
mede	meça	meça	não meça
medimos	meçamos	meçamos	não meçamos
medis	meçais	medi	não meçais
medem	meçam	meçam	não meçam
peço	peça	-	-
pedes	peças	pede	não peças
pede	peça	peça	não peça
pedimos	peçamos	peçamos	não peçamos
pedis	peçais	pedi	não peçais
pedem	peçam	peçam	não peçam



*Observação:* o verbo *ouvir* apresenta irregularidade semelhante, alternando o radical *ouv-* para *ouç-*. Veja:

presente do indicativo: *ouço, ouves, ouve, ouvimos*, etc.

presente do subjuntivo: *ouça, ouças, ouça, ouçamos*, etc.

imperativo afirmativo: *ouve, ouça, ouçamos*, etc.

imperativo negativo: *não ouças, não ouça, não ouçamos*, etc.

## Rir

Apresenta irregularidades nos tempos abaixo. Segue o mesmo paradigma o verbo *sorrir*.

Indicativo presente	Subjuntivo presente	Imperativo	
		Afirmativo	Negativo
rio	ria	-	-
ris	rias	ri	não rias
ri	ria	ria	não ria
rimos	riamos	riamos	não riamos
rides	riais	ride	não riais
riem	riam	riam	não riam

## Vir

É verbo anômalo, assim conjugado nos tempos simples:

### Modo indicativo

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
venho	vinha	vim
vens	vinhas	vieste
vem	vinha	veio
vimos	vínhamos	viemos
vindes	vínheis	viestes
vêm	vinham	vieram

Pretérito mais-que-perfeito	Futuro do presente	Futuro do pretérito
viera	virei	viria
vieras	virás	virias
viera	virá	viria
viéramos	viremos	viríamos
viéreis	vireis	viríeis
vieram	virão	viriam

### Modo subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
venha	viesse	virei
venhas	viesses	virias
venha	viesse	viria
venhamos	viéssemos	viríamos
venhais	viésseis	viríeis
venham	viessem	viriam

### Modo imperativo

Afirmativo	Negativo
vem	não venhas
venha	não venha
venhamos	não venhamos
vinde	não venhais
venham	não venham

### Formas nominais

Particípio	Gerúndio
vindo	vindo

Verbos terminados em *-uzir*:

Tais verbos não apresentam a vogal *-e* na 3ª pessoa do singular do *presente do indicativo*. São exemplos desses verbos:

aduzir – ele *aduz*

conduzir – ele *conduz*

deduzir – ele *deduz*

induzir – ele *induz*

### **Atividade 3**

#### **Atende ao Objetivo 4**

a) Flexione os verbos nas pessoas pedidas:

ver – 1ª singular do futuro do subjuntivo

---

deter – 3ª plural do pretérito perfeito do indicativo

---

caber – 1ª singular do presente do indicativo

---

crer – 2ª singular do pretérito imperfeito do subjuntivo

---

prever – 3ª plural do futuro do subjuntivo

---

b) Troque as pessoas do plural pelas correspondentes do singular:

Abstivemo-nos de bebida

---

Couberam no porta-malas?

---

Não puderam vir.

---

Credes em mim?

---

c) Preencha as lacunas com os verbos indicados entre parênteses, flexionando-os de acordo com o contexto de uso.

Maria \_\_\_\_\_ o presente a Maria antes que cortassem o bolo.  
(*dar*)

Tu \_\_\_\_\_ à festa de Susana no último sábado. (*ir*)

Eles sempre \_\_\_\_\_ os manuais de instrução quando compram algum produto. (*ler*)

Se, por acaso, tu \_\_\_\_\_ Alberto, diga que tenho de falar com ele. (*ver*)

Ele \_\_\_\_\_ vir à comemoração, mas não teve tempo. (*querer*)

\_\_\_\_\_ o livro sobre esta mesa, Maria. (*pôr*)

É preciso que \_\_\_\_\_ exercer a função. (*saber*)

Se você \_\_\_\_\_ o produto que te encomendei, pago-lhe na hora. (*trazer*)

Quando \_\_\_\_\_, traga flores. (*vir*)

### **Resposta comentada**

a)

ver – 1ª singular do futuro do subjuntivo → vir

deter – 3ª plural do pretérito perfeito do indicativo → detiveram

caber – 1ª singular do presente do indicativo → caibo

crer – 2ª singular do pretérito imperfeito do subjuntivo → crias

prever – 3ª plural do futuro do subjuntivo → previrem

b)

Abstivemo-nos de bebida → Abstive-me de bebida.

Couberam no porta-malas? → Coube no porta-malas?

Não puderam vir. → Não pôde vir.

Crede em mim? → Crês em mim?

c)

Maria dera o presente a Maria antes que cortassem o bolo. (*dar*)

Tu foste à festa de Susana no último sábado. (*ir*)

Eles sempre leem os manuais de instrução quando compram algum produto. (*ler*)

Se, por acaso, tu vires Alberto, diga que tenho de falar com ele. (*ver*)

Ele quis vir à comemoração, mas não teve tempo. (*querer*)

Ponha/põe o livro sobre esta mesa, Maria. (*pôr*)

É preciso que você saiba exercer a função. (*saber*)

Se você trazer o produto que te encomendei, pago-lhe na hora. (*trazer*)

Quando vier, traga flores. (*vir*)

## Conclusão

Verbos irregulares se caracterizam pelas alterações que sofrem em seus radicais ou em suas desinências quando flexionados, diferentemente dos regulares, que mantêm um padrão em todas as suas formas. Essas alterações são muitas vezes de natureza fonética, podendo estar representadas na escrita ou não. Por outro lado, alguns verbos regulares apresentam alterações gráficas que nada têm a ver com irregularidades. Trata-se apenas de acomodações para manter o padrão ortográfico da língua portuguesa.

## Atividade Final

### Atende aos Objetivos 1, 2 e 3

Leia o texto e, em seguida, resolva as questões.

“Aqui sozinho” (fragmento)

Aqui sozinho, nesta calma, toda a história da humanidade e da vida rolam diante de mim. Respiro o ar inaugural do mundo (...). Vejo as pirâmides subindo; o rosto da esfinge pela primeira vez iluminado pela lua cheia que sobe no oriente; ouço os gritos dos conquistadores avançando. Observo o matemático inca no orgasmo de criar a mais simples e fantástica invenção humana – o zero (...) Reabro feridas de traições, horrores do poder, rios de sangue correm pela história, justos são condenados, injustos devidamente glorificado (...). começo, pouco a pouco, a decifrar, numa pedra com uma tríplice inscrição, o que pensaram seres como eu em dias assustadoramente remotos. Acompanho um homem (...) pintando e repintando o teto de uma capela; ouço o som divino que outro tira de um instrumento que ele próprio é incapaz de ouvir.

Componho em minha imaginação o retrato de maravilhosas sedutoras, espãs, cortesãs e barregãs, que possivelmente nem foram tão belas, nem seduziram tanto. Sento e sinto e vejo, numa criação única, pessoal e intensa (...). Estou só com a minha imaginação. E um livro.

Millôr Viola Fernandes (16 de agosto de 1923 - 27 de março de 2012) foi um cartunista, jornalista, cronista, dramaturgo, roteirista, tradutor e poeta brasileiro. Nasceu no Rio de Janeiro, em 1923, filho do engenheiro Francisco Fernandes e de Maria Viola Fernandes. Para saber mais sobre as inúmeras obras desse grande escritor brasileiro, insira o nome “Millôr Fernandes” em algum site de busca e várias opções surgirão.

Millôr Fernandes

Fonte: <http://www2.uol.com.br/millor/aberto/dailymillor/006/042.htm>.

Acesso em 18/07/2009.

Com relação às formas verbais sublinhadas no texto de Millôr Fernandes, identifique seus infinitivos, informando quais são:

regulares;

irregulares;

que têm alternância vocálica;

que têm outro tipo de irregularidade (qual?);

que sofrem alteração ortográfica.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue or grey ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are approximately 20 lines visible. The paper has a slight shadow on its right side, suggesting it's resting on a surface.

### Resposta comentada

São regulares: *respirar, reabrir, começar, pensar, acompanhar e sentar*.

São irregulares: *rolar, subir, ouvir, observar, compor, ser, seduzir, sentir e estar.*

Têm alternância vocálica: *rolar*, *subir*, *observar* e *sentir*.

Têm outros tipos de irregularidades: *ouvir* (irregularidade no radical da primeira pessoa do presente do indicativo e em todo o presente do subjuntivo), *compor* e *ser* (irregularidade no radical, na vogal temática e nas desinências), *seduzir* (irregularidade no alomorfe da vogal temática da terceira pessoa do singular do presente que deveria ser *-e*, mas não se apresenta) e *estar* (irregularidades na vogal temática e nas desinências).

Há alteração ortográfica apenas em *começar*.

---

---

## Resumo

Os verbos irregulares são considerados como tais por não obedecerem ao paradigma prototípico de flexão, em que há manutenção tanto do radical primário quanto das desinências verbais – de acordo com o tipo de conjugação – nas diferentes flexões de tempo e modo.

Nesta aula, lidamos com o conceito de verbo irregular e com a flexão dos verbos irregulares de uso mais frequente. Paralelamente, refletimos sobre o parâmetro aplicado para definir regularidade nos casos em que há mudança de timbre nas formas rizotônicas de alguns verbos.

## Informação sobre a próxima aula

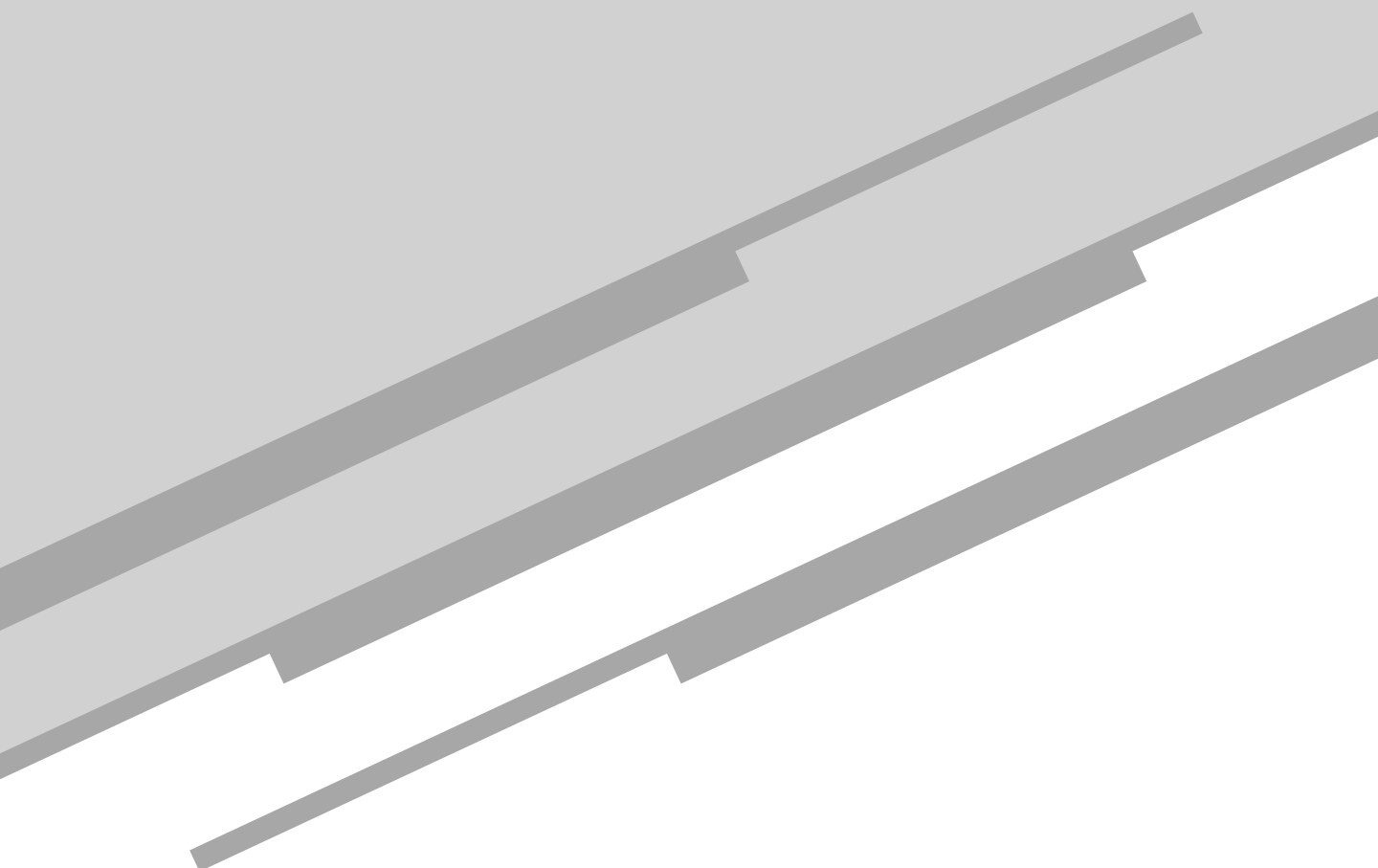
Na próxima aula, daremos prosseguimento à análise dos verbos irregulares, através do estudo da flexão das formas rizotônicas e arrizotônicas dos verbos terminados em *-ear* (e, paralelamente, alguns formados em *-iar*), bem como dos verbos de particípio irregular, dos abundantes, dos defectivos, dos impessoais e dos unipessoais. Até lá!





# Aula 12

## O mecanismo da flexão verbal IV



*Monclar Guimarães Lopes;  
Ronaldo Amorim Lima*

## Meta

Apresentar a flexão das formas rizotônicas e arrizotônicas dos verbos terminados em *-ear* (e alguns verbos terminados em *-iar*), os verbos de particípio irregular, os abundantes, os impessoais, os unipessoais e os defectivos.

## Objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

1. flexionar adequadamente os verbos terminados em *-ear* e os terminados em *-iar* que sofrem alteração na flexão quando rizotônicos;
2. identificar os verbos abundantes e os de particípio irregular, de modo a empregá-los de acordo com a norma padrão da língua portuguesa;
3. reconhecer os verbos impessoais, unipessoais e defectivos, flexionando-os de acordo com a norma padrão da língua portuguesa.

## Introdução



Will Leite (28/06/2012) – extraído de <http://www.willtirando.com.br>

Considerado um verbo defectivo pela norma padrão da língua portuguesa, *colorir* não se conjuga nas pessoas do singular e nem na terceira do plural do presente do indicativo, e, conseqüentemente, em nenhuma das pessoas do subjuntivo, motivo pelo qual, quando se ouve alguém utilizando essas formas, costuma-se dizer que “soa mal”. Porém, como substituto da expressão “eu coloro”, escolhe-se uma outra (“eu pinto”) que, por questões culturais, pode admitir um sentido ainda menos estético, haja vista o duplo sentido a que se remete. É exatamente esse duplo sentido que causou ao quadro um certo humor.

Nesta aula, concluiremos esta etapa dos estudos do mecanismo de flexão dos verbos irregulares. Para tal, abordaremos as flexões das formas rizotônicas e arrizotônicas dos verbos terminados em *-ear* (e alguns terminados em *-iar*), os verbos de particípio irregular e os de duplo particípio (verbos abundantes), bem como o conceito e as flexões dos verbos impessoais, unipessoais e defectivos. Boa aula!



Entre no endereço <http://globotv.globo.com/globonews/estudio-i/v/forma-eu-coloro-nao-existe-diz-sergio-nogueira/2524572/> e observe, principalmente, o que o professor Sérgio Nogueira comenta sobre os verbos defectivos.

## Formas rizotônicas e arrizotônicas dos verbos terminados em **-ear** (e alguns em **-iar**)

Por formas rizotônicas, reconhecemos as palavras cuja acentuação tônica se encontra no radical; por arrizotônicas, as palavras cuja acentuação se dá fora do radical. Veja:

*Ele bebe - nós bebemos*

Sabendo que o radical de *beber* é *beb-*, observamos que, em *ele bebe*, a acentuação tônica recai sobre o primeiro “e”, sendo, portanto, uma forma rizotônica. Já em relação à forma *bebemos*, observamos que a acentuação recai sobre a vogal temática “e” (o segundo “e”), sendo, portanto, uma forma arrizotônica.

A flexão dos verbos terminados em *-ear* se diferencia de acordo com o critério da acentuação tônica. As flexões rizotônicas recebem um “i” após o “e”. Já as formas arrizotônicas conjugam-se regularmente. Veja o exemplo do verbo *frear*, cujas formas rizotônicas se encontram em negrito:

Indicativo Presente	Subjuntivo Presente	Imperativo	
		Afirmativo	Negativo
<b>freio</b>	<b>freie</b>	-	-
<b>freias</b>	<b>freies</b>	<b>freia</b>	não <b>freies</b>
<b>freia</b>	<b>freie</b>	<b>freie</b>	não <b>freie</b>
freamos	freemos	freemos	não freemos
freaís	freeis	freaí	não freeis
<b>fream</b>	<b>freiem</b>	<b>freiem</b>	não <b>freiem</b>

Os verbos terminados em *-iar*, em sua maioria, conjugam-se regularmente, com exceção de cinco verbos: *ansiar*, *incendiar*, *mediar*, *odiar* e *remediar*. Nesses verbos, o “i” de *-iar* muda para “ei”. Veja um exemplo da flexão de *incendiar*, cujas formas rizotônicas encontram-se também em negrito:



As iniciais desses cinco verbos, se dispostos na sequência *mediar*, *ansiar*, *remediar*, *incendiar* e *odiar*, formam a sigla “MARIO”.

Indicativo Presente	Subjuntivo Presente	Imperativo	
		Afirmativo	Negativo
<b>incendeio</b>	<b>incendeie</b>	-	-
<b>incendeias</b>	<b>incendeies</b>	<b>incendeia</b>	não <b>incendeies</b>
<b>incendeia</b>	<b>incendeie</b>	<b>incendeie</b>	não <b>incendeie</b>
incendiamos	incendiamos	incendiamos	não incendiamos
incendiais	incendieis	incendiai	não incendieis
<b>incendeiam</b>	<b>incendeiem</b>	<b>incendeiem</b>	não <b>incendeiem</b>

## Atividade 1

### Atende ao Objetivo 1

Preencha as lacunas com uma das opções entre parênteses. Ao final da atividade, justifique as suas escolhas, pautando-se nos conhecimentos recentemente adquiridos.

Márcia \_\_\_\_\_ por uma nova chance em sua empresa. (*ansia, anseia*)

Eu \_\_\_\_\_ com meu cão todos os dias. (*passeo, passeio*)

Os juízes \_\_\_\_\_ os melhores candidatos ao final do concurso. (*premiar, premeiam*)

O líquido \_\_\_\_\_ todo o vasilhame. (*permeou, premeiou*)

Pode deixar que eu mesmo \_\_\_\_\_ a situação (*remedio, remedeio*)

Justificativas:

---



---



---



---



---

### Resposta comentada

Márcia **anseia** por uma nova chance em sua empresa. (*ansia, anseia*)

Eu **passeio** com meu cão todos os dias. (*passeo, passeio*)

Os juízes **premiar** os melhores candidatos ao final do concurso.

(*premiar, premeiam*)

O líquido **permeou** todo o vasilhame. (*permeou, premeiou*)

Pode deixar que eu mesmo **remedeio** a situação. (*remedio, remedeio*)

Justificativas:

Todas as formas rizotônicas dos verbos terminados em *-ear* recebem “i” após o “e”, fato que ocorre em *anseia* e *passeio*. Nesse sentido, *permeou* não o recebeu por se tratar de uma forma arrizotônica, haja vista que a sílaba tônica de *permea* ocorre fora do radical *perme-*.

Nos terminados em *-iar*, só recebem “e” as formas rizotônicas dos verbos *remediar*, *ansiar*, *remediar*, *odiar* e *ansiar*. Desse modo, *remedeio* é a flexão correta para *remediar* (por ser uma forma rizotônica) e *premiar* para *premiar*, uma vez que este último não está entre os verbos terminados em *-iar* que sofrem alteração quando em forma arrizotônica.

## Verbos de particípio irregular

Há alguns verbos da 2ª e 3ª conjugações que apresentam apenas particípio irregular, isto é, não apresentam a terminação *-ido*. Eles são os seguintes:

Infinitivo	Particípio	Infinitivo	Particípio
dizer	dito	pôr	posto
escrever	escrito	abrir	aberto
fazer	feito	cobrir	coberto
ver	visto	vir	vindo

Vale ressaltar que os derivados desses verbos também apresentam apenas particípio irregular. Veja: *desdito*, *reescrito*, *contrafeito*, *previsto*, *imposto*, *entreaberto*, *descoberto*, *convindo*, etc.

Segundo Cunha e Cintra (2001), a esse grupo, devemos acrescentar os verbos *ganhar*, *gastar* e *pagar*, todos da primeira conjugação, cujos particípios têm sido empregados quase que exclusivamente em suas formas irregulares, a saber: *ganho*, *gasto* e *pago*.

## Verbos abundantes

Abundantes são os verbos que possuem duas ou mais formas equivalentes. De regra, essa abundância ocorre no particípio de alguns verbos, que apresentam uma forma reduzida ou anormal da forma regular em *-ado* ou *-ido*.

Quanto ao uso, a forma regular é empregada na constituição dos tempos compostos da voz ativa, isto é, acompanhada dos verbos auxiliares *ter* e *haver*; a irregular, usa-se preferencialmente na formação dos tempos da voz *passiva*, ou seja, acompanhada do auxiliar *ser*, mas podendo ser empregada também em função adjetiva após o auxiliar *estar* (ou, ainda, *ficar*, *andar*, *ir* e *vir*). Vejamos os principais verbos abundantes e seus particípios.

### Da 1ª conjugação

Infinitivo	Particípio regular	Particípio irregular
aceitar	aceitado	aceito, aceite
entregar	entregado	entregue
enxugar	enxugado	enxuto
expressar	expressado	expresso
expulsar	expulsado	expulso
isentar	isentado	isento
matar	matado	morto
salvar	salvado	salvo
soltar	soltado	solto
vagar	vagado	vago

### Da 2ª conjugação

Infinitivo	Particípio regular	Particípio irregular
acender	acendido	aceso
benzer	benzido	bento
eleger	elegido	eleito
incorrer	incorrido	incurso
morrer	morrido	morto
prender	prendido	preso
romper	rompido	roto
suspender	suspendido	suspenso

## Da 3ª conjugação

Infinitivo	Particípio regular	Particípio irregular
emergir	emergido	emerso
exprimir	exprimido	expresso
extinguir	extinguido	extinto
frigir	frigido	frito
imergir	imergido	imerso
imprimir	imprimido	impresso
inserir	inserido	inserto
omitir	omitido	omisso
submergir	submergido	submerso

### Atividade 2

#### Atende ao Objetivo 2

Preencha as lacunas, empregando adequadamente o particípio do verbo expresso entre parênteses. Ao final, justifique suas escolhas.

Tudo foi \_\_\_\_\_ numa só palavra. (*dizer*)

Quando cheguei à cozinha, ela já havia \_\_\_\_\_ todo o piso. (*enxugar*)

Marcos, mais uma vez, foi \_\_\_\_\_ do colégio. (*expulsar*)

Ele havia \_\_\_\_\_ uma garrafa nova de vinho apenas para utilizar uma colher de sopa em sua receita. (*abrir*)

Há um tempão queria saber se já tinha \_\_\_\_\_ um quarto e você não me diz que o seu está \_\_\_\_\_. (*vagar*)

Justificativas:

---



---



---



---



---



### Resposta comentada

Tudo foi dito numa só palavra. (*dizer*)

Quando cheguei à cozinha, ela já havia enxugado todo o piso. (*enxugar*)

Marcos, mais uma vez, foi expulso do colégio. (*expulsar*)

Ele havia aberto uma garrafa nova de vinho apenas para utilizar uma colher de sopa em sua receita. (*abrir*)

Há um tempão queria saber se já tinha vagado um quarto e você não me diz que o seu está vago (*vagar*).

Justificativas:

As formas *dito* e *aberto* são as únicas possíveis para os verbos *dizer* e *abrir*. Em se tratando dos outros verbos, são todos abundantes, devendo utilizar os participípios regulares quando os auxiliares forem *ter* e *haver*, e os irregulares quando os auxiliares forem *ser* e *estar* (ou *ficar*, *andar*, *ir* e *vir*).

## Verbos impessoais e unipessoais

Existem verbos que são flexionados apenas em alguns tempos, modos ou pessoas.

Quando a flexão do verbo se restringe ao uso da 3ª pessoa, temos verbos *impessoais* ou *unipessoais*. Por verbos *impessoais*, compreendemos os verbos que não admitem sujeito, como, por exemplo, os que exprimem fenômenos da natureza, como *chover*, *trovejar*, *ventar* (que formam orações sem sujeito e só podem ser expressos na 3ª pessoa do singular); por *unipessoais*, aqueles que, devido a seu significado, flexionam-se sempre na 3ª pessoa do singular e do plural, muito embora admitam sujeitos gramaticais. Como exemplo desta categoria estão os verbos que indicam vozes de animais, como *ganir*, *ladrar*, *zurrar*.

### Verbos impessoais

Os verbos *impessoais* são empregados, invariavelmente, na 3ª pessoa do singular, uma vez que não possuem sujeito. Assim:

a) Os verbos que exprimem fenômenos da natureza, como:

alvorecer	chover	nevar	saraivar
amanhecer	chuviscar	orvalhar	trovejar
anoitecer	estiar	relampejar	ventar



Alguns desses verbos, em contextos especiais, metaforicamente, podem ser utilizados como verbos pessoais. Veja estes exemplos retirados do Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa:

- “A plateia trovejou aplausos ao fim da apresentação.”
- “Os meninos amanheceram bem-dispostos.”
- “Algumas flores anoiteceram murchas.”

Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/>. Acesso em: 28 maio 2013.

b) O verbo *haver* na acepção de “existir” e o verbo *fazer* quando indica tempo decorrido:

Houve muitos convidados na festa.

Faz dez anos que saí de Cabo Frio.

c) certos verbos que indicam necessidade, conveniência ou sensações, quando preposicionados:

Chega de bagunça!

Basta de lamentações!

## Verbos unipessoais

São *unipessoais* os verbos que, pelo sentido, só admitem um sujeito da 3ª pessoa do singular ou do plural. Assim:

- a) os verbos que exprimem uma ação ou um estado próprio de um determinado animal:

Mal dormi, porque o cão ladrou a noite toda.

Não atravesse agora, aquele cão do outro lado rosnou em nossa direção.

- b) os verbos que indicam necessidade, conveniência, sensações, quando têm por sujeito um substantivo ou uma oração substantiva:

Convém acordar mais cedo!

Parece que estamos perdidos!

- c) verbos cujo sentido só se aplicam à 3ª pessoa como *acontecer*, *concernir*, *grassar*, *constar*, *assentar*, etc.

Aconteceram muitos acidentes no último verão.

Consta uma dívida em nosso controle.

## Verbos defectivos

São considerados *verbos defectivos* os verbos que não se flexionam em todos os tempos, modos ou pessoas, porque, por motivos variados, tais flexões caíram em desuso.

Algumas vezes, o desuso de uma forma verbal é ocasionada por sua pronúncia antieufônica (exemplo: *abolir*, 1ª pessoa do singular do presente do indicativo) ou homofônica (exemplos: *soer* e *falir*, 1ª pessoa do singular do presente do indicativo) e, por esse motivo, não foram fixadas pelo uso. Há, porém, casos de verbos defectivos que não se explicam por nenhuma razão de ordem fonética, mas pelo simples desuso.

Em sua maioria, os *verbos defectivos* pertencem à 3ª conjugação e podem ser distribuídos em dois grupos principais:

### 1º grupo

Verbos que não possuem a 1ª pessoa do *presente do indicativo* e, consequentemente, nenhuma das pessoas do *presente do subjuntivo* nem as formas do *imperativo* que delas se derivam, ou seja, todas as formas do

*imperativo negativo* e três do *imperativo afirmativo*, a saber: a 3ª pessoa do singular e a 1ª e a 3ª pessoas do plural. Veja o exemplo do verbo *abolir*.

Indicativo Presente	Subjuntivo Presente	Imperativo	
		Afirmativo	Negativo
-	-	-	-
aboles	-	bane	-
abole	-	-	-
abolimos	-	-	-
abolis	-	bani	-
abolem	-	-	-

Seguem o mesmo modelo de *abolir* os verbos:

aturdir	carpir	exaurir	imergir
banir	colorir	fremir	jungir
brandir	demolir	fulgir	retorquir
brunir	emergir	haurir	ungir

## 2º grupo

Verbos que, no *presente do indicativo*, só se conjugam nas formas arizotônicas e não possuem nenhuma das pessoas do *presente do subjuntivo* nem do *imperativo negativo*. No imperativo afirmativo, apresentam apenas a 2ª pessoa do plural. Veja um exemplo:

Indicativo Presente	Subjuntivo Presente	Imperativo	
		Afirmativo	Negativo
-	-	-	-
-	-	-	-
-	-	-	-
falimos	-	-	-
falis	-	fali	-
-	-	-	-

Seguem o mesmo modelo os seguintes verbos:

aguerir	delinquir	empedernir	puir
combalir	descomedir-se	foragir-se	remir
comedir-se	embair	fornir	renhir

Paralelamente a esse modelo da 3ª conjugação, acrescentam-se os verbos *adequar*, da 1ª conjugação, *precaver* e *reaver*, da 2ª conjugação. No caso de *precaver*, nas demais flexões, tal verbo é conjugado regularmente, não sendo derivado de *ver* ou de *vir*. Já no caso de *reaver*, tal verbo é conjugado apenas nas formas em que há a letra “v”.

### Atividade 3

#### Atende ao Objetivo 3

a) Complete as lacunas com flexões do verbo *precaver* sempre que possível.

É bom que você se \_\_\_\_\_ contra assaltos (*precavenha, previna*)

É bom que eu me \_\_\_\_\_. Essa gente é falsa. (*acautele, precava*)

Pedi-lhe que se \_\_\_\_\_ contra o perigo dos tóxicos. (*precavesse, prevenisse*)

Abra os olhos! \_\_\_\_\_! (*Precavenha-se, Cuide-se*)

b) Marque (V) para verdadeiro e (F) para falso, conforme a adequação dos verbos destacados nas frases a seguir:

( ) É necessário que se demola o prédio.

( ) Eu sempre contribuo com as tarefas de casa.

( ) Não bana as pessoas de sua casa.

( ) Infelizmente, ele faliu.

( ) Eu reavi o dinheiro.

c) Marque (I), (U) e (D), conforme os verbos destacados sejam *impessoais*, *unipessoais* ou *defectivos*.

- ( ) Antes da chuva, ventou e trovejou muito.
- ( ) O gato miava sobre o telhado.
- ( ) Os vestidos assentaram-lhe bem.
- ( ) Agora, deixa que eu coloro.
- ( ) Há muitas coisas a fazer hoje.
- ( ) O ouro fulgia, resplandecente.

### **Respostas comentadas**

a)

É bom que você se **previna** contra assaltos. (*precavenha, previna*)

É bom que eu me **acautele**. Essa gente é falsa. (*acautele, precave*)

Pedi-lhe que se **precavesse** contra o perigo dos tóxicos. (*precavesse, prevenisse*)

Abra os olhos! **Cuide-se!** (*precavenha-se, cuide-se*)

Justificativa

O verbo *precaver* é defectivo. Não se flexiona nas formas rizotônicas, assim como não se flexiona nas formas derivadas de formas rizotônicas. Por esse motivo, não apresenta algumas flexões do presente do indicativo e nenhuma do presente do subjuntivo. Desse modo, a única opção em que o verbo *precaver* é possível é na terceira, *precavesse*. Vale ressaltar que a flexão é *precavesse*, na medida em que o verbo se conjuga regularmente nas demais flexões.

b)

(F) É necessário que se demola o prédio.

(V) Eu sempre contribuo com as tarefas de casa.

(F) Não bana as pessoas de sua casa.

(V) Infelizmente, ele faliu.

(F) Eu reavi o dinheiro.

### Justificativas

Os verbos *demolir* e *banir* não se conjugam na 1ª pessoa do presente do indicativo e em nenhuma das pessoas do presente do subjuntivo.

Em relação a *falir*, tal verbo só não se conjuga nas formas rizotônicas. Como a acentuação tônica recai fora do radical, a forma *faliu* é possível.

No que se refere à forma *reaver*, tal verbo flexiona-se como o verbo *haver*, ocorrendo apenas nas flexões em que há o “v” no radical. Desse modo, sabendo-se que o pretérito perfeito do indicativo de *haver* é *houve*, concluímos que a flexão correta para o exemplo seria *reouve*.

Em relação ao verbo *contribuir*, trata-se de um verbo regular, e não defectivo.

(c)

(I) Antes da chuva, ventou e trovejou muito.

(U) O gato miava sobre o telhado.

(U) Os vestidos assentaram-lhe bem.

(D) Agora, deixa que eu coloro.

(I) Há muitas coisas a fazer hoje.

(D) O ouro fulgia, resplandecente.

### Justificativas

Os verbos *ventar*, *trovejar* e *haver* (no sentido de “existir”) são impessoais, na medida em que não admitem sujeito. Os verbos *miar* e *assentar*, embora apresentem sujeito, pelo sentido, são empregados apenas na 3ª pessoa do singular ou do plural e, por isso, são unipessoais. Os verbos *colorir* e *fulgir* são defectivos, na medida em que não se flexionam em alguns tempos e pessoas verbais.

## Conclusão

O sucesso no domínio da norma culta da Língua Portuguesa inclui o aprendizado e domínio das diversas “armadilhas” da conjugação verbal.

A adequada flexão dos verbos terminados em *-ear* e os terminados em *-iar* que sofrem alteração na flexão quando rizotônica, a identificação dos verbos abundantes e daqueles de particípio irregular, de modo a empregá-los em acordo com a norma padrão da língua portuguesa, além do reconhecimento dos verbos impessoais, unipessoais e defectivos, flexionando-os em acordo com a norma padrão da língua portuguesa, são fundamentais para dar mais um passo na direção do referido sucesso.

### **Atividade final**

#### **Atende aos Objetivos 2 e 3**

Faça uma pequena pesquisa sobre a utilização dos tipos de verbos utilizados nesta aula (defectivos, impessoais, unipessoais, de particípio abundante) com seus familiares e/ou amigos. Escolha alguns desses verbos e peça para eles os utilizarem em alguma frase.

Por exemplo, você pode escrever algumas frases e pedir para eles lerem e comentarem:

- *Já não vínhamos aqui haviam mais de três meses.*
- *Ele colore todos os livros da escola.*
- *O povo quer que o congresso abola as leis ultrapassadas.*
- *Perdemos os documentos na semana passada, mas já reavimos tudo, felizmente!*
- *Fazem dois anos que tudo acabou.*

Anote as respostas e leve ao fórum da Plataforma para comentar com seus colegas e tutores.

#### **Resposta comentada**

Ao fazer essa pesquisa, você observará que as pessoas dos mais variados níveis de escolaridade, muitas vezes, não se dão conta dos problemas de concordância ou voltarão e lerão algum trecho mais de uma vez, ficando na dúvida.



## Resumo

Nesta aula, lidamos com os verbos terminados em *-ear* e cinco dos verbos terminados em *-iar* (*mediar, ansiar, remediar, incendiar* e *odiar*), que exigem um paradigma de flexão diferente, conforme sua acentuação tônica recaia dentro ou fora do radical. Paralelamente, trabalhamos o emprego dos particípios dos verbos abundantes e dos verbos que admitem apenas particípio irregular, bem como o reconhecimento e o emprego dos verbos impessoais, unipessoais e defectivos.

## Informação sobre a próxima aula

Na próxima aula, daremos início ao segundo módulo de nosso curso, com o estudo da estrutura das palavras.

Até lá!



# Aula 13

A estrutura das palavras da  
língua portuguesa

*Ronaldo Amorim Lima;  
Ivo da Costa do Rosário*

## **Meta**

Apresentar os principais elementos mórficos que constituem a palavra em Língua Portuguesa.

## **Objetivos**

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

1. comparar diferentes perspectivas teóricas sobre a descrição dos morfemas da Língua Portuguesa;
2. identificar os principais elementos mórficos da palavra;
3. diferenciar os morfemas de um vocábulo.

## Introdução

Com esta aula, iniciamos o segundo módulo do nosso curso. Após termos percorrido o conceito e objeto da morfologia e suas divisões, o conceito de morfema e de palavra, os diferentes morfemas na estrutura verbal e nominal, além de uma longa discussão acerca dos processos de flexão e derivação, é hora de discutirmos um pouco sobre a estrutura das palavras da Língua Portuguesa.

Segundo Basílio (2000), durante muito tempo, a análise gramatical considerou a palavra como a unidade mínima de análise linguística, ou seja, as palavras eram consideradas indivisíveis, embora pudessem apresentar variação de forma. Com o avanço dos estudos na área de morfologia, essa perspectiva foi totalmente ultrapassada, visto que é possível propor uma linha de estudos que analise os elementos internos que constituem as palavras.

Ao longo de todo o caminho percorrido até aqui, deu para perceber que a formação e a estrutura das palavras em português não segue uma perspectiva aleatória, não é verdade? Muito pelo contrário! Há regras claras que governam as combinações possíveis entre os morfemas e, consequentemente, que afetam a estrutura das palavras.

Por exemplo, quando vemos a palavra *felizmente*, percebemos que há uma base mais estável nessa palavra, que é utilizada na língua sem a presença necessária do sufixo *-mente*, ou seja, temos a palavra *feliz* como adjetivo recorrente em português, como forma livre. Essa mesma palavra pode dar origem, entre outros vocábulos, à palavra *infeliz*. Assim, para dizermos que uma pessoa não é feliz, é desnecessário criar outro vocábulo totalmente diferente. Basta acrescentar um elemento mórfico (no caso, o prefixo *-in-*) e, por meio desse recurso, que é regular na língua, criamos outra palavra com noção antônima à palavra original. É nesse sentido que dizemos: a estrutura das palavras não tem caráter arbitrário ou não é aleatória. Ao contrário, dá-se por meio de uma considerável regularidade.

As regras de formação são muito variadas. No caso da palavra *felizmente* e *infeliz*, notamos a existência de apenas dois elementos mórficos (*feliz* + *mente*; *in* + *feliz*). A estruturação das palavras em Língua Portuguesa, contudo, admite possibilidades de maior complexidade. Vejamos alguns exemplos, somente de palavras simples:

feliz – 1 forma livre indivisível.

in-feliz – 1 forma livre e 1 forma presa.

feliz-es – 1 forma livre e 1 forma presa.

in-feliz-es – 1 forma livre e 2 formas presas.



A palavra composta por um único morfema é chamada monomorfêmica. É o caso da palavra *feliz*.

Diante do exposto, você deve estar se perguntando: Que elementos constituem as palavras em português? Que diferença há entre eles? Como esses elementos agem e que significações carregam? É possível, de fato, sistematizar os morfemas que integram todo o léxico da nossa língua? É sobre esses pontos que vamos conversar nesta aula.



## Estrutura das palavras – primeiras reflexões

Como já falamos anteriormente, a estrutura das palavras, bem como seus processos principais de criação, não seguem caminhos aleatórios. Ao contrário, apresentam muito mais regularidades que irregularidades.

Diversos estudiosos têm-se dedicado à tarefa de conceituar e caracterizar esses elementos. Assim, é comum que um mesmo elemento

constitutivo do vocábulo receba uma denominação em determinada perspectiva teórica e outra denominação em outra linha de investigação. Por exemplo, Martinet dá o nome de *monema* à forma mínima que estabelece uma relação entre um significante e um significado, e *morfema*, para o autor, é um tipo de monema que representa um conceito gramatical.

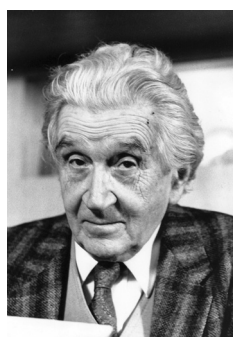
Já Câmara Jr. não trabalha com a noção de monema. Assim, o que para Martinet é monema, para Câmara Jr. é *morfema*. O que é morfema para Martinet equivale ao que é *morfema gramatical* para Câmara Jr. Sintetizando o que dissemos, eis o quadro a seguir:

Martinet	Câmara Jr.
monema	morfema
morfema	morfema gramatical

Assim sendo, devemos tomar muito cuidado ao tomar os conceitos não só da morfologia, mas de todos os outros ramos da ciência linguística. Afinal, um mesmo conceito, como vemos, pode receber significações diferentes, a depender da corrente teórica a que é filiado. Essa reflexão também serve para alertar que existe a possibilidade de, em suas pesquisas, você verificar um determinado conceito tratado nesse material didático com um foco ou significado diferente, se comparado a outra fonte de pesquisa. Na maioria das vezes, não se trata de erro. É apenas uma perspectiva de trabalho diferente. O.k.?



## André Martinet



Fonte: <http://www.inforef.be/projets/jeparledoncjecris/amartinet.htm>

Linguista francês, professor de linguística francesa e grande nome do funcionalismo linguístico, André Martinet nasceu a 12 de abril de 1908 em Saint-Albans-des-Villards (Savoie) e faleceu a 16 de julho de 1999 em Châtenay-Malabry.

Enquanto jovem, manteve correspondência com os mestres do Círculo Linguístico de Praga, o que lhe permitiu contactar com o estruturalismo linguístico e desenvolver mais tarde o funcionalismo, teoria que viria a influenciar profundamente as seguintes gerações de linguistas, na medida em que representou mais um paradigma em linguística. Foi professor na École Pratique des Hautes Études, entre os anos de 1938-1946 e de 1955-1999. Lecionou também na Universidade da Columbia (Nova York), entre 1946 e 1955, data em que regressa a Paris para ocupar uma cátedra na Universidade de Sorbonne e na Universidade de Paris V. Durante os tempos em que viveu nos Estados Unidos, teve oportunidade de contactar com outros nomes proeminentes na linguística do século XX, como Roman Jakobson, e com discípulos de E. Sapir e de Leonard Bloomfield. Distinguiu-se pelo desenvolvimento do funcionalismo, na sequência do estruturalismo, e aplicou este paradigma linguístico à fonologia, morfologia e sintaxe do francês, constituindo também uma referência para o estudo da fonética diacrónica e da variação dialetológica. Publicou vinte livros e centenas de artigos. Teve grande influência na obra do linguista português Jorge Morais Barbosa e na do linguista brasileiro Joaquim Mattoso Câmara JR.

Disponível em: [http://www.infopedia.pt/\\$andre-martinet;jsessio\\_nid=a1BM21hVdZUZ3IomzBVwNw\\_\\_](http://www.infopedia.pt/$andre-martinet;jsessio_nid=a1BM21hVdZUZ3IomzBVwNw__). Acesso em: 09 jun. 2013.

Feitas essas ressalvas, para esta aula, analisaremos os elementos constitutivos da palavra em dois grandes blocos. O primeiro bloco se ocupará dos chamados elementos mórficos significativos. São eles: raiz, radical, vogal temática, tema, afixos e desinência. O segundo bloco é constituído pelos chamados elementos mórficos não significativos. São eles: vogal de ligação e consoante de ligação. Mas antes vamos fazer uma atividade para sistematizar o que lemos até aqui.



## Atividade 1

### Atende ao objetivo 1

De acordo com a linguística francesa, o *semantema* é um tipo de elemento mórfico que corresponde a um conceito da natureza humana, ou seja, faz referência ao mundo biossocial. Contraste esse conceito com os conceitos de *monema*, de Martinet, e de *morfema*, de Câmara Jr. Compare ambos os conceitos e diga se eles correspondem a uma mesma ideia ou a ideias diferentes.

---

---

---

---

---

---

---

---

### Resposta comentada

Como falamos na primeira seção desta aula, cada corrente teórica propõe o seu conjunto de conceitos. Muitas vezes, as diferenças entre eles são muito grandes. Monema (cf. Martinet) e morfema (cf. Câmara Jr.), de fato, são noções correspondentes. Servem tanto para designar conceitos gramaticais (como gênero, número, pessoa, modo, tempo, etc.) quanto para designar os elementos do mundo biossocial, por meio de raízes e radicais lexicais. O semantema, por sua vez, sendo um “elemento mórfico que corresponde a um conceito da natureza humana”, alinha-se somente com os elementos do mundo biossocial. Assim, *mar*, *sol*, *cant-* (do verbo *cantar*), etc. seriam exemplos de semantema, mas não *-s* (desinência de plural) ou *-a* (desinência de gênero), por exemplo. Em síntese, há correspondência entre monema e morfema, mas não entre ambos esses conceitos e semantema.

---

---

---

---

## Elementos mórficos significativos

Os elementos mórficos significativos são assim chamados porque, de fato, trazem uma carga semântica definida adjungida à forma. Vamos começar a análise de cada elemento?

### Raiz

A raiz de uma palavra é conhecida como o elemento que nunca se altera. Trata-se de um elemento mórfico primário de significação comum a um conjunto de vocábulos. Zanotto (1988, p. 35) aponta como os teóricos têm analisado esse elemento mórfico:

Diz Sausurre que raiz é o ‘elemento irreduzível e comum a todas as palavras da mesma família (1972, 255). Celso Luft, por sua vez, afirma que ‘é a parte significativa central das palavras, obtida pela eliminação dos afixos, vogal temática e desinência’ (1972, 90). É, portanto, o semantema de Vendryes, ou o lexema de André Martinet. É o elemento que se repete em todas as palavras cognatas, às vezes com pequenas variações (alomorfes). Sob o aspecto sincrônico, a raiz coincide com o radical primário.

Essa explanação de Zanotto (1988) é muito esclarecedora, pois reúne uma série de características da raiz: elemento irreduzível, elemento comum a todas as palavras, parte significativa central, radical primário. Por meio dessas características, é possível identificar, sem grandes dificuldades, a raiz das palavras a seguir (cf. ZANOTTO, 1988, p. 35):

- a) TERR-a, TERR-inha, en-TERR-ar.
- b) LETR-a, LETR-eiro, LETR-ado.
- c) CABEL-o, CABEL-udo, des-CABEL-ado.

Você deve ter percebido que a raiz dessas palavras é justamente a parte em destaque, ou seja, as letras versais. O procedimento adotado para depreensão da raiz consistiu em eliminar os outros elementos mórficos, como apontou Luft (1972, *apud* ZANOTTO, 1988, p. 35), procurando-se manter o elemento central das palavras em termos de origem e significação.

É por esse motivo que alguns autores chamam a raiz de semantema. De fato, é a raiz que possui a “semântica” central da palavra. É ela que concentra o significado lexical do vocábulo, seu núcleo semântico.

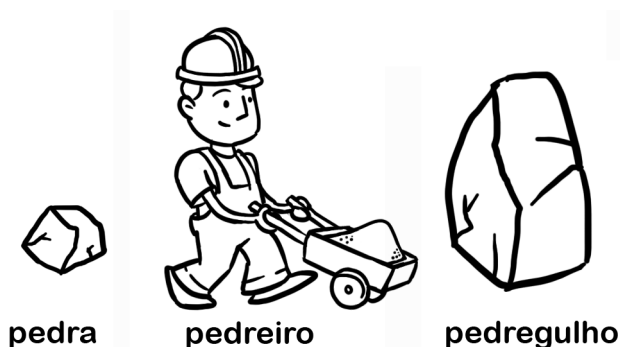
Indo a outros exemplos, na palavra *amanhecer*, dizemos que a raiz é *manh-*, pois esse é o elemento mais primitivo da palavra, ou seja, o elemento que está na base, por exemplo, das palavras *manhã* e *amanhecer* (e flexões verbais diversas). Entretanto, deve-se ter cuidado para não fazer associações equivocadas. Por exemplo, na palavra *manha* (no sentido de mania), vemos uma raiz idêntica à raiz de *manhã*, mas não podemos falar que ambas possuem a mesma raiz, visto que o significado de *manh-* em cada uma das duas palavras é bem diferente. São raízes homônimas apenas, ou seja, são duas formas diferentes, com significados diferentes, mas grafadas da mesma forma. O mesmo ocorre com as palavras *terra* e *terror*. Por apresentarem significados bem distintos, não é correto afirmarmos que ambas possuem a mesma raiz.



As palavras que pertencem a uma mesma *família de palavras*, ou seja, que têm a mesma raiz, chamam-se palavras cognatas. Exemplos:

Pedra – pedreiro, pedregulho, pedrada.

Ferro – ferreiro, ferrugem, ferragem.



Como você pode perceber, de acordo com o que estabelecemos desde o início do nosso curso, a abordagem que trazemos para o conceito de raiz é essencialmente sincrônica, ou seja, não está preocupada com o étimo ou origem histórica da palavra. Frisamos esse ponto porque, para

alguns autores, a raiz de uma palavra seria o elemento primitivo em termos históricos, ou seja, o que surgiu primeiro na história da língua. Esse, como já dissemos, não é nosso foco.

## Radical

O radical é o elemento mórfico principal de uma palavra. É, portanto, o elemento que está presente em todas as formas do vocábulo. Rocha (2003) apresenta-nos um recurso muito útil para encontrarmos o radical de uma palavra. Segundo o autor, deve-se flexionar o nome em gênero e número e o verbo em pessoa, número, tempo e modo. A parte da palavra comum às variações de flexão será justamente o radical. Vejamos alguns exemplos:

Item lexical	Radical	Item lexical	Radical
terra	terr-	terreno	terren-
teatro	teatr-	apalavrado	apalavrad-
menino	menin-	varrer	varr-
cozinheiro	cozinheir-	soltar	solt-
estudante	estudent-	esclarecer	esclarec-
belo	bel-	estudioso	estudios-

Como vemos, o radical inclui a raiz (o elemento mais central) e alguns elementos afixais que entram na formação das palavras. Monteiro (2002) apresenta-nos a análise da palavra *marinheirosco*, que nos ajuda a compreender a distinção entre raiz e radical. Vejamos:

- [mar] – radical de 1º grau
- [marinh] – radical de 2º grau
- [marinheir] – radical de 3º grau
- [marinheirosc] – radical de 4º grau

A palavra *marinheirosco* apresenta como radical de 1º grau o elemento mórfico *mar*. Você já deve ter concluído que esse radical de 1º grau é justamente a raiz da palavra. Assim, *raiz* é o mesmo que *radical de 1º grau* ou ainda *radical primário*. A partir do radical de 1º grau, outros elementos vão sendo adjungidos à palavra, o que possibilita a apreensão de outros radicais, em outros níveis. No exemplo dado, temos radicais de 1º, 2º, 3º e 4º graus, pois a palavra primitiva *mar* deu origem a, pelo menos, mais três vocábulos em Língua Portuguesa: *marinha*, *marinheiro*, *marinheirosco*.

Cabe acrescentar, entretanto, que é comum associarmos o termo *radical* ao elemento de grau mais elevado, ou seja, na palavra *marinheirosco*, em termos mais gerais e básicos, é comum afirmar que o radical é *marinheirosc-*, sem necessária referência aos seus outros níveis de constituição vocabular. Seleciona-se, portanto, o radical final como radical propriamente dito da palavra. Esse será o ponto de vista que adotaremos em nossa aula.

Zanotto (1988, p. 35) apresenta-nos proposta semelhante à de Monteiro (2002), com apenas algumas alterações na nomenclatura utilizada. Vejamos:

Vocábulo	Radical primário ou raiz	Radical secundário	Radical terciário	Radical quaternário
civilização	civil-	civiliz-	civilizaçã-	-
infelicitar	felic-	infelic-	infelicit-	-
desenterradas	terr-	enterr-	desenterr-	desenterrad-

Observe que o radical primário ou raiz de Zanotto (1988) equivale ao radical de 1º grau de Monteiro (2002). O radical secundário do primeiro autor equivale ao radical de 2º grau do segundo autor, e assim sucessivamente.



Além dos conceitos de tema (que se verá à frente), raiz e radical, alguns linguistas costumam empregar o termo *base*, definido como toda forma a que se podem acrescentar afixos de qualquer tipo. Na prática, embora a base se confunda, às vezes, com o tema, o radical ou a raiz, constitui o elemento sobre o qual se assenta a regra de formação de palavra. Dessa forma, base pode ser qualquer unidade morfológica, com exceção dos afixos. Assim, *-screver* é a base de [pre] para formar *prescrever*, mas *prescrev-* é base de [ção] para formar *prescrição*. Trata-se, portanto, de um termo mais geral.

## Vogal temática e tema

Vogal temática, segundo Zanotto (1988, p. 39), “é um segmento fônico que se acrescenta ao radical (primário ou não) para agrupar vocábulos (nomes e verbos) em categorias”. Com a *vogal temática*, que é uma vogal final, o radical passa a ser conhecido como *tema*. O tema (radical + vogal temática) é, portanto, o elemento mórfico que está pronto para receber os morfemas próprios das categorias gramaticais, ou seja, as desinências.

Em português, os temas se classificam em nominais e verbais. Os nominais findam quase sempre com as vogais átonas *-a*, *-o* e *-e*, ao contrário dos verbais, cujas vogais temáticas podem ser tônicas, e são sempre *-a*, *-e* e *-i*.

Cabe acrescentar que, no caso dos verbos, é justamente a vogal temática o elemento responsável por classificar essas palavras nos diferentes paradigmas de conjugação, como se verá adiante.

- Assim, os nomes, em sua maioria, se agrupam em três tipos de temas:
  - a) tema em /a/ - vida, terra, beleza;
  - b) tema em /o/ - feio, cachorro, mosaico;
  - c) tema em /e/ - triste, decente, pedestre.
  
- Os verbos, por sua vez, se enquadram em três grupos:
  - a) tema em /a/ - cantar, pular, viajar (verbos da 1ª conjugação);
  - b) tema em /e/ - correr, fazer, saber (verbos da 2ª conjugação);
  - c) tema em /i/ - sair, fugir, partir (verbos da 3ª conjugação).

Em primeiro lugar, é preciso fazer algumas observações quanto aos nomes. Como já dissemos, a vogal temática dos nomes é sempre átona. Dessa forma, palavras como *alvará*, *irmã*, *jacaré*, *bisturi*, *complô*, *angu*, etc., todas oxítonas, ou seja, terminadas em vogal tônica, não possuem vogal temática e, em consequência disso, também não possuem tema. Tais vocábulos são denominados *atemáticos*, ou seja, sem tema.

O mesmo ocorre com a vogal *-a* final indicadora do gênero feminino. Nas palavras *professora*, *menina*, *gata*, a vogal final também não é considerada vogal temática. Ao contrário, trata-se de uma desinência de gê-

nero, como você já estudou em aulas anteriores. Essas palavras estão em oposição a *professor*, *menino*, *gato*. Daí depreendemos que as palavras *dentista* e *borracha*, por exemplo, possuem vogal temática final *-a*, pois esse elemento mórfico não pode ser considerado desinência. Afinal, não temos as palavras “dentisto” e “borracho”, como vocábulo masculinos.

Ainda com relação aos nomes, constatamos que nem todos terminam com vogal, deixando por isso de apresentar um tema concreto. As palavras *carnaval*, *mulher*, *inglês*, *qual*, *etc.*, à maneira dos vocábulos oxítonos, também são *atemáticos*, isto é, não possuem vogal temática.

A vogal temática, por ser átona, em contato com sufixo iniciado por vogal, sofre **elisão** (vogais distintas) ou crase (vogais iguais). Vejamos:

- a) lindo + íssimo = \*lindoíssimo → lindíssimo.
- b) casa + ebre = \*casaebre → casebre.
- c) lindo + a = \*lindoa → linda.

Com os nomes terminados por vogal tônica ou nasal, deixará de haver elisão:

- a) caju + ina = cajuína.
- b) Pará + ense = paraense.
- c) Piauí + ense = piauiense.

Só em casos excepcionais, a vogal tônica desaparece, como em *Ceará + ense = cearaense → cearense*.

### Elisão

No encontro de duas palavras, supressão da vogal átona final de uma delas ao contato da vogal inicial da outra.

## Afixo

Conforme Zanutto (1988, p. 36), os “afixos são segmentos fônicos acrescentados antes, no meio, ou depois do radical (primário ou não), constituindo, respectivamente, prefixos, infixos ou sufixos. São, pois, morfemas aditivos, representados por formas presas”.

É muito comum as gramáticas da Língua Portuguesa apresentarem apenas dois tipos de afixo: o sufixo e o prefixo. De fato, esses são os principais e mais produtivos. Por outro lado, alguns linguistas apontam que a lista de afixos vai além desses dois elementos. Zanutto, como vimos, acrescenta o *infixo*. Outros autores, como Monteiro (2002), apresentam uma lista ainda maior. Pela clareza e profundidade com que esse tema é tratado por Monteiro (2002), vejamos como o autor aborda as particularidades desses elementos mórficos:

**PREFIXO** – acrescenta-se antes de um vocábulo existente: grato → ingrato.

Entre as diversas características dos prefixos, apontamos as seguintes:

- Aparecem antes da raiz, modificando o significado do vocábulo primitivo. Assim, em *ingrato*, o prefixo modifica o valor do vocábulo *grato*, trazendo-lhe a ideia de negação.
- São menos integrados à base, sendo possível destacá-los, como nos exemplos seguintes: **re** + atar; **in** + feliz; **des** + dizer, etc.
- Não servem para indicar as funções gramaticais dos vocábulos. O gênero e o número, por exemplo, em português, não são marcados por prefixos.
- Em geral, não mudam a classe gramatical das palavras. Se acrescentarmos prefixos ao verbo **pôr**, por exemplo, continuarão sendo verbos (apor, repor, impor, dispor, depor, expor, opor, transpor, etc.).

Vale destacar que muitas palavras que outrora continham prefixos hoje, em perspectiva sincrônica, que é a que se adota neste material, devem ser analisadas como simples. Exemplos: objeto, derivar, biscoito, exausto.

**SUFIXO** – vem após o radical ou tema de uma palavra: grato → gratidão.

Vejam algumas características dos sufixos:

- Não se destacam sempre com facilidade, pois são bem mais integrados que os prefixos. Por exemplo, na palavra *condutor*, o sufixo é **-tor** ou **-or**?
- Depois do destaque, resta geralmente só um pedaço de palavra, e não uma forma livre. Exemplos: relat + **or**, cabeç + **udo**, algu + **ém**.
- Não podem ser empregados como formas livres ou dependentes.
- Não alteram fundamentalmente o significado do radical. Por exemplo, com o radical *livr-*, é possível acrescentar vários sufixos como **-aria**, **-eiro**, **-inho**, **-eto** etc, sem prejuízo semântico para o radical.
- Muitos sufixos servem para mudar a classe ou função da palavra. Assim, **-izar** transforma um nome em verbo (canal → canalizar, real → realizar).



Como você deve estar percebendo, os prefixos apresentam comportamento bem distinto dos sufixos, ao contrário do que muitas vezes pode parecer quando analisamos algumas gramáticas tradicionais da Língua Portuguesa. Normalmente, a única distinção que se faz entre prefixo e sufixo diz respeito à ordem no vocábulo. Os prefixos vêm antes do radical; os sufixos vêm depois. Isso é verdadeiro, mas não dá conta da complexidade dos usos desses elementos morfológicos.

A partir desse ponto, veremos alguns outros afixos que raramente são abordados pelos especialistas em morfologia. Certamente isso se deve ao fato de que tais afixos não são consensualmente definidos e/ou reconhecidos pelos teóricos. Muitos deles nem mesmo existem em Língua Portuguesa. Monteiro (2002) descreve-os com clareza. Decidimos abordar esses elementos, pois nosso objetivo maior é lhe oferecer uma formação ainda mais completa e holística. Vejamos:

**INTERFIXO** – une uma raiz a um sufixo ou dois radicais de um composto: grat-**i**-dão; fil-**ó**-sofo; café-**t**-eira; am-**á**-vel; cas-**u**-al; pega-**j**-oso. É um morfe vazio e átono. Para Monteiro (2002), em português, os interfixos equivalem às vogais e consoantes de ligação. Apresentaremos algumas características do interfixo, mas voltaremos ao assunto da vogal e consoante de ligação um pouco mais à frente.

- Aparece entre a base e o sufixo ou terminação verbal.
- Há autores que os incorporam ao sufixo, considerando-se o produto um alomorfe. Outros negam a possibilidade dessa incorporação por aumentar demasiadamente o número de alomorfes da língua.
- Em alguns contextos, os interfixos podem ter *status* de morfema. Ex: vend-**á**-vel (que se vende com facilidade) × vend-**i**-vel (que pode ser vendido); vest-**u**-ário (traje) × vest-**i**-ário (compartimento onde se troca de roupa).

**INFIXO** – insere-se dentro de outro morfe, normalmente a raiz. Por exemplo, é um afixo comum na língua **chamorra**. Nessa língua, *hasso* (pensar) - *h-in-asso* (pensamento).

- Segundo Monteiro (2002), os casos de infixos no português são raríssimos. Há autores que admitem a existência de infixos em alguns diminutivos (samba → samb-**inh**-a; cinema → cinem-**inh**-a) e na palavra p-**in**-icar (de picar).

### Chamorro

Língua falada na ilha de Guam e nas ilhas Marianas do Norte, na Oceania, com influência espanhola. O chamorro possui uma grande quantidade de palavras procedentes do castelhano (aproximadamente 50% do vocabulário), mas, ao contrário deste, pode-se considerar realmente um espanhol crioulo: o chamorro também usa geralmente vocabulários emprestados do estilo micronésio.  
(Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua\\_chamorro](http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua_chamorro))

**CIRCUNFIXO** – aplica-se a uma base no início e no fim, caracterizando-se como um afixo descontínuo. Na língua georgiana, *katam* (galinha) → **sa**-katam-**e** (galinheiro).

- Alguns autores admitem que a parassíntese é um caso de circunfixação, mas esse é um tópico muito polêmico, ainda sob discussão. Por exemplo, *noite* → **anoitecer**; *pobre* → **empobrecer**.

**TRANSFIXO** – insere-se, de forma descontínua, em mais de um ponto da raiz, dividindo-a: em árabe, *r-s-m* (desenhar) → r-**a**-s-**i**-m (que desenha).

**CONFIXO** – combina-se com outro elemento; ambos nunca empregados isoladamente como formas livres: *poliedro* → poli-edro, *polígono*. Envolve prefixos gregos e latinos, além de radicais dessas mesmas línguas.

Você sabia que existia essa rica lista de afixos? Que tal continuar pesquisando esse assunto? É um tema, de fato, muito fascinante!

## Desinência

As desinências são elementos mórficos de significação interna da palavra, que se pospõem a radicais ou a temas, acrescentando uma noção gramatical à palavra. As desinências podem ser nominais (quando se referem a nomes, acrescentando-lhes as noções de gênero e número) ou verbais (quando se referem aos verbos, acrescentando-lhes uma noção modo-temporal ou número-pessoal).

Com relação ao gênero dos nomes, a desinência nominal de feminino é “-a”. Assim, temos *belo* para o gênero masculino com desinência de masculino Ø, e *bela* para o gênero feminino com desinência de feminino -a. Observe que tomamos um nome em função adjetiva para ilustrar o uso da desinência de feminino -a.

Com relação aos nomes em função substantiva, há controvérsias entre os estudiosos de morfologia. Assim, para alguns, no par *menino* × *menina*, o -a do nome feminino (*menina*) não é considerado como desinência, mas como um “atualizador lexical”, nas palavras de Carvalho (1984). Assim, nesse par *menino* × *menina*, por exemplo, sob essa perspectiva, não haveria um caso de flexão, mas de derivação. O argumento apresentado é que *menino* e *menina*, apesar da identidade formal

de palavras, representam dois elementos diferentes do mundo bio-social, o que, de fato, é diferente do caso dos adjetivos que, normalmente, flexionam-se com o objetivo de estabelecerem concordância com o núcleo substantivo.

Há também quem defenda a ideia de que o *-o* de *menino* não seria vogal temática, mas desinência nominal de gênero masculino, ao contrário da tradição gramatical que considera Ø (morfema zero) como a desinência de gênero masculino nessa palavra. Essas são controvérsias que se encontram abertas à discussão. Há bons argumentos de ambos os lados, mas, para nosso objetivo neste curso, preferimos nos alinhar à perspectiva mais clássica de considerar *-a* como desinência de gênero feminino (tanto nos nomes substantivos quanto nos nomes adjetivos) e o *-o* como vogal temática dos nomes (tanto substantivos quanto adjetivos).

Com relação à desinência de número, basicamente, em português, utiliza-se Ø para o singular e o morfema *-s* para indicação do plural.

As desinências verbais modo-temporais e número-pessoais, por sua vez, apresentam um vasto conjunto de formas distintas para as diferentes noções gramaticais do verbo em português, inclusive com muitas alomorfas. Você já estudou essas desinências quando passou pelas Aulas 9, 10, 11 e 12 do módulo anterior.

## Atividade 2

*Atende aos objetivos 2 e 3*

Identifique a raiz e o radical das palavras a seguir:

a) sapo

---

b) pedreiro

---

c) louvarei

---

d) sapatinho

---

e) corrida

---

f) amássemos

---

g) empobrecimento

---

h) pagamento

---

i) terminalidade

---

j) caríssimos

---

### ***Resposta comentada***

- a) A raiz e o radical da palavra coincidem: sap-
  - b) A raiz da palavra é pedr-, e o radical é pedreir-
  - c) A raiz e o radical da palavra coincidem: louv-
  - d) A raiz da palavra é sapat-, e o radical é sapatinh-
  - e) A raiz da palavra é corr-, e o radical é corrid-
  - f) A raiz e o radical da palavra coincidem: am-
  - g) A raiz da palavra é pobr-, e o radical é empobreciment-
  - h) A raiz da palavra é pag-, e o radical é pagament-
  - i) A raiz da palavra é termin-, e o radical é terminalidad-
  - j) A raiz da palavra é car-, e o radical é caríssim-
- 
- 
- 

---

---

---

### ***Atividade 3***

---

---

---

#### ***Atende ao objetivo 2***

Identifique a vogal temática das palavras e classifique-a em vogal temática nominal (N) ou vogal temática verbal (V):

Vocábulo	Vogal temática	Nominal (N) ou verbal (V)
perderíamos		
estudaram		
calamos		
corrêsseis		
sapato		
mesa		
café		
pó		
celular		
livro		
macieira		
maçã		

### **Resposta comentada**

Como falamos anteriormente, as vogais temáticas verbais são as seguintes: *-a, -e, -i*. As vogais temáticas nominais são: *-a, -e, -o*. Os nomes terminados em vogais tônicas e em consoantes são atemáticos, ou seja, não possuem vogal temática. Veja as respostas e confira:

Vocábulo	Vogal temática	Nominal (N) ou verbal (V)
perderíamos	E	V
estudaram	A	V
calamos	A	V
corrêsseis	E	V
sapato	O	N
mesa	A	N
café	-	-
pó	-	-
celular	-	-
livro	O	N
macieira	A	N
maçã	-	-

## Atividade 4

Atende aos objetivos 2 e 3

Qual é a diferença entre vogal temática e tema?

---

---

---

### Resposta comentada

*Vogal temática* é um segmento fônico que se acrescenta ao radical (primário ou não) para agrupar vocábulos (nomes e verbos) em categorias. O *tema* é justamente a união do radical mais a vogal temática. Assim, no caso do verbo *acender*, por exemplo, a vogal temática é *-e* (o que indica que esse verbo é da segunda conjugação). Unindo-se o radical (*acend-*) à vogal temática (*-e*), chegamos ao tema do verbo: *acende*.

---

---

---

## Atividade 5

Atende aos objetivos 2 e 3

Escreva (P) se a característica em destaque faz referência ao prefixo ou (S) se a referência é feita ao sufixo.

- ( ) Aparece antes da raiz do vocábulo.
- ( ) Quase sempre altera o significado da base.
- ( ) Não pode ser empregado como forma livre ou dependente.
- ( ) Não serve para indicar as funções gramaticais do vocábulo.
- ( ) Não se destacam com facilidade.
- ( ) Alguns mudam a classe da palavra.

**Resposta comentada**

A resposta correta é a seguinte: P – P – S – P – S – S.

- De fato, os prefixos aparecem antes da raiz do vocábulo (Exemplo: infeliz). Os que aparecem depois são os sufixos (exemplo: felizmente).
- Os prefixos também quase sempre alteram o significado da base (exemplo: incapaz é justamente o contrário de capaz).
- Os sufixos não podem ser empregados como forma livre ou dependente (exemplo: em rapidez, o sufixo será sempre uma forma presa; já em contrapor o prefixo contra pode até mesmo funcionar na língua como uma forma livre).
- O prefixo não serve para indicar a função gramatical do vocábulo. Já com os sufixos é diferente (exemplo: feliz é adjetivo; felizmente é advérbio).
- Os sufixos não se destacam com facilidade. Já com os prefixos, isso ocorre mais facilmente (exemplo: vide contrapor, já apontado anteriormente).
- Por fim, os sufixos fazem com que muitas palavras mudem de classe (exemplo: vide felizmente, também já apontado anteriormente).

---

---

---

---

---

---



---

---

---

---

---

---

**Atividade 6**


---

---

---

---

---

---

*Atende ao objetivo 3*

Que diferença podemos estabelecer entre INTERFIXO e INFIXO de um lado, e CIRCUNFIXO e TRANSFIXO de outro?

---

---

---

---

---

---

**Resposta comentada**

Os **infixos** inserem-se dentro de outro morfe, normalmente a raiz; já os **circunfixos** aplicam-se a uma base no início e no fim, caracterizando-

-se como um afixo descontínuo. **Transfixos**, por sua vez, inserem-se, de forma descontínua, em mais de um ponto da raiz, dividindo-a, ao contrário dos **confixos**, que se combinam com outro elemento, ambos nunca empregados isoladamente como formas livres. Vale destacar que não há consenso sobre a existência desses afixos em Língua Portuguesa. Normalmente, os normativistas não os consideram.

## Atividade 7

*Atende aos objetivos 2 e 3*

Da mesma forma como há vogais temáticas nominais e verbais, também há desinências verbais e nominais. As desinências verbais expressam as noções de modo-tempo e número-pessoa. As desinências nominais, por sua vez, expressam as noções de número e gênero. Analise as desinências destacadas e indique se são desinências verbais ou nominais.

a) pontes

b) meninas

c) devêssemos

d) partiremos

e) meninos

### Resposta comentada

Em *a*, *b* e *e* temos exemplos de desinências nominais. Já em *c* e *d* temos exemplos de desinências verbais. Em *a* e *e*, temos desinências nominais de número plural. Em *b*, temos desinência nominal de gênero feminino. Em *c*, temos desinência verbal modo-temporal. Em *d*, temos desinência verbal número-pessoal.



## Elementos mórficos não significativos

Destacamos a vogal e a consoante de ligação entre os chamados elementos mórficos não significativos. Elas surgem em palavras como *cafeZinho*, *gasôômetro* e *andamento*, por exemplo (são os elementos em destaque). Recebem essa classificação, pois, de fato, comportam-se mais como elementos fonético-fonológicos do que morfológicos propriamente ditos.

Monteiro (2002) considera-os como interfixos. Zanotto (1988, p. 37), por sua vez, nos traz a informação de que outros autores consideram as consoantes e vogais de ligação como infixos. Por outro lado, este autor acrescenta que tais classificações não são adequadas, pois “esses fonemas não interferem na significação do vocábulo, ficando, assim, descaracterizados como morfemas”. De fato, esses elementos servem apenas para “ligar” uma base ao sufixo. Entram na estrutura da palavra para harmonizar o vocábulo, tornando-o mais eufônico.

Câmara Jr. defende a ideia de que esses fonemas agregam-se ao morfema seguinte constituindo um caso de alomorfia. Assim, ao lado do sufixo *-inha*, presente em diversas palavras, sendo o mais comum, temos também o sufixo *-zinha*, na palavra *florzinha*. Nesses casos, segundo Câmara Jr., em vez de considerarmos o *Z* de *florzinha* como uma consoante de ligação unida a um sufixo, o autor defende que esse *Z*, juntamente com *-inha*, compõe um alomorfe. Afinal, de fato, esses elementos são vazios. Os morfemas, por outro lado, pela sua definição e conceituação, são elementos sempre providos de significado. Esse é um forte argumento para que a vogal e a consoante de ligação, de fato, não sejam consideradas morfemas.

### Atividade 8

*Atende aos objetivos 2 e 3*

Identifique as consoantes e vogais de ligação das palavras, circulando-as.

- a) frutífero
- b) boquiaberto
- c) pontiagudo
- d) paulada

- e) chaleira
- f) cafeteira
- g) cafezal
- h) friorento
- i) pezinho
- j) sonolento
- k) padeiro

### ***Resposta comentada***

As vogais e consoantes de ligação estão destacadas em letras versais nas palavras a seguir:

- a) frut-Í-fero
  - b) boqu-I-aberto
  - c) pont-I-agudo
  - d) pau-L-ada
  - e) cha-L-eira
  - f) café-T-eira
  - g) café-Z-al
  - h) frio-R-ento
  - i) pe-Z-inho
  - j) sono-L-ento
  - k) pa-D-eiro
- 
- 
- 

## **Conclusão**

Caro aluno, como você percebeu, a morfologia dos vocábulos em Língua Portuguesa é muito rica. Isso ficou comprovado nesta aula, cujo objetivo foi analisar a estrutura mórfica das palavras. É importante continuar se aprofundando nesse estudo, buscando novos autores e obras que tratem desse tópico. Há muitos dissensos entre os autores. Isso deve nos encorajar ainda mais ao aprofundamento e à busca por novos conhecimentos.

## Atividade final

*Atende aos objetivos 1, 2 e 3*

Vamos agora realizar alguns exercícios para relembrarmos os conceitos aqui apresentados e as distinções estabelecidas.

1. Entre as palavras a seguir, destacamos alguns elementos. Classifique-os, utilizando o código fornecido.

- |                                  |                                   |
|----------------------------------|-----------------------------------|
| ( 1 ) raiz                       | ( 7 ) sufixo                      |
| ( 2 ) radical                    | ( 8 ) desinência nominal          |
| ( 3 ) vogal temática nominal     | ( 9 ) desinência verbal           |
| ( 4 ) vogal temática verbal      | ( 10 ) consoante de ligação       |
| ( 5 ) tema                       | ( 11 ) vogal de ligação           |
| ( 6 ) prefixo                    |                                   |
| ( ) <u>afina</u> ção             | ( ) <u>fabr</u> icação            |
| ( ) <u>agil</u> idade            | ( ) <u>pade</u> iro               |
| ( ) <u>canta</u> ríamos          | ( ) <u>part</u> iremos            |
| ( ) <u>canta</u> ríamos          | ( ) <u>pedregul</u> ho            |
| ( ) <u>canta</u> rí <u>mos</u>   | ( ) <u>pente</u> s                |
| ( ) <u>capin</u> zal             | ( ) <u>põe</u> s                  |
| ( ) <u>creme</u>                 | ( ) <u>ponti</u> agudo            |
| ( ) <u>empedr</u> ado            | ( ) <u>porc</u> a                 |
| ( ) <u>empedr</u> ado            | ( ) <u>reclama</u> ção            |
| ( ) <u>emporc</u> alhado         | ( ) <u>trans</u> formação         |
| ( ) <u>emporc</u> alh <u>ado</u> | ( ) <u>trans</u> forma <u>ção</u> |

2. Pense e responda: por que alguns autores não consideram a vogal e a consoante de ligação como morfemas?

---



---

### Resposta comentada

1.

( 3 ) afina <u>ç</u> ão	( 1 ) <u>f</u> abricação
( 11 ) agili <u>d</u> ade	( 10 ) pa <u>d</u> eiro
( 5 ) <u>c</u> anta <u>r</u> íamos	( 4 ) part <u>i</u> remos
( 9 ) cantari <u>a</u> mos	( 2 ) <u>p</u> edregulho
( 9 ) cantarí <u>a</u> mos	( 8 ) pent <u>e</u> s
( 10 ) capin <u>z</u> al	( 4 ) pô <u>e</u> s
( 3 ) creme <u>e</u>	( 11 ) ponti <u>a</u> gudo
( 2 ) <u>e</u> mpedr <u>a</u> do	( 8 ) por <u>c</u> a
( 6 ) <u>e</u> mpedr <u>a</u> do	( 5 ) <u>r</u> eclama <u>ç</u> ão
( 1 ) em <u>p</u> orcalh <u>a</u> do	( 6 ) <u>t</u> ransforma <u>ç</u> ão
( 7 ) emporcalh <u>a</u> do	( 7 ) transforma <u>ç</u> ão

Caro aluno, se você sentiu dificuldades para fazer um desses exercícios, retorne ao conteúdo teórico, releia o material e procure seu tutor para tirar dúvidas. O.k.?

2.

A vogal e a consoante de ligação não são consideradas morfemas por muitos autores, porque, de fato, são elementos vazios de significado. Assim sendo, os autores buscam alternativas para a descrição desses elementos. Câmara Jr., por exemplo, propõe que o sufixo ligado a esses elementos seja considerado alomórfico.

---

---

### Resumo

Tivemos a oportunidade de analisar a estrutura das palavras da Língua Portuguesa. Em um primeiro momento, constatamos que os conceitos na área de morfologia, assim como também em outras, tendem a ser distintos, a depender da corrente teórica a que estão ligados. Assim sendo, precisamos ter cuidado ao usar os diferentes termos da morfologia.

Depois, analisamos os chamados elementos mórficos significativos. Entre eles, destacamos a raiz, o radical, a vogal temática, o tema, os afixos e as desinências. Nesse bloco, também percebemos que há dissensões quanto a alguns conceitos e classificações.

Por fim, analisamos os elementos mórficos não significativos, que são as vogais e consoantes de ligação. Verificamos que alguns autores chegam, inclusive, a lhes negar o estatuto de morfema, já que são vazios de significado.

### **Informação sobre a próxima aula**

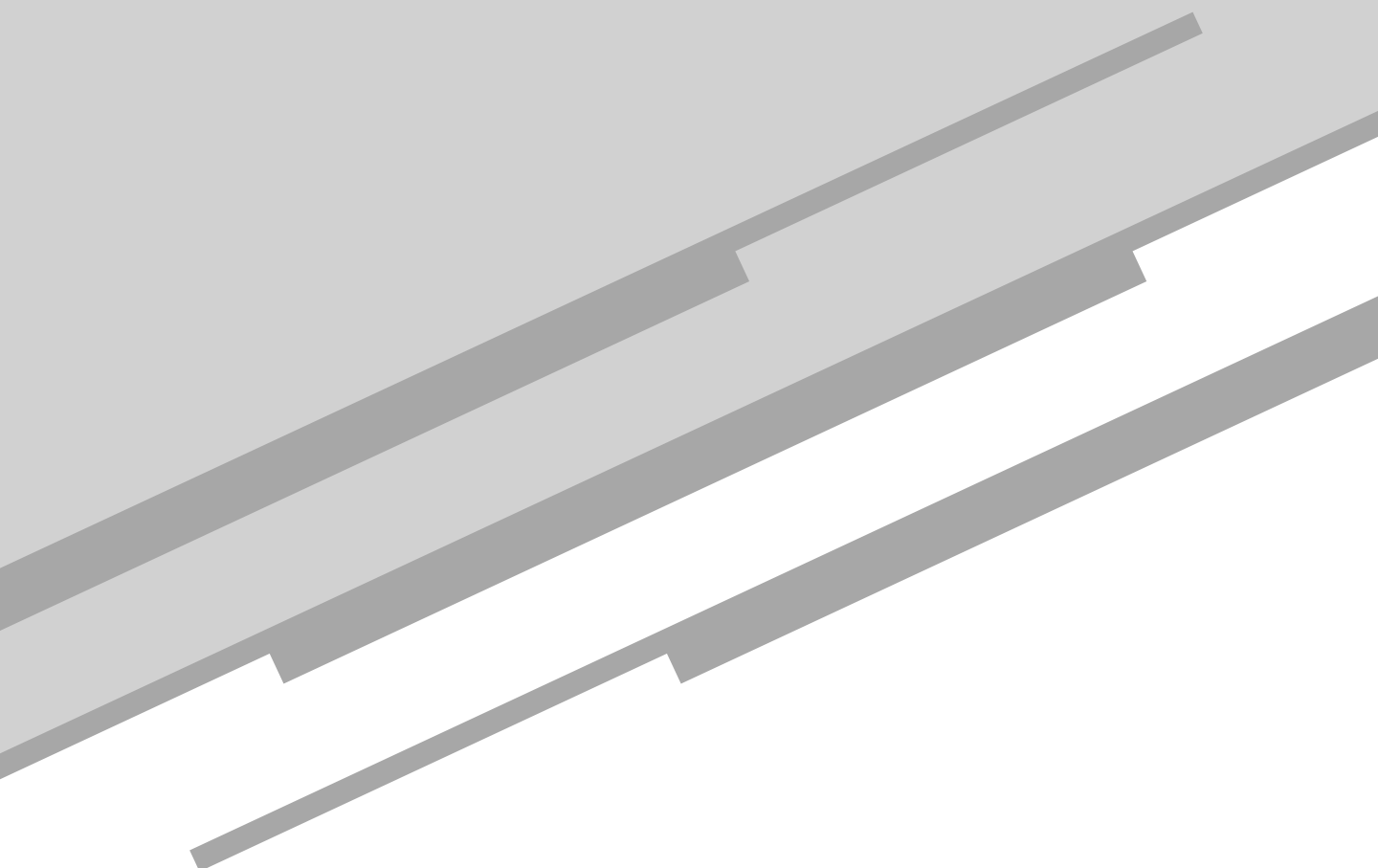
Na próxima aula, abordaremos os principais processos de formação de palavras na Língua Portuguesa. Você terá oportunidade de conhecer os processos gerais e especiais de formação de palavras. Também serão discutidas as motivações para a formação de vocábulos.

Até lá!



# Aula 14

## Processos de formação de palavras I



*Monclar Guimarães Lopes;  
Ronaldo Amorim Lima*

## **Meta**

Apresentar os processos gerais de formação de palavras, dando ênfase, nesta aula, aos processos de formação por composição.

## **Objetivos**

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer a importância dos processos de formação de palavras para o léxico;
2. identificar os diferentes processos de formação de palavras;
3. reconhecer os dois processos de formação por composição, a saber: a justaposição e a aglutinação;
4. distinguir o significado dos compostos eruditos a partir do significado de seus radicais.



## Introdução

E Marcelo continuou pensando:

Pois é, está tudo errado! Bola é bola, porque é redonda. Mas bolo nem sempre é redondo. E por que será que a bola não é a mulher do bolo? E bule? E belo? E bala? Eu acho que as coisas deviam ter nome mais apropriado. Cadeira, por exemplo. Devia chamar sentador, não cadeira, que não quer dizer nada. E travesseiro? Devia chamar cabeceiro, lógico! Também, agora, eu só vou falar assim.

ROCHA, Ruth. *Marcelo, marmelo, martelo e outras histórias*. São Paulo: Salamandra, 1999, p. 13.

A personagem infantil do conto de Ruth Rocha, ao compreender o caráter arbitrário, convencional da língua, questiona o porquê da não existência de uma motivação morfológica para todas as palavras que constituem o léxico da língua portuguesa. Ao acreditar que a língua tenha sido criada por um determinado ser humano, Marcelo considera o sistema linguístico inconsistente: *Sabe, papai, eu acho que o tal de latim botou nome errado nas coisas!* (ROCHA, 1999, p. 11).

Provavelmente, as reflexões de Marcelo acerca de uma formação de palavras pautada exclusivamente em motivações morfológicas, tal como propõe em *cabeça* → *cabeceiro*, *sentar* → *sentador*, advêm de seu conhecimento sobre outras formas linguísticas baseadas nesse paradigma, como, por exemplo, em *camisa* → *camiseiro*, *correr* → *corredor*, etc. – em que há recorrência dos mesmos radicais e de sufixos de mesmo valor semântico.

De fato, formar palavras a partir de outras já existentes torna o sistema linguístico mais leve, funcional e econômico. Se todas as palavras, quando elaboradas, fossem novas em folha, nossa memória necessitaria de muito mais recursos do que os que comumente utilizamos. Inclusive, nesse caso, poderíamos fazer uma analogia com o computador pessoal: quanto mais recursos um programa utiliza, mais se exige da memória do computador e, conseqüentemente, mais lento é o processamento.

Sob esse prisma, você será apresentado aos diferentes processos de formação de palavras existentes em língua portuguesa e entenderá a razão pela qual muitas palavras são formadas a partir de outras já existentes. Nesta aula, especificamente, introduziremos os processos gerais de for-

mação de palavras e ater-nos-emos ao processo de composição – a justaposição e a aglutinação. O estudo mais aprofundado do processo de derivação e aos demais processos de formação de palavras será feito na próxima aula. Bons estudos!

## Motivação para a formação de palavras

Margarida Basílio (2004, p. 10) pede-nos para imaginar que cada conceito novo que surgisse fosse correspondente a algo como um número de telefone, por exemplo. Desse modo, todas as palavras, mesmo quando elaboradas a partir de um mesmo conceito, deveriam ser explicadas e decoradas, uma vez que perderiam quaisquer relações de semelhança interna, pois seriam novas em folha, e não formadas a partir de formas já existentes. Sob essa hipótese, a grande quantidade de informação tornaria o sistema linguístico altamente complexo e exigiria um alto custo de processamento da memória. Pensemos, por exemplo, na palavra *guarda-roupa*. Mesmo que jamais tivéssemos ouvido tal palavra, conseguiríamos inferir seu significado através do conhecimento que temos de seus dois radicais constituintes. Porém, se em tal palavra não se observassem regras de formação pautadas nas palavras que lhe deram origem, como em um número de telefone, qualquer processo inferencial seria impossível.

Portanto, formar palavras novas a partir de material já existente no léxico torna o sistema linguístico mais econômico, funcional e dinâmico, capaz de se expandir à medida que se manifesta a necessidade de novas unidades de designação. Nesse sentido, o léxico não corresponde apenas a um conjunto de palavras – que pode ser verificado nos enunciados de uma língua ou representado nos dicionários (léxico externo) –, mas também ao conhecimento de padrões gerais de estruturação, que permitem a interpretação ou produção de novas formas (léxico interno).

A título de ilustração, na década de 1990, o então ministro do trabalho Antônio Magri ficou famoso pelo uso do neologismo *imexível*. Muito embora o vocábulo não existisse nos dicionários de língua portuguesa, foi incorporado posteriormente ao idioma, uma vez que sua estrutura é prevista na língua portuguesa – composta do prefixo latino de negação *i-*, do radical do verbo *mexer*, *mex-*, e do sufixo formador de adjetivos *-vel*.



A elaboração de novas palavras a partir de formas já existentes, como em *imexível*, constitui o léxico virtual da língua, isto é, um sistema de possibilidades admitidas pelo sistema linguístico, mas que, por motivos de natureza arbitrária, ainda não se concretizaram na língua.

---

---

### **Atividade 1**

---

---

*Atende ao objetivo 1*

a) Qual a importância dos processos de formação de palavras para o léxico?

---

---

---

---

---

---

---

### **Resposta comentada**

Os processos de formação de palavras, ao permitirem a expansão do léxico a partir de material já existente, tornam o sistema linguístico mais dinâmico e funcional, na medida em que garantem a eficiência máxima do sistema. Por meio de fórmulas padronizadas de construção de novas palavras, podemos formar ou captar a estrutura de palavras e, portanto, adquirir palavras que já existiam mas que não conhecíamos anteriormente.

---

---

---

## Processos gerais de formação de palavras

Sendo a língua tanto um sistema de classificação das coisas do mundo quanto um sistema de comunicação, ela está em constante processo de mudança, haja vista a dinamicidade do próprio mundo e da comunicação humana. Nessa perspectiva, o léxico é considerado uma espécie de banco de dados previamente classificados, constituído tanto de unidades de designação prontas – as palavras (enquanto **formas livres**) – quanto de morfemas formadores de novas palavras – tais como os afixos (enquanto **formas presas**) –, regras de composição de palavras – de justaposição e aglutinação – e outros processos – tais como a abreviação, a reduplicação, a sigla, etc.

### Forma livre e forma presa

*Forma livre* é aquela que pode por si só constituir um enunciado, ao contrário da *forma presa*, ou afixo, que só pode ocorrer em conjunto com outra, da qual depende (BASÍLIO, 2004, p. 17).

Tal diversidade assegura um grande potencial de atuação dos processos de formação de palavras, ao constituir um extenso léxico virtual, que prevê a expansão do léxico real *ad infinitum*, conforme novas necessidades de designação e comunicação surjam na língua.

Na língua portuguesa, dois tipos de processo de formação são mais recorrentes e, portanto, considerados primários: 1) a composição, que é a formação de uma palavra pela reunião de outras, cujas significações se complementam para formar uma significação nova. Por exemplo: *guarda-chuva*, *planalto* (aglutinação de *plano* + *alto*); 2) a derivação, que é a estruturação de um novo vocábulo na base de outro, por meio de um morfema que não corresponde a um vocábulo e introduz no radical uma ideia acessória que não muda a significação fundamental. Por exemplo: *infeliz*, *refazer*, *tristeza*.

A esses processos, acrescentam-se outros de caráter secundário e, por isso, menos recorrentes, a saber: 3) a abreviação, que consiste na redução do vocábulo, como em *pneu* (abreviação de *pneumático*) e *foto* (de *fotografia*); 4) a reduplicação, que é a repetição da sílaba radical de um vocábulo, sendo, em português, uma conotação de carinho nos nomes de parentesco ou apelidos, como em *papai*, *mamãe* e *titio*, por exemplo; 5) a sigla, que é uma espécie de abreviatura formada, geralmente, a partir das iniciais de nomes ou títulos – por exemplo: ONU (*Organização das Nações Unidas*), Mercosul (*Mercado Comum do Sul*); 6) a onomatopeia, que é um vocábulo que procura reproduzir determinado ruído, pelo efeito acústico produzido por seus fonemas – por exemplo: *tique-taque*, *pingue-pongue*; 7) o estrangeirismo, que é o empréstimo vocabular não integrado na língua portuguesa, revelando-se estrangeiro nos fonemas, na flexão e até na grafia – por exemplo: *shop-*

*ping, show*; 8) o neologismo, que consiste na criação de uma palavra ou expressão nova, ou na atribuição de um novo sentido a uma palavra já existente – por exemplo, em 2006, a mídia categorizou a crise aérea brasileira como *apagação aéreo*. Na época, o uso representou um neologismo, haja vista que o termo *apagação* era utilizado exclusivamente na referência à falta de energia elétrica.

## A composição e a derivação

No tópico anterior, vimos que composição e derivação são os dois processos fundamentais de formação de palavras. Por esse motivo, neste tópico, veremos suas definições e aplicações de forma mais detida e cuidadosa.

### A composição

Por definição, uma palavra é formada por composição quando resulta da união de outras duas ou mais palavras, ditas **simples**. Por exemplo: *guarda-roupa*, *amor-perfeito*, *girassol* (gira + sol), *eletrodoméstico* (elétrico + doméstico).

Vale ressaltar que tais palavras se diferenciam gramatical e semanticamente de certas combinações regulares de lexemas no discurso, como em *cabelo preto*, *barraca de praia*, *escova de dente*, em que observamos a existência de construções sintáticas estáveis, e não de palavras compostas.

Para ser considerada composta, a palavra deve ser vista como uma estrutura fixa, um sintagma reinterpretado como uma unidade lexical nova, cujos componentes não podem sofrer eclipse. Por exemplo, ao passo que poderíamos nos remeter, em um texto, ao termo *barraca de praia* apenas através do núcleo do sintagma – isto é, a palavra *barraca* –, não poderíamos fazer remissão apenas a um dos termos da palavra *guarda-roupa*. Tal ocorrência se deve ao fato de a palavra composta ser interpretada como uma única unidade de significação, como um amálgama. Paralelamente, se acrescentássemos um termo modificador à palavra composta, como em *guarda-roupa azul*, por exemplo, vemos que o adjetivo *azul* não poderia fazer remissão a um dos elementos da palavra composta (não é a roupa que é azul), mas, sim, ao objeto ao qual o nome composto faz remissão, representado somente pela junção dos dois termos. Já em se tratando de uma expressão sintática, como em

#### Palavra simples

É a palavra formada apenas de um radical, independente de ser primitiva ou derivada.

Por exemplo: *feliz*, *infelicidade*, etc.

*barraca de praia azul*, podemos ver que o adjetivo *azul* remete-se apenas ao termo *barraca*.

No que tange à significação, as palavras compostas podem ser composicionais ou não composicionais. Apresentam sentido composicional as palavras cujo significado pode ser entendido como a soma dos significados particulares dos lexemas componentes. Por exemplo: *navioescola* (um navio que serve de escola aos aprendizes de marinheiro), *pseudociência* (uma ciência falsa, isto é, um estudo que se diz científico, mas não é). Apresentam sentido não composicional as palavras compostas cuja relação entre significado e lexema é opaca, geralmente de natureza metafórica ou metonímica. Por exemplo: *olho-de-sogra* (a aparência do doce lembra um olho), *ganha-pão* (o trabalho como meio de se comprar o “pão” de cada dia), etc.

O processo de formação por composição se subdivide, por sua vez, em dois processos: a justaposição e a aglutinação. Por justaposição, compreendem-se os lexemas que podem colocar-se lado a lado, conservando acentuação própria, por exemplo: *girassol*, *passatempo*, *viúva-negra*, *guarda-roupa*. Observe que, em *girassol*, o “ss” é apenas uma representação gráfica do fonema /s/ presente em *sol*. Caso houvesse apenas um “s”, o som seria /z/ pelas regras ortográficas. Por aglutinação, compreende-se uma integração dos lexemas no composto em que haja perda da acentuação própria de um deles, por exemplo: *embora* (em boa hora), *agridoce* (agro + doce). Nos exemplos em análise, além da perda do acento tônico, há perda fonológica, o que se reflete na representação gráfica, ou seja, na ortografia.

## A derivação

Por definição, a derivação é a estruturação de um vocábulo, na base de outro, por meio de um morfema que não corresponde a um vocábulo. Tal morfema pode tanto introduzir no radical uma ideia acessória que não muda a significação fundamental (como no caso dos prefixos) quanto alterar a classe de palavra (como no caso dos sufixos). Em linguagem simples, uma palavra é formada por derivação quando provém de outra, dita **primitiva** (por exemplo, *lapseira* deriva de *lápiz*, *refazer* deriva de *fazer*, *grito* deriva de *gritar*).

Embora, nas gramáticas tradicionais, seja consensual a ideia de que prefixos e sufixos apenas acrescentem ideias acessórias ao radical, vários fatores contribuem para que uma palavra se torne menos transparente.

### Palavra primitiva

É a palavra que não nasce de outra e serve de base para a formação de novas palavras. Por exemplo: *pedra* (que dá origem às derivadas *pedreiro*, *pedregulho*, etc.), *bárbaro* (que dá origem às derivadas *barbaridade*, *barbarismo*, etc.), entre outras.

Isso se deve ao caráter arbitrário da língua, cujas idiossincrasias colaboram para usos criativos, de modo que a significação não possa ser apreendida a partir da junção de radicais e afixos. Como exemplo, podemos analisar as palavras *portão* e *embarcar*. Embora *portão*, em estrito senso, refira-se a uma porta grande, sabemos que utilizamos esse nome para designar a porta que divisa o quintal de nossa casa e a rua, mesmo que esse tenha dimensões menores que uma porta comum, por exemplo. No mesmo sentido, embora *embarcar* tenha como origem a palavra *barco*, tal verbo é utilizado genericamente para vários meios de transporte, e não só para barcos.

Vale ressaltar, ainda, a existência de uma distinção entre flexão e derivação. Enquanto a flexão produz variações da forma de um lexema, não implicando a formação de uma nova palavra – tal como ocorre nas flexões de gênero (por ex., *branco*, *branca*), de número (por ex., *professor*, *professores*), de tempo e modo (por ex., *amou*, *amará*) –, a derivação é um processo que dá origem a novos lexemas, isto é, a novas palavras.

Grosso modo, a derivação trata dos processos de formação de palavras por meio de afixos. A derivação pode ser: 1) prefixal, quando a palavra é formada pela inclusão de um afixo antes do radical, como em *refazer*, *infeliz*, *anormal*, etc.; 2) sufixal, quando o afixo vem colocado após o radical, como em *felizmente*, *tristeza*, *normalidade*, etc.; 3) prefixal e sufixal – quando prefixos e sufixos são intercambiáveis, isto é, quando a palavra pode existir tanto sem o prefixo e com o sufixo quanto com o prefixo e sem o sufixo, como em *inutilidade*, *infelizmente*, *deslealdade*, etc.; 4) parassintética, quando a inclusão de prefixo e sufixo é simultânea, de modo que a palavra não exista tanto sem o prefixo quanto sem o sufixo, como em *empobrecer*, *anoitecer*, *esverdear*, etc.; 5) regressiva, quando em vez de se acrescentarem morfemas (como sufixos e prefixos), extraem-se desinências das palavras – é um processo particularmente produtivo na formação de substantivos derivados de verbos, como em *grito* (derivado de *gritar*), *ataque* (de *atacar*), *perda* (de *perder*), etc.; 6) imprópria ou conversão, quando há mudança de classe de palavra pelo emprego no discurso, e não pelo acréscimo – ou decréscimo – de desinências. Por exemplo: todos têm o dever de respeitar as leis (verbo dando origem a substantivo), Venha rápido! (adjetivo dando origem a advérbio), entre outros.

## Atividade 2

### Atende ao objetivo 2

Relacione as palavras do quadro a seguir às colunas que representam suas respectivas classificações.

água – apontador – metrô – pedra – pé-de-moleque – fidalgo – petróleo  
Zezé – zunzum – computador – livro – livraria – despedir – sempre-viva

Palavra primitiva	Derivação	Composição	Outros processos

### Resposta comentada

Palavra primitiva	Derivação	Composição	Outros processos
água pedra livro	apontador computador livraria despedir	pé-de-moleque fidalgos petróleo sempre-viva	metrô Zezé zunzum

*Água, pedra e livro* são palavras primitivas, na medida em que não têm como origem outras palavras. São as primeiras, no sentido estrito da palavra.

*Apontador, computador, livraria e despedir* são palavras formadas por derivação. O substantivo *ponta* forma o verbo *apontar*, por derivação prefixal, ao passo que *apontar* forma o substantivo *apontador*, derivação sufixal. *Computador* e *livraria* são formados por derivação sufixal, a partir do verbo *computar* e do substantivo *livro*, respectivamente. *Despedir* é derivação prefixal de *pedir*.

*Pé-de-moleque* e *sempre-viva* são composições por justaposição. Nas duas palavras, há a junção de mais de um lexema sem que haja perda da acentuação tônica. Já *fidalgos* (filho de algo) e *petróleo* (pedra + óleo)



são composições por aglutinação, pois um dos lexemas de cada palavra sofre alteração fonológica.

Em *metrô*, temos uma abreviação da forma *metropolitano*; em *Zezé*, uma reduplicação; em *zunzum*, uma onomatopeia.

## Os processos de formação por composição

### Justaposição

Já trabalhamos o conceito de justaposição, que é a formação de palavras a partir de dois ou mais lexemas, sem a perda de acentuação, postos lado a lado. No entanto, existem algumas ocorrências em que se torna difícil reconhecer se uma palavra é realmente uma composição por justaposição ou se uma derivação prefixal. Em *neoliberal* e *superliberal*, por exemplo, temos composição por justaposição na primeira e derivação prefixal na segunda. Mas como, então, procedemos para a diferenciação de tais estruturas? Como sei que *neo* é um radical e *super* é um prefixo?

Os radicais de origem estrangeira, como os gregos e latinos – que formam os ditos compostos eruditos – são fáceis de serem confundidos com prefixos. Para distingui-los, recomenda-se saber que os radicais têm um significado intrínseco, isto é, eles significam algo por si só. Nesse sentido, um radical grego ou latino, quando “traduzido” para o português, seria substituído por uma forma livre, como um substantivo, um adjetivo, um numeral, um pronome, um verbo, um advérbio. Já os prefixos seriam substituídos por elementos de ligação, por formas dependentes, como uma preposição ou conjunção, ou ainda locução prepositiva e conjuntiva. No entanto, essa distinção é controversa. Vários elementos considerados prefixos pela literatura disponível advieram de advérbios, assim como alguns radicais.

A título de ilustração, Pereira (2006), em sua dissertação de mestrado, encontra na literatura elementos que ora são considerados radicais, ora prefixos. Em um estudo comparado das gramáticas de Said Ali (1966), Rocha Lima (1957), Basílio (1974), Cunha & Cintra (2001), Bechara (1966) e Câmara Jr. (1976), a pesquisadora encontra os elementos *não*, *mal* e *contra* ora sendo interpretados como prefixos, ora como radicais.

Haja vista essa divergência de concepção e a falta de consenso entre os autores pesquisados, optamos por dispor, em seção a seguir, uma tabela com os principais radicais gregos e latinos, extraída da gramática de Cunha e Cintra (2009).

## Aglutinação

Trabalhamos o conceito de aglutinação como sendo a formação de palavras a partir de dois ou mais lexemas com a perda da acentuação própria de um deles. Por exemplo, em *boquiaberto* (boca + aberto), o primeiro lexema sofreu alterações fonológicas profundas. Paralelamente, em *fruticultor* (fruta + cultura), *fruta* perdeu sua vogal temática “a”.

Em alguns casos, a aglutinação compromete a composicionalidade da palavra. Em *embora* (em+boa+hora), por exemplo, além de perder-se o sentido original, só é possível depreender as palavras que lhe deram origem diacronicamente.

Vale ressaltar, ainda, a existência de um tipo de aglutinação arbitrária, visando a um efeito de sentido estético. Conhecido como *amálgama lexical*, tal formação constitui um recurso da função poética da linguagem, quase sempre com finalidade expressiva particular e circunstancial. Alguns exemplos: *repugnante* (pulga repugnante), *exposia* (exposição de poesia), *caligrafeia* (letra ruim), entre outros.

## Atividade 3

### Atende ao objetivo 3

Preencha as lacunas com (J) caso haja composição por justaposição e (A) caso haja composição por aglutinação. Ao final da tarefa, justifique o porquê da escolha.

- |                   |                |
|-------------------|----------------|
| ( ) para-raios    | ( ) passatempo |
| ( ) corre-corre   | ( ) vinagre    |
| ( ) aguardente    | ( ) pernilongo |
| ( ) segunda-feira | ( ) frutífero  |
| ( ) planalto      | ( ) paraquedas |
| ( ) pernalta      | ( ) vaivém     |
| ( ) girassol      | ( ) monólogo   |

### Resposta comentada

(J) para-raios	(J) passatempo
(J) corre-corre	(A) vinagre
(A) aguardente	(A) pernilongo
(J) segunda-feira	(A) frutífero
(A) planalto	(J) paraquedas
(A) pernalta	(J) vaivém
(J) girassol	(J) monólogo

Nas palavras em que há justaposição, os lexemas não sofrem alteração sonora. Já nos casos de aglutinação, a perda é nítida. Veja: *aguardente* (água + ardente), *planalto* (plano + alto), *pernalta* (perna + alta), *vinagre* (vinho + acre), *pernilongo* (perna + longo), *frutífero* (fruta + fero).

## Principais radicais gregos e latinos

Uma vez que a distinção entre radicais e prefixos é controversa, como já argumentamos, dispomos a seguir uma tabela com os principais radicais latinos e gregos e suas respectivas significações. Tais radicais são empregados nas palavras compostas eruditas, cuja formação é menos transparente, uma vez que não são empregados em palavras simples.

### Radicais latinos

Funcionam como primeiro elemento da composição os seguintes radicais latinos, em geral terminados em *-i*:

**Tabela 14.1:** Radicais latinos usados como primeiro elemento da composição

Forma	Sentido	Exemplo
<b>ambi-</b>	ambos	ambidestro
<b>arbori-</b>	árvore	arborícola
<b>avi-</b>	ave	avifauna
<b>bis-</b> <b>bi-</b>	duas vezes	bisavô bípede
<b>calori-</b>	calor	calorífero
<b>cruci-</b>	cruz	crucifixo

<b>curvi-</b>	curvo	curvilíneo
<b>equi-</b>	igual	equilátero
<b>ferri-</b> <b>ferro-</b>	ferro	ferrífero ferrovia
<b>igni-</b>	fogo	Ignívomo
<b>loco-</b>	lugar	locomotiva
<b>morti-</b>	morte	mortífero
<b>olei-</b> <b>óleo-</b>	azeite, óleo	oleígeno oleoduto
<b>oni-</b>	todo	onipotente
<b>pedi-</b>	pé	pedilúvio
<b>pisci-</b>	peixe	piscicultor
<b>quadri-</b> <b>quadru-</b>	quatro	quadrimotor quadrúpede
<b>reti-</b>	reto	retilíneo
<b>sesqui-</b>	um e meio	sesquicentenário
<b>tri-</b>	três	tricolor
<b>uni-</b>	um	uníssonos
<b>vermi-</b>	verme	vermífugo

Como segundo elemento da composição, veja a **Tabela 14.2**.

**Tabela 14.2:** Radicais latinos usados como segundo elemento da composição

<b>Forma</b>	<b>Sentido</b>	<b>Exemplo</b>
<b>-cida</b>	que mata	regicida, fraticida
<b>-cola</b>	que cultiva, ou habita	vitícola, arborícola
<b>-cultura</b>	ato de cultivar	apicultura, piscicultura
<b>-fero</b>	que contém, ou produz	aurífero, flamífero
<b>-fico</b>	que faz, ou produz	benéfico, frigorífico
<b>-forme</b>	que tem forma de	cuneiforme, uniforme
<b>-fugo</b>	que foge, ou faz fugir	centrífugo, febrífugo
<b>-gero</b>	que contém, ou produz	armífero, belífero
<b>-paro</b>	que produz	múltiparo, ovíparo
<b>-pede</b>	pé	palmípede, velocípede
<b>-sono</b>	que soa	horrissono, uníssonos
<b>-vomo</b>	que expele	fumívono, ignívomo
<b>-voro</b>	que come	carnívoro, herbívoro

## Radicais gregos

Mais numerosos são os compostos eruditos formados de elementos gregos. Seguem os que, geralmente, são o primeiro elemento da composição.

**Tabela 14.3:** Radicais gregos usados como primeiro elemento da composição

Forma	Sentido	Exemplo
<b>anemo-</b>	vento	anemógrafo, anemômetro
<b>antropo-</b>	homem	antropófago, antropologia
<b>arqueo-</b>	antigo	arqueografia, arqueologia
<b>biblio-</b>	livro	bibliografia, biblioteca
<b>caco-</b>	mau	cacofonia, cacografia
<b>cali-</b>	belo	califasia, caligrafia
<b>cosmo-</b>	mundo	cosmógrafo, cosmologia
<b>cromo-</b>	cor	cromolitografia, cromossomo
<b>crono-</b>	tempo	cronologia, cronômetro
<b>dactilo-</b>	dedo	dactilografia, dactiloscopia
<b>deca-</b>	dez	decaedro, decalítro
<b>di-</b>	dois	dipétalo, dissílabo
<b>enea-</b>	nove	eneágono, eneassílabo
<b>etno-</b>	raça	etnografia, etnologia
<b>farmaco-</b>	medicamento	farmacologia, farmacopeia
<b>fisio-</b>	natureza	fisiologia, fisionomia
<b>helio-</b>	sol	heliografia, helioscópio
<b>hemio-</b>	metade	hemisfério, hemistíquio
<b>hemo-</b>	sangue	hemoglobina
<b>hemato-</b>	sangue	hematócrito
<b>hepta-</b>	sete	heptágono, heptassílabo
<b>hexa-</b>	seis	hexágono, hexâmetro
<b>hipo-</b>	cavalo	hipódromo, hipopótamo
<b>hom(e)o-</b>	semelhante	homeopatia, homógrafo
<b>ictio-</b>	peixe	ictiófago, ictiologia
<b>iso-</b>	igual	isócrono, isósceles
<b>lito-</b>	pedra	litografia, litogravura
<b>mega(lo)-</b>	grande	megatério, megalomaniaco
<b>melo-</b>	canto	melodia, melopeia
<b>meso-</b>	meio	mesóclise, Mesopotâmia
<b>miria-</b>	dez mil	miríade
<b>miso-</b>	que odeia	misógino, misantropo

<b>mito-</b>	fábula	mitologia, mitômano
<b>necro-</b>	morto	necrópole, necrotério
<b>neo-</b>	novo	neolatino, neologismo
<b>neuro-</b>	nervo	neurologia
<b>nevro-</b>	nervo	nevralgia
<b>octo-</b>	oito	octossílabo
<b>odonto-</b>	dente	odontologia, odontalgia
<b>oftalmo-</b>	olho	oftalmologia, oftalmoscópio
<b>onomato-</b>	nome	onomatologia, onomatopeia
<b>oro-</b>	montanha	orogenia, orografia
<b>orto-</b>	reto, justo	ortografia, ortodoxo
<b>oxi-</b>	agudo, penetrante	oxígono, oxítono
<b>paleo-</b>	antigo	paleografia, paleontologia
<b>pan-</b>	todos, tudo	panteísmo, pan-americano
<b>pato-</b>	(sentimento) doença	patogenético, patologia
<b>pedo-</b>	criança	pediatria, pedologia
<b>potamo-</b>	rio	potamografia, potamologia
<b>psico-</b>	alma, espírito	psicologia, psicanálise
<b>quilo-</b>	mil	quilograma, quilômetro
<b>quiro-</b>	mão	quiromancia, quiróptero
<b>rino-</b>	nariz	rinoceronte, rinoplastia
<b>rizo-</b>	raiz	rizofilo, rizotônico
<b>sidero-</b>	ferro	siderólita, siderurgia
<b>taqui-</b>	rápido	taquicardia, taquigrafia
<b>teo-</b>	deus	teocracia, teólogo
<b>tetra-</b>	quatro	tetrarca, tetraedo
<b>tipo-</b>	figura, marca	tipografia, tipologia
<b>topo-</b>	lugar	topografia, toponímia
<b>xeno-</b>	estrangeiro	xenofobia, xenomania
<b>xilo-</b>	madeira	xilógrafo, xilogravura
<b>zoo-</b>	animal	zoógrafo, zoologia

Funcionam, preferencialmente, como segundo elemento da composição:

**Tabela 14.4:** Radicais gregos usados como segundo elemento da composição

Forma	Sentido	Exemplo
<b>-agogo</b>	que conduz	demagogo, pedagogo
<b>-algia</b>	dor	cefalalgia, nevralgia

<b>-arca</b>	que comanda	heresiarca, monarca
<b>-arquia</b>	comando, governo	autarquia, monarquia
<b>-astenia</b>	debilidade	neurastenia, psicastenia
<b>-céfalo</b>	cabeça	dolicocéfalo, microcéfalo
<b>-cracia</b>	poder	democracia, plutocracia
<b>-doxo</b>	que opina	heterodoxo, ortodoxo
<b>-dromo</b>	lugar para correr	hipódromo, velódromo
<b>-edro</b>	base, face	pentaedro, poliedro
<b>-fagia</b>	ato de comer	aerofagia, antropofagia
<b>-fago</b>	que come	antropófago, necrófago
<b>-filia</b>	amizade	bibliofilia, lusofilia
<b>-fobia</b>	inimizade, ódio, temor	fotofobia, hidrofobia
<b>-fobo</b>	que odeia, inimigo	xenófobo, zoófobo
<b>-foro</b>	que leva ou conduz	electróforo, fósforo
<b>-gamia</b>	casamento	monogamia, poligamia
<b>-gamo</b>	que casa	bígamo, polígamo
<b>-gêneo</b>	que gera	heterogêneo, homogêneo
<b>-glota, -glossa</b>	língua	poliglota, isoglossa
<b>-gono</b>	ângulo	pentágono, polígono
<b>-grafia</b>	escrita, descrição	ortografia, geografia
<b>-grafo</b>	que escreve	calígrafo, polígrafo
<b>-grama</b>	escrito, peso	telegrama, quilograma
<b>-logia</b>	discurso, ciência	arqueologia, filologia
<b>-logo</b>	que fala ou trata	diálogo, teólogo
<b>-mancia</b>	adivinhação	necromancia, quiromancia
<b>-mania</b>	loucura, tendência	megalomania, monomania
<b>-mano</b>	louco, inclinado	bibliômano, mitômano
<b>-maquia</b>	combate	logomaquia, tauromaquia
<b>-metria</b>	medida	antropometria, biometria
<b>-metro</b>	que mede	hidrômetro, pentâmetro
<b>-morfo</b>	que tem a forma	antropomorfo, polimorfo
<b>-nomia</b>	lei, regra	agronomia, astronomia
<b>-nomo</b>	que regula	autônomo, metrônomo
<b>-peia</b>	ato de fazer	melopeia, onomatopeia
<b>-pólis, -pole</b>	cidade	Petrópolis, metrópole
<b>-ptero</b>	asa	díptero, helicóptero
<b>-scopia</b>	ato de ver	macroscopia, microscopia
<b>-scópio</b>	instrumento para ver	microscópio, telescópio
<b>-sofia</b>	sabedoria	filosofia, teosofia

<b>-stico</b>	verso	dístico, monóstico
<b>-teca</b>	lugar onde se guarda	biblioteca, discoteca
<b>-terapia</b>	cura	fisioterapia, hidroterapia
<b>-tomia</b>	corte, divisão	dicotomia, nevrotomia
<b>-tono</b>	tensão, tom	barítono, monótono

## Conclusão

Os diferentes processos de formação de palavras representam um sistema dinâmico e econômico na criação de novos vocábulos. O domínio sobre tais processos é de fundamental importância aos estudantes de Letras em geral, que devem compreender os mecanismos de formação lexical existentes na língua portuguesa.

### Atividade final

#### Atende ao objetivo 4

a) Nas palavras *antropologia* e *biblioteca*, os radicais gregos *antropo-* e *biblio-* não poderiam ser confundidos com prefixos. Justifique.

---



---



---



---

b) A partir da lista de radicais latinos e gregos do tópico 5, dê a significação literal das palavras a seguir:

Palavra	Significação
Hipopótamo	
Ortografia	
Ignívomo	
Hematologia	
Topografia	

#### Resposta comentada

a) Os radicais gregos *antropo-* e *biblio-*, de significação *homem* e *livro*, respectivamente, apresentam função de substantivos, de uma for-



ma livre. No tópico “Justaposição”, como vimos, os radicais sempre são representados por uma forma livre, enquanto os prefixos, quase sempre, por formas dependentes – com exceção de alguns advérbios, conforme abordamos.

b)

Palavra	Significação
Hipopótamo	<i>cavalo do rio</i>
Ortografia	<i>escrita correta</i>
Ignívomo	<i>aquele que expede fogo</i>
Hematologia	<i>estudo do sangue</i>
Topografia	<i>descrição do lugar</i>

## Resumo

Os processos de formação de palavras são mecanismos que visam à criação de novas palavras a partir de material já disponível no léxico. Recorrer a tais padrões de formação torna o sistema linguístico mais dinâmico, funcional e econômico.

O objetivo desta aula foi o de apresentá-lo aos processos de formação de palavras existentes na língua portuguesa, dando ênfase aos dois processos de composição, a justaposição e a aglutinação.

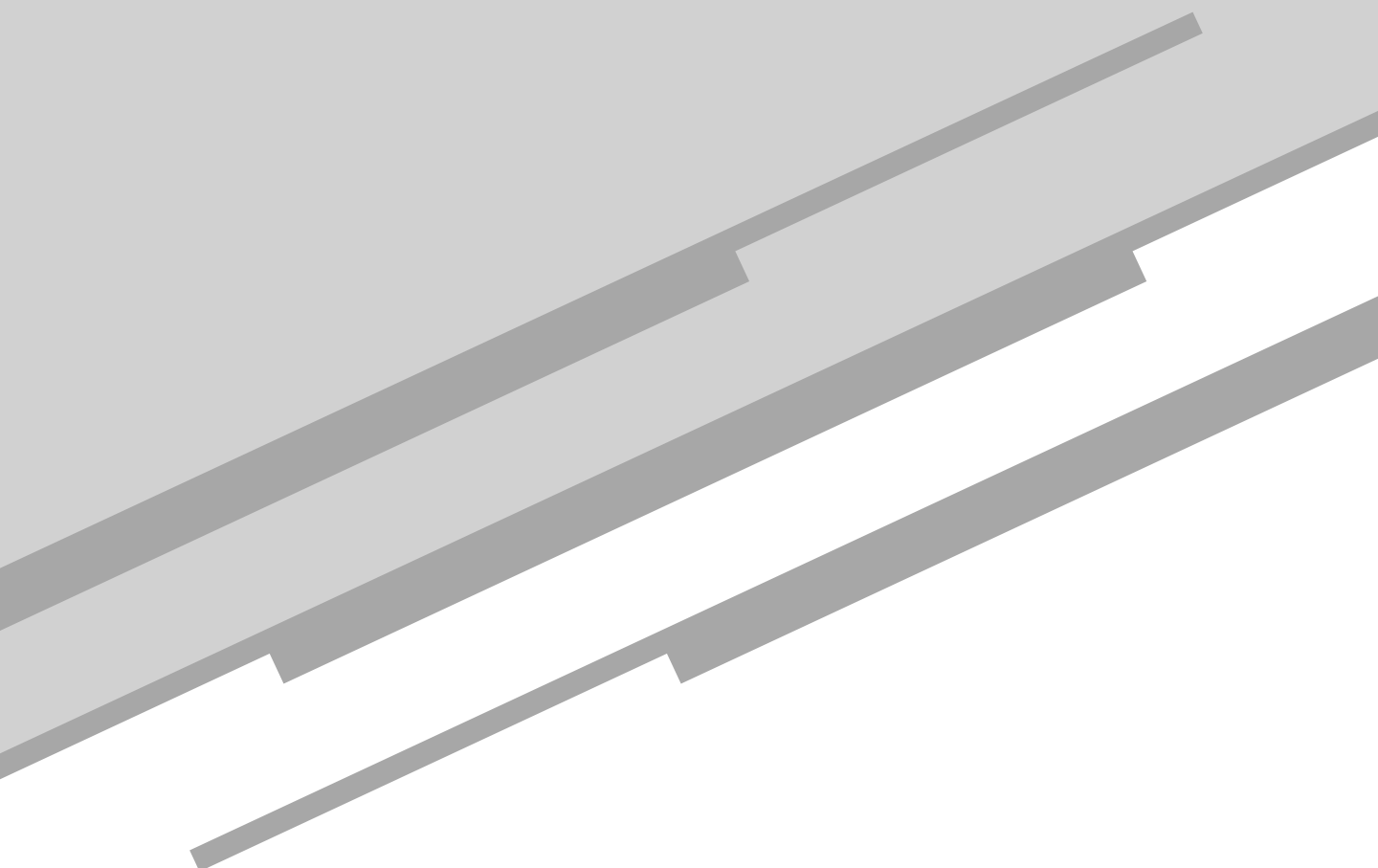
## Informação sobre a próxima aula

Na próxima aula, daremos continuidade aos estudos dos processos de formação de palavras. Dessa vez, faremos uma análise mais detida e cuidadosa dos processos de derivação e dos processos secundários de formação de palavras, a saber: a abreviação, a reduplicação, a sigla, a onomatopeia, o estrangeirismo e o neologismo. Até lá!



# Aula 15

## Processos de formação de palavras II



*Monclar Guimarães Lopes;  
Ronaldo Amorim Lima*

## **Meta**

Dar prosseguimento ao estudo dos processos de formação de palavras, enfatizando os processos de formação por derivação, assim como os processos secundários, a saber: a abreviação, a reduplicação, a sigla, a onomatopeia, o estrangeirismo, o neologismo.

## **Objetivos**

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

1. identificar os processos de formação por derivação, assim como os processos secundários de formação de palavras;
2. reconhecer o valor e o emprego dos principais prefixos e sufixos em uso na língua portuguesa.

## Introdução

[...] Nas outras línguas, ou nações, não existe nada que se assemelhe ao “inho”. Os ingleses colocam um “little” antes do nome ou um “y” depois, formando Little John ou Johnny, mas não é a mesma coisa. Os franceses podem recorrer ao composto Petit Jean, mas há um tanto de pompa nessa fórmula. Já os espanhóis tentam o Juanito, mas aquele áspero “t” quebra a doçura do apelido. Joãozinho é um nome intraduzível. Tanto quanto a bandeira nacional, o hino nacional, a feijoada, o samba ou o drible, o “inho” é uma marca de brasilidade. Nenhuma outra seleção do mundo, nem mesmo a portuguesa, tem hoje um jogador com esse sufixo. Aliás, não tem e nem poderia ter: o “inho” carrega um quê de humor e de brejeirice que não combina com a severidade e com os bigodes lusitanos. Nossos “inhos” são inesquecíveis, a começar por Zizinho, o maior jogador da primeira metade do século. Mas há também Julinho, do Palmeiras; Coutinho, dos Santos; Jairzinho, do Botafogo; Edinho, do Fluminense; Nelinho, do Cruzeiro; Toninho Cerezo, do Atlético; Serginho, do São Paulo, e assim por diante. Ainda hoje, o “inho” daria uma bela seleção. Pense em Edinho (Santos), Jorginho (São Paulo), Marinho (Guarani), Carlinhos (Lusa) e Serginho (Milan); Ricardinho (Cruzeiro), Juninho (Vasco) e Marcelinho (Corinthians); Ronaldinho (Grêmio), Ronaldinho (Internazionale) e Zinho (Palmeiras). Como técnico, escolha entre Carlinhos, Cabralzinho ou Candinho. Um time de nomes no diminutivo, mas que jogaria um futebol superlativo. [...]

TORERO, José Roberto. *Folha de São Paulo*, 3 nov. 1999.

Esse trecho da crônica de José Roberto Torero, com bastante criatividade, faz-nos refletir sobre o valor semântico e discursivo do sufixo *inho*, um morfema de alta produtividade na língua portuguesa, aplicável genericamente aos substantivos e adjetivos (p. ex., *menininho*, *casinha*, *bonitinho*, *tristinho* etc.), sob um processo de formação denominado **derivação por sufixação**.

Tradicionalmente considerado um sufixo cujo sentido é a *diminuição do ser*, *inho* admite valores expressivos mais complexos. A título de ilustração, observemos os exemplos *mulherzinha* e *saidinha*, em que se depreende um sentido pejorativo no primeiro (*mulher sem classe*) e outro de rapidez da ação no segundo (*saída com retorno rápido*). Ambos mostram alta produtividade propiciada pelo processo de derivação, não só no plano da forma (**considerando assim que uma nova palavra está sendo construída**), como também no do significado.

Nesta aula, como explicitamos na seção *objetivos*, visamos, dentre outras coisas, ao conhecimento do valor semântico e ao emprego dos principais prefixos e sufixos em uso na língua portuguesa, assim como ao domínio dos diferentes processos de formação por derivação na língua. Nesse sentido, os exemplos por ora considerados ilustram bem o caráter instável da língua, cujo processo de significação se mantém em constante mudança. Em seu uso cotidiano, ao mesmo tempo que surgem novas formas (palavras) para novos sentidos, novos sentidos são socialmente construídos para formas (palavras) já existentes. *Mulherzinha*, por exemplo, em seus primeiros contextos de uso, certamente significava *mulher pequena*, e não *mulher de pouco valor social*. Tal afirmação se pauta nos princípios que balizam o estudo da *semântica cognitiva*, para a qual sentidos mais abstratos (p. ex., *mulherzinha* → *mulher sem classe*) emergem de sentidos mais concretos (p. ex., *mulherzinha* → *mulher pequena*).

Paralelamente ao processo de formação por derivação, esta aula também se debruça sobre os processos secundários de formação, que, embora menos complexos, contribuem para o processo de significação e nomeação do mundo, sendo, portanto, de interesse legítimo ao profissional de letras. Bons estudos!



Nos estudos de morfologia, é bastante comum uma divergência categorial sobre os sufixos de grau, como *inho*, por exemplo. Segundo Basílio (2004, p. 67), embora a Nomenclatura Gramatical Brasileira considere o grau do substantivo como flexão – devido à influência da gramática clássica –, a maior parte dos gramáticos de hoje tende a considerar como um processo de derivação. Como argumento, defende-se que tais sufixos, recorrentemente, contribuem para a construção de novas palavras, e não para uma extensão do sentido da palavra-base. Por exemplo: *portão* não é propriamente o aumentativo de *porta*, mas um nome que designa o objeto responsável pela divisa do terreno de uma casa e sua respectiva rua – podendo ser, inclusive, de dimensão pequena; *mulherzinha*, como exemplificamos, não é uma *mulher pequena*, mas uma *mulher sem classe*, entre outros.

## Processos de formação de palavras por derivação

Por *derivação*, reconhecemos o processo de formação de palavras em que uma palavra provém de outra, dita **primitiva**. Ordinariamente, a criação de novo material no léxico por meio desse processo é feito através da prefixação e sufixação (como em *normal* → *anormal*; *leal* → *lealdade*). Não obstante, paralelamente a esse processo, há outros dois em que a palavra derivada não recebe afixos (como em *grito*, derivado de *gritar*; e em *andar*, na frase *ele tem um andar esquisito*, em que o substantivo *falar* é derivado de verbo). Todos esses processos de derivação serão explicitados, em sequência, neste tópico.



Embora a definição comum do processo de derivação seja o da formação de uma palavra a partir de um vocábulo primitivo, o sistema linguístico, recorrentemente, deriva palavras novas a partir de outras também derivadas. Por exemplo, *utilizável* não deriva diretamente do primitivo *útil*, mas do derivado *utilizar*; *envergonhado* não deriva diretamente de *vergonha*, mas de *envergonhar*, entre outros.

### A prefixação (ou derivação prefixal)

Chama-se *prefixação* ou *derivação prefixal* o processo de formação em que um prefixo é anteposto ao radical da palavra, como ocorre nos exemplos *anormal*, *desunir*, *impedir*, *refazer*, *desleal*, entre outros. De um ponto de vista morfológico, a inclusão de prefixos não implica mudança categorial (isto é, da classe de palavra), ao contrário do que comumente propiciam os sufixos, como veremos a seguir. De um ponto de vista semântico, o prefixo acrescenta um novo sentido à palavra primitiva.



Os estudos diacrônicos evidenciam que grande parte dos prefixos se origina de advérbios ou de preposições que já tiveram vida autônoma na língua. Por um mecanismo cognitivo denominado *metonímia* – sob uma perspectiva gramatical, e não estilística –, as formas linguísticas mais gramaticalizadas (como são normalmente as preposições e muitos advérbios) se justapõem aos lemas, formando uma unidade única. Como ilustração, podemos citar os estudos de Said Ali (1965) sobre a preposição latina *ad*, cujo conceito de *direção* ou *movimento para algum ponto* se apresenta, posteriormente, em função de prefixo – como em *advenio* (vir para perto), *addo* (ajuntar), *adamo* (começar a andar), entre outros.

Feitas tais considerações, vejamos, em Cunha e Cintra (2001, p. 84-86), o exame dos prefixos que comumente aparecem em palavras da língua portuguesa, sendo eles de origem latina ou grega:

**Tabela 15.1:** Prefixos de origem latina

Prefixo	Sentido	Exemplificação
<b>ab- abs- a-</b>	afastamento, separação	<i>abdicar, adjurar, abster, abstrair</i>
<b>ad- a- (ar-, as-)</b>	aproximação, direção	<i>adjunto, adventício, abeirar, arribar</i>
<b>ante-</b>	anterioridade	<i>antebraço, antepor</i>
<b>circum- (circun-)</b>	movimento em torno	<i>circumpolar, circunvagar</i>
<b>cis-</b>	posição aquém	<i>cisalpino, cisplatino</i>
<b>com- (con-) co- (cor-)</b>	contiguidade, companhia	<i>compor, conter, cooperar, corroborar</i>
<b>contra-</b>	oposição, ação conjunta	<i>contradizer, contrasselar</i>
<b>de-</b>	movimento de cima para baixo	<i>decair, decrescer</i>
<b>des-</b>	separação, ação contrária	<i>desviar, desfazer</i>
<b>dis- di- (dir-)</b>	separação, movimento para diversos lados, negação	<i>dissidente, distender, dilacerar, dirimir</i>



<b>entre-</b>	posição intermediária	<i>entreabrir, entrelinha</i>
<b>ex- es- e-</b>	movimento para fora, estado anterior	<i>exportar, extrair escorrer, estender emigrar, evadir</i>
<b>extra-</b>	posição exterior	<i>extraoficial, extraviar</i>
<b>in- (im-) i- (ir-) em- (en-)</b>	movimento para dentro	<i>ingerir, impedir imigrar, irromper embarcar, enterrar</i>
<b>in- (im-) i- (ir-)</b>	negação, privação	<i>inativo, impermeável ilegal, irrestrito</i>
<b>intra-</b>	posição interior	<i>intradorso, intravenoso</i>
<b>intro-</b>	movimento para dentro	<i>introversão, intrometer</i>
<b>justa-</b>	posição ao lado	<i>justapor, justalinear</i>
<b>ob- o-</b>	posição em frente, oposição	<i>objeto, obstáculo, ocorrer, opor</i>
<b>per-</b>	movimento através	<i>percorrer, perfurar</i>
<b>pos-</b>	posterioridade	<i>pospor, postônico</i>
<b>pre-</b>	anterioridade	<i>prefácio, pretônico</i>
<b>pro-</b>	movimento para frente	<i>progresso, prosseguir</i>
<b>re-</b>	movimento para trás, repetição	<i>refluir, refazer</i>
<b>retro-</b>	movimento mais para trás	<i>retroceder, retrospectivo</i>
<b>soto- sota-</b>	posição inferior	<i>soto-mestre, sota-vento</i>
<b>sub- sus- su- sob- so-</b>	movimento de baixo para cima, inferioridade	<i>subir, subalterno suspender, suster suceder, supor sobestar, sobpor soerguer, soterrar</i>
<b>super- sobre-</b>	posição em cima, excesso	<i>superpor, superpovoado sobrepôr, sobrecarga</i>
<b>supra-</b>	posição acima, excesso	<i>supradito, suprassumo</i>
<b>trans- tras- tres-</b>	movimento para além de, posição além de	<i>transpor, transalpino trasladar, traspasar tresvariar, tresmalhar</i>
<b>ultra-</b>	posição além do limite	<i>ultrapassar, ultrassom</i>
<b>vice- vis- (vizo-)</b>	substituição, em lugar de	<i>vice-reitor, vice-cônsul visconde, vizorrei</i>

**Tabela 15.2:** Prefixos de origem grega (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 87)

Prefixo	Sentido	Exemplificação
<b>an- (a-)</b>	privação, negação	<i>anarquia, ateu</i>
<b>aná-</b>	ação ou movimento inverso, repetição	<i>anagrama, anáfora</i>
<b>anfi-</b>	de um e outro lado, em torno	<i>anfíbio, anfiteatro</i>
<b>anti-</b>	oposição, ação contrária	<i>antiaéreo, antípoda</i>
<b>apó-</b>	afastamento, separação	<i>apogeu, apóstata</i>
<b>arqui- (arc-, ar-que-, arce-)</b>	superioridade	<i>arquiduque, arcanjo, arquétipo, arcebispo</i>
<b>catá-</b>	movimento de cima para baixo, oposição	<i>catadupa, catacrese</i>
<b>diá- (di-)</b>	movimento através de, afastamento	<i>diagnóstico, diocese</i>
<b>dis-</b>	dificuldade, mau estado	<i>dispneia, disenteria</i>
<b>ec- (ex-)</b>	movimento para fora	<i>eclipse, êxodo</i>
<b>en- (em-, e-)</b>	posição interior	<i>encéfalo, emplastro, eclipse</i>
<b>endo- (end-)</b>	posição interior, movimento para dentro	<i>endotérmico, endosmose</i>
<b>epi-</b>	posição superior, movimento para, posterioridade	<i>epiderme, epílogo</i>
<b>eu- (ev-)</b>	bem, bom	<i>eufonia, evangelho</i>
<b>hiper-</b>	posição superior, excesso	<i>hipérbole, hipertensão</i>
<b>hipó-</b>	posição inferior, escassez	<i>hipodérmico, hipotensão</i>
<b>metá- (met-)</b>	posterioridade, mudança	<i>metacarpo, metátese</i>
<b>pará- (par-)</b>	proximidade, ao lado de	<i>paralogismo, paramnésia</i>
<b>peri-</b>	posição ou movimento em torno	<i>perímetro, perífrase</i>
<b>pró-</b>	posição em frente, anterior	<i>prólogo, prognóstico</i>
<b>sin- (sim-, si-)</b>	Simultaneidade, companhia	<i>sinfonia, simpatia, sílaba</i>

## A sufixação (ou derivação sufixal)

Chama-se *sufixação* ou *derivação sufixal* o processo de derivação que se caracteriza pela inclusão de um sufixo após o radical da palavra, como ocorre nos exemplos *lealdade*, *amanhecer*, *pontinha*, entre outros. Sob um ponto de vista morfológico, a inclusão de sufixos, comumente,

implica a mudança de categoria (classe de palavra). Por exemplo, em *amanhecer*, temos um verbo formado a partir do advérbio *amanhã*; em *fracamente*, temos um advérbio formado a partir do adjetivo *fraca*, entre outros. No entanto, a mudança de classe nem sempre se apresenta, como ocorre nos casos em que o sufixo empregado conota um valor de grau. Por exemplo, *menininha* (derivado de *menina*) não apresenta mudança de classe após inclusão do sufixo (ambas palavras são substantivos). Neste caso, apresenta-se apenas uma mudança semântica à palavra-base.

Muito embora o processo geral de sufixação se caracterize pela inclusão do sufixo ao radical da palavra-base, é importante ressaltar que é possível a inclusão de um sufixo após o outro, como podemos ver nos dois exemplos a seguir:

*instituir* → *instituição* → *institucional* → *institucionalização*

*capital* → *capitalizar* → *capitalização*

Mais produtivos que os prefixos, haja vista a contribuição na mudança semântica e categorial das palavras, os sufixos se apresentam em maior número na língua portuguesa. Transcrevemo-los, a seguir, com base em Cunha e Cintra (2001, p. 88-101), considerando seus aspectos morfológicos, ou melhor, se são formadores de nomes (substantivos e adjetivos), verbos ou advérbios.

**Tabela 15.3:** Sufixos nominais

Sufixos aumentativos			
Sufixo	Exemplificação	Sufixo	Exemplificação
-ão	<i>caldeirão, paredão</i>	-anzil	<i>corpanzil</i>
-alhão	<i>grandalhão, vagalhão</i>	-aréu	<i>fogaréu, povaréu</i>
-(z)arrão	<i>gatarão, homenzarrão</i>	-arra	<i>bocarra, naviarra</i>
-eirão	<i>asneirão, toleirão</i>	-orra	<i>beijorra, cabeçorra</i>
-aça	<i>barbaça, barcaça</i>	-astro	<i>medicastro, poetastro</i>
-aço	<i>animalaço, ricaço</i>	-az	<i>lobaz, roaz</i>
-ázio	<i>copázio, gatázio</i>	-alhaz	<i>facalhaz</i>
-uça	<i>dentuça, carduça</i>	-arraz	<i>pratarraz</i>
Sufixos diminutivos			
Sufixo	Exemplificação	Sufixo	Exemplificação
-inho, -a	<i>toquinho, vozinha</i>	-elho, -a	<i>folhelho, rapazelho</i>
-zinho, -a	<i>cãozinho, ruazinha</i>	-ejo	<i>animalejo, lugarejo</i>

<b>-ino, -a</b>	<i>pequenino, cravina</i>	<b>-ilho, -a</b>	<i>pecadilho, tropilha</i>
<b>-im</b>	<i>espadim, fortim</i>		
<b>-acho, -a</b>	<i>fogacho, riacho</i>	<b>-ete</b>	<i>artiguete, lembrete</i>
<b>-icho, -a</b>	<i>governicho, barbicha</i>	<b>-eto, -a</b>	<i>esboceto, saleta</i>
<b>-ucho, -a</b>	<i>papelucho, casucha</i>	<b>-ito, -a</b> <b>-zito, -a</b>	<i>rapazito, casita</i>
<b>-ebre</b>	<i>casebre</i>	<b>-ote, -a</b>	<i>velhote, velhota</i>
<b>-ico, -a</b>	<i>burrico, marica</i>	<b>-usco, -a</b>	<i>chamusco, velhusco</i>
<b>-ela</b>	<i>ruela, viela</i>	<b>-ola</b>	<i>fazendola, rapazola</i>
<b>Que formam substantivos de outros substantivos</b>			
<b>Sufixo</b>	<b>Sentido</b>	<b>Exemplificação</b>	
<b>-ada</b>	a) multidão, coleção b) porção contida num objeto c) marca feita com um instrumento d) ferimento ou golpe e) produto alimentar, bebida f) duração prolongada g) ato ou movimento energético	<i>boiada, papelada</i> <i>bocada, colherada</i> <i>penada, pincelada</i> <i>dentada, facada</i> <i>bananada, laranjada</i> <i>inverno, temporada</i> <i>cartada, saraivada</i>	
<b>-ado</b>	a) território subordinado a titular b) instituição, titulação	<i>bispado, condado</i> <i>almirantado, doutorado</i>	
<b>-ato</b>	a) instituição, titulação b) na nomenclatura química = sal	<i>baronato, cardinalato</i> <i>carbonato, sulfato</i>	
<b>-agem</b>	a) noção coletiva b) ato ou estado	<i>folhagem, plumagem</i> <i>aprendizagem, ladroagem</i>	
<b>-al</b>	a) ideia de relação, pertinência b) cultura de vegetais c) noção coletiva ou de quantidade	<i>dedal, portal</i> <i>arrozal, cafezal</i> <i>areal, pombal</i>	
<b>-alha</b>	coletivo-pejorativo	<i>canalha, gentilha</i>	
<b>-ama</b>	noção coletiva e de quantidade	<i>dinheirama, mourama</i>	
<b>-ame</b>	noção coletiva e de quantidade	<i>vasilhame, velame</i>	
<b>-aria</b>	a) atividade, ramo de negócio b) noção coletiva c) ação própria de certos indivíduos	<i>carpintaria, livraria</i> <i>gritaria, pedraria</i> <i>patifaria, pirataria</i>	
<b>-ário</b>	a) ocupação, ofício, profissão b) lugar onde se guarda algo	<i>operário, secretário</i> <i>herbário, vestiário</i>	
<b>-edo</b>	a) lugar onde crescem vegetais b) noção coletiva	<i>olivedo, vinhedo</i> <i>lajedo, passaredo</i>	

<b>-eiro(a)</b>	a) ocupação, ofício, profissão	<i>barbeiro, copeira</i>	
	b) lugar onde se guarda algo	<i>galinheiro, tinteiro</i>	
	c) árvore ou arbusto	<i>laranjeira, craveiro</i>	
	d) ideia de intensidade, aumento	<i>nevoeiro, poeira</i>	
	e) objeto de uso	<i>cinzeiro, pulseira</i>	
	f) noção coletiva	<i>berreiro, formigueiro</i>	
<b>-ia</b>	a) profissão, titulação	<i>advocacia, baronia</i>	
	b) lugar onde se exerce uma atividade	<i>delegacia, reitoria</i>	
	c) noção coletiva	<i>cavalaria, clerezia</i>	
<b>-io</b>	noção coletiva, reunião	<i>gentio, mulherio</i>	
<b>-ite</b>	Inflamação	<i>bronquite, gastrite</i>	
<b>-ugem</b>	semelhança (pejorativo)	<i>ferrugem, penugem</i>	
<b>-ume</b>	noção coletiva e de quantidade	<i>cardume, negrume</i>	
<b>Sufixos que formam substantivos de adjetivos</b>			
<b>Sufixo</b>	<b>Exemplificação</b>	<b>Sufixo</b>	<b>Exemplificação</b>
<b>-dade</b>	<i>crudade, dignidade</i>	<b>-ice</b>	<i>tolice, velhice</i>
<b>-(i)dão</b>	<i>gratidão, mansidão</i>	<b>-ície</b>	<i>calvície, imundície</i>
<b>-ez</b>	<i>altivez, honradez</i>	<b>-or</b>	<i>alvor, amargor</i>
<b>-eza</b>	<i>beleza, riqueza</i>	<b>-(i)tude</b>	<i>altitude, magnitude</i>
<b>-ia</b>	<i>alegria, valentia</i>	<b>-ura</b>	<i>alvura, doçura</i>
<b>Sufixos que formam substantivos de substantivos e de adjetivos</b>			
<b>Sufixo</b>	<b>Sentido</b>		<b>Exemplificação</b>
<b>-ismo</b>	<b>-ismo</b>		<i>realismo, simbolismo</i>
			<i>kantismo, positivismo</i>
			<i>federalismo, fascismo</i>
			<i>budismo, calvinismo</i>
		b) modo de proceder ou pensar	<i>heroísmo, servilismo</i>
	c) forma peculiar da língua	<i>galicismo, neologismo</i>	
	d) na terminologia científica	<i>daltonismo, reumatismo</i>	
<b>Sufixos que formam substantivos e adjetivos de outros substantivos e adjetivos</b>			
<b>Sufixo</b>	<b>Sentido</b>		<b>Exemplificação</b>
<b>-ista</b>	a) partidários ou sectários de doutrinas ou sistemas (em <b>-ismo</b> )		<i>realista, simbolista</i>
			<i>kantista, positivista</i>
	b) ocupação, ofício		<i>dentista, pianista</i>
	c) nomes pátrios e gentílicos		<i>nortista, paulista</i>

Sufixos que formam substantivos de verbos		
Sufixo	Sentido	Exemplificação
-ança -ância -ença -ência	ação ou o resultado dela, estado	lembrança, vingança observância, tolerância descrença, diferença anuência, concorrência
-ante -ente -inte	agente	estudante, navegante afluente, combatente ouvinte, pedinte
-(d)or -(t)or -(s)or	agente, instrumento da ação	jogador, regador inspetor, interruptor agressor, professor
-ção -são	ação ou resultado da ideia	nomeação, traição agressão, extensão
-douro -tório	lugar ou instrumento da ação	bebedouro, suadouro lavatório, vomitório
-(d)ura -(t)ura -(s)ura	resultado, ou instrumento da ação, noção coletiva	pintura, atadura formatura, magistratura clausura, tonsura
-mento	a) ação ou resultado dela b) instrumento da ação c) noção coletiva	acolhimento, ferimento ornamento, instrumento armamento, fardamento
Sufixos que formam adjetivos de substantivos		
Sufixo	Sentido	Exemplificação
-aco	estado íntimo, pertinência, origem	maníaco, austríaco
-ado	a) provido ou cheio de b) que tem o caráter de	barbado, denteado adamado, amarelado
-aico	referência, pertinência	judaico, prosaico
-al -ar	relação, pertinência	campal, conjugal escolar, familiar
-ano	a) proveniência, origem, pertença b) sectário ou partidário de c) semelhante ou comparável a	romano, serrano luterano, parnasiano bilaquiano, camhhoniano
-ão	proveniência, origem	alemão, beirão
-ário -eiro	relação, posse, origem	diário, fracionário caseiro, mineiro

<b>-engo</b>	relação, pertinência, posse	<i>mulherengo, solarengo</i>
<b>-enho</b>	semelhança, procedência, origem	<i>ferrenho, estremenho</i>
<b>-eno</b>	referência, origem	<i>terreno, chileno</i>
<b>-ense</b>	relação, procedência, origem	<i>forense, parisiense</i>
<b>-ês</b>		<i>cortês, norueguês</i>
<b>-(l)ento</b>	a) provido ou cheio de b) que tem o caráter de	<i>ciumento, corpulento</i> <i>barrento, vidrento</i>
<b>-eo</b>	relação, semelhança, matéria	<i>roséo, férreo</i>
<b>-esco</b>	referência, semelhança	<i>burlesco, dantesco</i>
<b>-isco</b>		<i>levantisco, mourisco</i>
<b>-este</b>	relação	<i>agreste, celeste</i>
<b>-estre</b>	relação,	<i>campestre, terrestre</i>
<b>-eu</b>	relação, procedência, origem	<i>européu, hebreu</i>
<b>-ício</b>	referência	<i>alimentício, natalício</i>
<b>-ico</b>	participação, referência	<i>geométrico, melancólico</i>
<b>-il</b>	referência, semelhança	<i>febril, senhoril</i>
<b>-ino</b>	relação, origem, natureza	<i>londrino, cristalino</i>
<b>-ita</b>	pertinência, origem	<i>ismaelita, israelita</i>
<b>-onho</b>	propriedade, hábito constante	<i>enfadonho, risonho</i>
<b>-oso</b>	provido ou cheio de	<i>brioso, venenoso</i>
<b>-tico</b>	relação	<i>aromático, rústico</i>
<b>-udo</b>	provido ou cheio de	<i>pontudo, barbudo</i>
<b>Sufixos que formam adjetivos de verbos</b>		
<b>Sufixo</b>	<b>Sentido</b>	<b>Exemplificação</b>
<b>-ante</b>	ação, qualidade, estado	<i>semelhante, tolerante</i>
<b>-ente</b>		<i>doente, resistente</i>
<b>-inte</b>		<i>constituente, seguinte</i>
<b>-(á)vel</b>	possibilidade de praticar ou sofrer uma ação	<i>durável, louvável</i>
<b>-(i)vel</b>		<i>perecível, punível</i>
<b>-io</b>	ação, referência, modo de ser	<i>fúgido, tardio</i>
<b>-(t)ivo</b>		<i>afirmativo, pensativo</i>
<b>-(d)iço</b>	possibilidade de praticar ou sofrer uma ação, referência	<i>movediço, quebradiço</i>
<b>-(t)ício</b>		<i>acomodatício, factício</i>
<b>-(d)ouro</b>	ação, pertinência	<i>duradouro, casadouro</i>
<b>-(t)ório</b>		<i>preparatório, emigratório</i>

**Tabela 15.4:** Sufixos verbais

Sufixo	Sentido	Exemplificação
<b>-ear</b>	frequentativo, durativo	<i>cabecear, folhear</i>
<b>-ejar</b>	frequentativo, durativo	<i>gotejar, velejar</i>
<b>-entar</b>	factitivo	<i>aformosentar, amolentar</i>
<b>-(i)ficar</b>	factitivo-	<i>clarificar, dignificar</i>
<b>-icar</b>	frequentativo-diminutivo	<i>bebericar, depenicar</i>
<b>-ilhar</b>	frequentativo-diminutivo	<i>dedilhar, fervilhar</i>
<b>-inhar</b>	frequentativo-diminutivo-pejorativo	<i>escrevinhar, cuspinhar</i>
<b>-iscar</b>	frequentativo-diminutivo	<i>chuviscar, lambiscar</i>
<b>-itar</b>	frequentativo-diminutivo	<i>dormitar, saltitar</i>
<b>-izar</b>	factitivo	<i>civilizar, utilizar</i>

**Tabela 15.5:** O sufixo adverbial

Sufixo	Exemplificação
<b>-mente</b>	<i>bondosamente, friamente, fracamente</i>

## A derivação prefixal e sufixal

Chama-se *derivação prefixal e sufixal* o processo de formação de palavras em que prefixo e sufixo são acrescentados à palavra primitiva de modo independente. Por exemplo, considerando-se a palavra *infelizmente*, em aspectos sincrônicos, ela poderia tanto ter origem na palavra *infeliz* quanto em *felizmente*. Nesse caso, por não reconhecermos qual foi o último afixo a se justapor no processo de derivação, nomeamos desse modo. O mesmo fenômeno ocorre em palavras como *deslealdade*, *anormalidade*, entre outros.

## A parassíntese (ou derivação parassintética)

Também conhecida como *circunfixação*, a parassíntese ou derivação parassintética é o processo de formação de palavras em que a uma palavra primitiva acrescentam-se, simultaneamente, um prefixo e um sufixo. Ao contrário do processo de derivação prefixal ou sufixal, na parassíntese, não se pode extrair o prefixo ou o sufixo. Por exemplo, a palavra *anoitecer* provém diretamente de *noite*, e não de *anoite* ou *noitecer*, que são formas inexistentes na língua. É nesse sentido que afirmamos



que prefixos e sufixos são simultâneos. Tal processo também é presente em palavras como *envergonhar*, *empobrecer*, *desalmado*, *repatriar*, entre outros.



Vale ressaltar que, na análise do processo de formação de palavras, existem palavras que são derivadas de outras derivadas, conforme já dissemos anteriormente. Nesse sentido, para identificar-se um dado processo de formação, devemos observar a palavra que deu origem ao termo em análise. Por exemplo, a palavra *envergonhado* é formada por derivação sufixal, e não parassíntese, uma vez que ela deriva diretamente de *envergonhar*, e não de *vergonha*. Veja outros exemplos:

*repatriamento* (sufixação) ← *repatriar* (parassíntese) ← *pátria* (palavra primitiva)

*abotoadura* (sufixação) ← *abotoar* (parassíntese) ← *botão* (palavra primitiva)

## Regressão (ou derivação regressiva)

Até o momento, trabalhamos processos de derivação em que se acrescentam afixos à palavra-base. Porém, a regressão vai pelo caminho diametralmente oposto, na medida em que a palavra derivada perde elementos em sua estrutura. Por exemplo, o substantivo *grito* provém do verbo *gritar*, e não o contrário.

A derivação regressiva é mais produtiva na criação dos substantivos deverbais. Como sabemos que, prototipicamente, o verbo representa um estado ou ação, os substantivos que nomeiam estados ou ações originaram-se dessa categoria (o verbo). Nesses casos, acrescentam-se as vogais *-o*, *-a* ou *-e* ao radical dos verbos. Veja alguns exemplos (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 103):

**Tabela 15.6:** Derivação regressiva

Verbo	Deverbal	Verbo	Deverbal
abalar	abalo	afagar	afago
amparar	amparo	apelar	apelo
chorar	choro	errar	erro
recuar	recuo	sustentar	sustento

Não obstante, muito embora seja mais simples, em uma perspectiva sincrônica, identificar a regressão a partir de deverbais, o processo de formação ocorre em outras instâncias. A título de ilustração, Cunha e Cintra (2001, p. 103) citam o termo *gajão*, proveniente da linguagem dos ciganos espanhóis, que sofreu perda de material linguístico, tornando-se *gajo*, devido ao sentido pejorativo que era atribuído à palavra que lhe deu origem.

## Derivação imprópria (ou conversão)

Chama-se *derivação imprópria* ou *conversão* o processo de formação de palavras em que há mudança categorial (da classe de palavra) em virtude da sintaxe, e não da morfologia. Nesses casos, a palavra não sofre alterações em sua estrutura. Veja alguns exemplos:

*Ele tem um andar esquisito.*

*Acrésciente água fervendo à mistura.*

*Essa história tem um quê de mistério.*

Os verbos *andar* e *fervendo* e o pronome *quê* apresentam funções de substantivo, adjetivo e substantivo, respectivamente. Essa mudança categorial se deve à pressão do uso, que exige que a palavra desempenhe função sintática diferente daquela típica de sua classe gramatical.

Muito embora a derivação imprópria não acarrete mudança na estrutura, é comum que, pela frequência de uso, determinada palavra comece a ser vista como instância de mais de uma categoria. *Jantar*, por exemplo, apresenta, nos dicionários, tanto a acepção de verbo quanto a de substantivo.

A seguir, apresentam-se os processos mais comuns de derivação imprópria (AZEREDO, 2010):

a) substantivos de adjetivos: *os mortais, os humanos, os fiéis.*

- b) substantivos de advérbios: *o amanhã*.
- c) substantivos de verbos: *o poder*, *o dever*, *o passar do tempo*.
- d) adjetivos do particípio dos verbos: *eles são fingidos*.
- e) de substantivo próprio a substantivo comuns: *gari*, derivado do antropônimo *Aleixo Gary*, antigo incorporador de empresa que fazia a limpeza das ruas do Rio de Janeiro.
- f) a expressão de novos conteúdos a partir da mudança de gênero: *a cobra* (réptil) e *o cobra* (grande especialista numa atividade).

## Processos secundários de formação de palavras

A abreviação, a reduplicação, a sigla, a onomatopeia, o estrangeirismo e o neologismo são conhecidos como processos secundários de formação de palavras, na medida em que são bem menos recorrentes que os processos de composição e derivação.

### A abreviação

Tal processo se define pela *criação de lexemas mediante a redução da forma de uma construção que funciona como unidade lexical* (AZEREDO, 2010, p. 97) e se apresenta em dois principais modelos:

- Redução – nesse caso, geralmente se elide o segundo elemento da forma lexicalmente complexa. Exemplos: *pneu* (por *pneumático*), *metrô* (por *metropolitano*), *foto* (por *fotografia*), entre outros.
- Supressão – nesse caso, suprime-se uma parte fonética, inicial ou final, sem significado próprio. Exemplos: *Mengo* (por *Flamengo*), *Zé* (por *José*), *japa* (por *japonês*), entre outros.

### A reduplicação (ou redobro)

Chama-se *reduplicação* ou *redobro* o processo de formação de palavras que se caracteriza pela repetição de um ou vários elementos (sílabas) de uma palavra ou palavra inteira com fins expressivos. Ordinariamente, conota carinho, nos nomes de parentesco na linguagem infantil – exemplos: *papai*, *mamãe*, *vovô*, *titio* – e em apelidos – *Zezé*, *Dedé*, *Nhonhô*.

## A sigla

Tal processo consiste na representação de um nome composto ou expressão por meio de suas unidades iniciais (fonemas, sílabas ou, até mesmo, o nome das letras). Exemplos: *PT* (*Partido dos Trabalhadores*), *ONU* (*Organização das Nações Unidas*), *UNE* (*União Nacional dos Estudantes*), *TV/tevé* (*televisão*) entre outros.

Através do uso corrente, a sigla pode originar derivados, como em *petista* (derivado de *PT*), por exemplo.

## A onomatopeia

Chama-se *onomatopeia* o processo de formação em que a motivação para a criação da palavra é o som concreto do termo que visa nomear, de modo que o termo tenha relações icônicas (ou melhor, de semelhança acústica) com a própria coisa designada. Por exemplo: *cocoricar*, verbo que designa o som emitido pelas galinhas, lembra o próprio som emitido por esses animais. Outros exemplos: *fonfom* (buzina de automóveis), *mugir* (som dos bois, vacas), *tique-taque* (som do relógio), entre outros.



## O estrangeirismo

Chama-se *estrangeirismo* o processo de formação de palavras em que uma construção estrangeira é utilizada em nossa língua. De acordo com

o idioma de origem, as palavras recebem nomes específicos, tais como anglicismo (do inglês), galicismo (do francês), entre outros. O estrangeirismo possui duas categorias, conforme haja equivalente vernáculo ou não na língua portuguesa:

- a) **com aportuguesamento:** a grafia e a pronúncia da palavra são adaptadas para o português, isto é, passam a ser escritas de acordo com as regras ortográficas da Língua Portuguesa. Exemplo: abajur (do francês *abat-jour*);
- b) **sem aportuguesamento (também chamado xenismo):** conserva-se a forma original da palavra. Exemplo: *pendrive* (do inglês).



Quanto ao padrão culto da escrita, vale observar que as palavras cuja representação escrita não é a vernacular devem ser grafadas com destaque nos textos. Dois bons recursos de destaque são as aspas e o itálico.

## O neologismo

Chama-se neologismo o processo de formação de palavras que consiste na criação de uma palavra ou expressão nova, ou na atribuição de um novo sentido a uma palavra já existente. Geralmente, os neologismos são criados a partir de processos que já existem na língua: justaposição, aglutinação, prefixação, entre outros. Veja dois exemplos:

- a) **Criação de palavra nova:** *mensalão*, nomeação dada à “mensalidade” ilícita que alguns políticos recebiam para favorecer interesses privados no governo Lula (2005);
- b) **atribuição de um novo sentido a palavra já existente:** embora o termo *apagão* seja referente à falta de energia elétrica, em 2006, a imprensa brasileira utilizou o termo *apagão aéreo* para remeter-se a uma série de colapsos no transporte aéreo brasileiro.

## Atividade 1

### Atende ao objetivo 1

a) Relacione as palavras com o seu respectivo processo de formação:

- |                            |                         |                   |
|----------------------------|-------------------------|-------------------|
| (1) prefixação             | (4) parassíntese        |                   |
| (2) sufixação              | (5) regressão           |                   |
| (3) prefixação e sufixação | (6) derivação imprópria |                   |
| ( ) amolecer               | ( ) um “mortal”         | ( ) enobrecimento |
| ( ) original               | ( ) choro               | ( ) atualizar     |
| ( ) anoitecer              | ( ) beijo               | ( ) deslealdade   |
| ( ) super-homem            | ( ) amoral              | ( ) anormalidade  |

b) Faça o mesmo que em A, mas agora considere os processos de formação secundários:

- |                   |                    |              |
|-------------------|--------------------|--------------|
| (1) abreviação    | (4) onomatopeia    |              |
| (2) reduplicação  | (5) estrangeirismo |              |
| (3) sigla         | (6) neologismo     |              |
| ( ) PMDB          | ( ) Cris           | ( ) Mimi     |
| ( ) pingue-pongue | ( ) show           | ( ) xampu    |
| ( ) internetês    | ( ) foto           | ( ) Mercosul |

### Respostas comentadas

a)

- |                 |                 |                   |
|-----------------|-----------------|-------------------|
| (4) amolecer    | (6) um “mortal” | (2) enobrecimento |
| (2) original    | (5) choro       | (2) atualizar     |
| (4) anoitecer   | (5) beijo       | (3) deslealdade   |
| (1) super-homem | (1) amoral      | (3) anormalidade  |

*Amolecer* provém de *mole* e recebe simultaneamente *prefixo* e *sufixo*. Por isso, é parassíntese; *mortal* é tipicamente adjetivo, mas, aqui, foi substantivado pelo artigo. Por isso, é derivação imprópria; *enobrecimento* é derivação sufixal porque vem da palavra (também derivada) *enobrecer*; *original* advém de *origem*, derivação sufixal; *choro* provém de *chorar*, é um verbal, assim como *beijo* (de *beijar*), sendo ambas palavras regressões; *atualizar* provém de *atual*, por isso é sufixação; *anoitecer*, de noite,

parassíntese (recebe prefixo e sufixo simultaneamente); *deslealdade* e *anormalidade* são formados por derivação prefixal e sufixal, na medida em que os prefixos e os sufixos são independentes; *super-homem* e *amoral* provêm de *homem* e *moral*. Por isso, são derivações prefixais.

b)

(3) PMDB	(1) Cris	(2) Mimi
(4) pingue-pongue	(5) show	(5) xampu
(5/6) internetês	(1) foto	(3) Mercosul

*PMDB* e *Mercosul* (*Partido Moralista Democrático Brasileiro* e *Mercado Comum do Sul*) são siglas, na medida em que são formadas pelas unidades iniciais das palavras das expressões que lhes constituem; *Cris* e *foto* são abreviações de *Cristina* e *fotografia*, respectivamente; *Mimi* é um apelido carinhoso, composto pela repetição da mesma sílaba (duplicação); *pingue-pongue* é uma palavra formada a partir da impressão que temos do som da bolinha quando bate nos dois lados da mesa durante o jogo (onomatopeia); *show* e *xampu* são estrangeirismos, sendo o primeiro apresentado em grafia não vernacular e o segundo em uma forma aportuguesada (de *shampoo*); *internetês*, ao mesmo tempo que representa um estrangeirismo, é um neologismo recente para designar a linguagem que muitos jovens utilizam na *internet*.

## Atividade 2

### Atende ao objetivo 2

a) Numere as palavras da coluna da esquerda de acordo com a significação do sufixo:

( ) frondoso	(1) naturalidade
( ) homicídio	(2) abundância
( ) apêndice	(3) diminuição
( ) socialismo	(4) crime
( ) peruano	(5) inflamação
( ) flautim	(6) sistema

b) Destaque os sufixos das palavras a seguir e exemplifique de que modo o conteúdo semântico do sufixo contribui para o sentido da palavra. Siga o modelo:

Barbeiro – sufixo *-eiro* (*ofício, profissão*) → aquele que tem como ofício fazer a barba dos outros.

mesinha – bronquite – dentista – civilizar

---



---



---



---



---

c) Numere as palavras da coluna da esquerda de acordo com o sentido dos prefixos.

- |                     |                     |
|---------------------|---------------------|
| ( ) prólogo         | (1) excesso         |
| ( ) dispneia        | (2) duplicidade     |
| ( ) diagonal        | (3) oposição        |
| ( ) anfíbio         | (4) superioridade   |
| ( ) hipérbole       | (5) através         |
| ( ) antípoda        | (6) dificuldade     |
| ( ) arquipélago     | (7) privação        |
| ( ) afonia          | (8) mudança         |
| ( ) sincronizar     | (9) em torno        |
| ( ) metempsicose    | (10) anterioridade  |
| ( ) cisplatino      | (11) simultaneidade |
| ( ) perífrase       | (12) conjunto       |
| ( ) vice-presidente | (13) aquém          |
| ( ) sintaxe         | (14) substituição   |

### **Resposta comentada**

a)

- |                |                  |
|----------------|------------------|
| (2) frondoso   | (1) naturalidade |
| (4) homicídio  | (2) abundância   |
| (5) apendicite | (3) diminuição   |
| (6) socialismo | (4) crime        |
| (1) peruano    | (5) inflamação   |
| (3) flautim    | (6) sistema      |



b)

*mesinha* – sufixo *-inha* (diminuição) → sentido: mesa pequena;

*bronquite* – sufixo *-ite* (inflamação) → sentido: inflamação dos brônquios;

*dentista* – sufixo *-ista* (ocupação) → sentido: profissão de quem lida com os dentes dos outros;

*civilizar* – sufixo *-izar* (transforma adjetivo em ação/factitivo) → sentido: tornar civil.

c)

(10) prólogo	(1) excesso
(6) dispneia	(2) duplicidade
(5) diagonal	(3) oposição
(2) anfíbio	(4) superioridade
(1) hipérbole	(5) através
(3) antípoda	(6) dificuldade
(4) arquipélago	(7) privação
(7) afonia	(8) mudança
(11) sincronizar	(9) em torno
(8) metempsicose	(10) anterioridade
(13) cisplatino	(11) simultaneidade
(9) perífrase	(12) conjunto
(14) vice-presidente	(13) aquém
(12) sintaxe	(14) substituição

## Conclusão

O processo de formação de palavras por derivação é altamente produtivo em língua portuguesa, representando um importante mecanismo para a constituição de nosso léxico. Ademais, embora os afixos, de modo geral, possuam conteúdo semântico previsto, a significação é influenciada por aspectos discursivo-pragmáticos, na medida em que novos sentidos emergem com o uso cotidiano da língua para formas já consagradas.

Paralelamente a esse paradigma, os processos secundários representam outros mecanismos cognitivos para a constituição de novo material no léxico.

### **Atividade final**

*Atende aos objetivos 1 e 2*

1. Dentre as palavras a seguir, assinale a única que destoa das demais quanto ao seu processo de formação. Logo após, justifique sua resposta:

- a) entrega
- b) ajuda
- c) ataque
- d) alegria
- e) combate

---

---

---

---

2. A palavra *engrossar* apresenta o mesmo processo de formação de que palavra expressa a seguir? Justifique sua resposta.

- a) contradizer
- b) reabrir
- c) encaixotar
- d) submeter
- e) perfurar

---

---

---

---

3. Indique o processo de formação das palavras *criminosos*, *assassinato* e *roubo*.

---

---

---

---

4. Dentre as palavras seguintes, assinale aquela que não sofre processo de formação. Justifique sua resposta.

- a) água
- b) pulo
- c) grito
- d) beijo
- e) abraço

5. Aponte a dupla em que NÃO estão presentes palavras que possuam prefixos do mesmo sentido. Justifique sua resposta.

- a) ambivalente, anfíbio
- b) adjunto, paralela
- c) infiel, desnecessário
- d) contradizer, antever
- e) bípede, dígrafo

---

---

---

---

6. Faça o mesmo que na questão anterior.

- a) ingerir, introduzir
- b) anormal, incapacidade
- c) superpopulação, hipertenso
- d) hipoderme, subcutâneo
- e) epidermia, decapitar

---

---

---

---

7. Indique o vocábulo cujo prefixo não tem valor negativo. Justifique.

- a) incertezas
- b) impregnado
- c) inculto
- d) indiferente
- e) independência

---

---

---

---

8. ONG, cine e miar sofrem que processo de formação de palavras?

---

---

---

---

### Resposta comentada

1. A palavra *alegria* deriva de *alegre*, sendo, portanto, uma derivação sufixal. Todas as outras (*entrega*, *ajuda*, *ataque* e *combate*) são derivações regressivas.
2. *Engrossar* é parassíntese na medida em que recebe prefixo e sufixo simultaneamente. O mesmo processo ocorre com a palavra *encaixotar* (en + caix + otar). As palavras *contradizer*, *reabrir*, *submeter* e *perfurar* são derivações prefixais.
3. *Criminosos* provém de *crime*, sendo derivação sufixal; *assassinato*, de *assassino*, sendo também derivação sufixal; já *roubo* deriva de *roubar*, sendo derivação regressiva.
4. A única palavra que não sofre processo de formação é *água*, pois é palavra primitiva. Todas as outras (*pulo*, *grito*, *beijo* e *abraço*) são regressões.
5. Não possuem prefixos de mesmo sentido o par *contradizer* (sentido de oposição) e *antever* (sentido de anterioridade). Já os outros pares, todos trazem sentido semelhante: *ambi-* e *anfi-* (em torno); *ad-* e *para-* (aproximação); *in-* e *des-* (negação); *bi-* e *di-* (duplicidade).
6. Não possuem prefixos de mesmo sentido o par *epidemia* (posição superior) e *decapitar* (movimento de cima para baixo). Já os outros pares apresentam sentido semelhante: *in-* e *intro-* (movimento para dentro); *a-* e *in-* (negação); *super-* e *hiper-* (posição superior); *hipo-* e *sub-* (posição inferior).
7. Não possui valor negativo o prefixo *im-* em *impregnado*, cujo sentido é de movimento para dentro.
8. *ONG* é uma sigla; *cine* é abreviação de *cinema*; *miar*, onomatopeia do som emitido pelo gato.

---

---

---

---

### Resumo

Nesta aula demos prosseguimento ao estudo dos processos de formação de palavras, enfocando os processos de formação por derivação (prefixal, sufixal, parassintética e regressiva), por conversão (também chamada de derivação imprópria), bem como a abreviação, a reduplicação, a sigla, a onomatopeia, o estrangeirismo e o neologismo, que são

processos secundários de formação de palavras, tendo em vista que são bem menos recorrentes que os processos de composição e derivação. Paralelamente, refletimos sobre o próprio processo de significação na língua, que, ordinariamente, não são composicionais, ao superarem os conteúdos semânticos dos elementos presentes na estrutura das palavras. Novos sentidos emergem do uso.

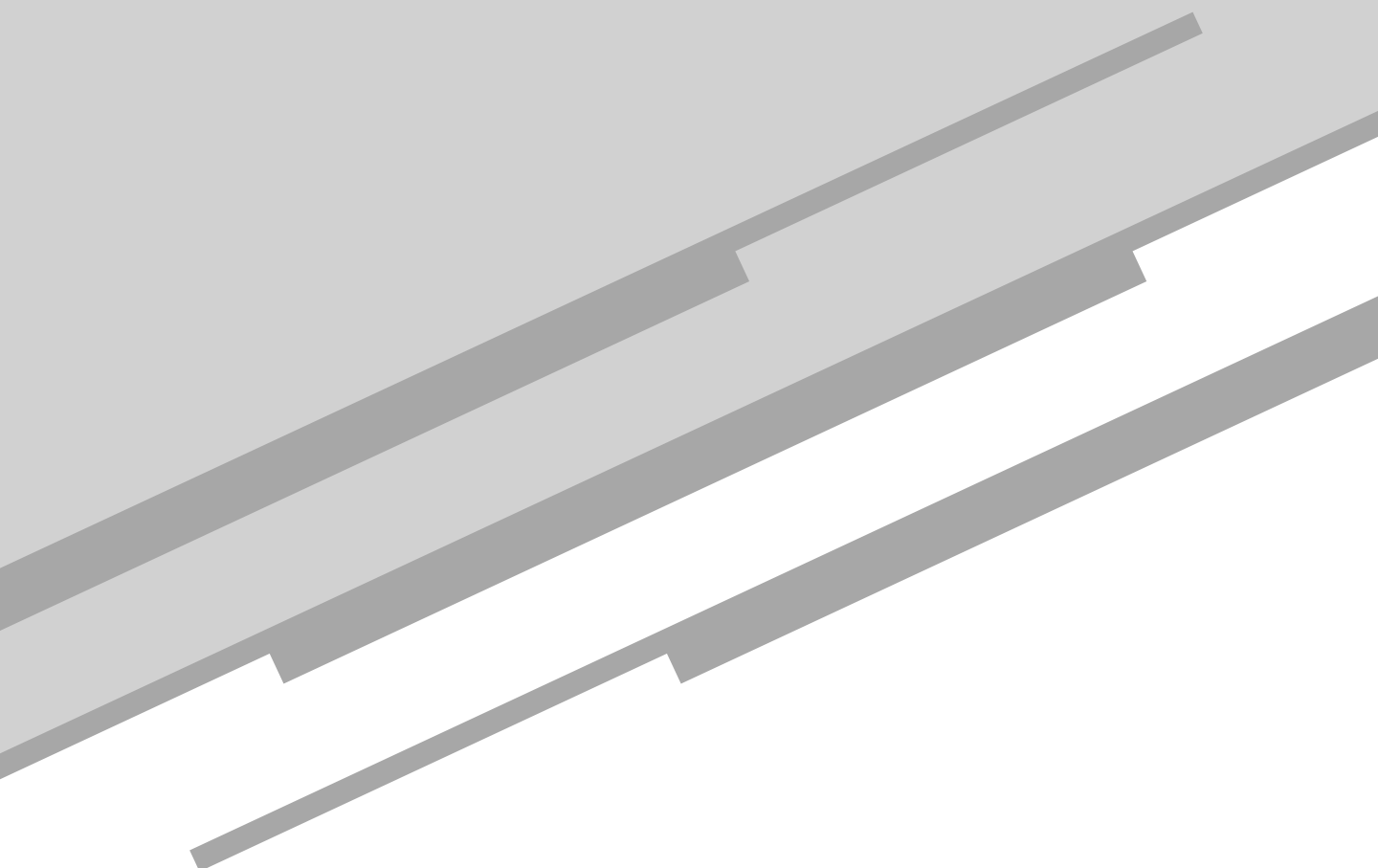
## **Informação sobre a próxima aula**

Na próxima aula, daremos início ao estudo das classes de palavras. Nossos objetivos iniciais serão o de estabelecer alguns critérios para a classificação das palavras e o de compreender a classificação das classes de palavras sob o ponto de vista da gramática tradicional.



# Aula 16

Classes gramaticais I



*Claudia Franco;  
Ronaldo Amorim Lima*

## **Meta**

Apresentar o estudo das classes gramaticais, observando alguns critérios que as determinam e a abordagem da gramática tradicional. Nesta aula, trataremos, em especial, da classe dos verbos.

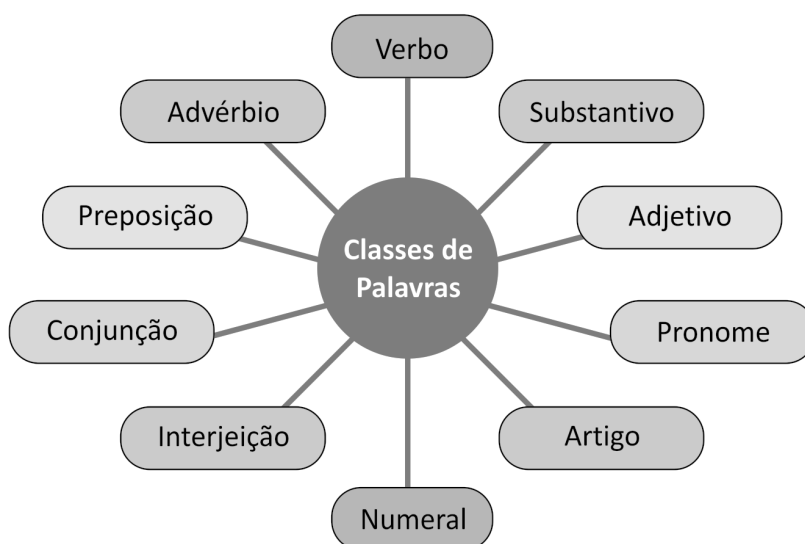
## **Objetivos**

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer os critérios determinantes das classes de palavras e sua abordagem pela gramática tradicional;
2. analisar alguns usos dos verbos.



## Introdução



Comunicamo-nos, essencialmente, por meio da língua, que, segundo Basílio (2009, p. 9), “é ao mesmo tempo um sistema de classificação e um sistema de comunicação”. Essa dupla função da língua, por sua vez, se cumpre pelo léxico, considerado não apenas como um conjunto fechado de palavras, estanque, em estado de dicionário, mas como “sistema dinâmico” que “apresenta estruturas a serem utilizadas em sua expansão” (idem).

Em nossa aula anterior, estudamos os processos de formação de palavras e vimos o quanto importam para a expansão do léxico, atendendo nossas necessidades comunicativas. Ligada diretamente ao estudo anterior, está a questão das classes das palavras. Esse é o objeto de estudo desta aula.



A distribuição das palavras em classes foi feita, segundo Mattoso (1986, p. 77), “para o grego antigo pelo gramático alexandrino Dionísio da Trácia. A sua classificação foi adotada com pequenas modificações em latim e afinal passou para as línguas europeias modernas”. A influência clássica se manteve nos estudos linguísticos, como na Gramática Tradicional de que trataremos a seguir.

Observemos o título e o trecho a seguir da música de Caetano:

### O quereres

(...)

O quereres e o estares sempre a fim  
Do que em mim é em mim tão desigual  
Faz-me querer-te bem, querer-te mal  
Bem a ti, mal ao quereres assim  
Infinitivamente pessoal  
E eu querendo querer-te sem ter fim  
E, querendo-te, aprender o total  
Do querer que há, e do que não há em mim

VELLOSO, Caetano. *O quereres*. Disponível em: <http://letras.mus.br/caetano-veloso/44758/>. Acesso em: 16 ago. 2013.



Se você quiser assistir a uma das interpretações dessa música com Caetano Veloso e Maria Gadu, entre no link <http://youtu.be/BJAkeUvCL1s> e aprecie!

A **Sintaxe**, assunto das disciplinas Português II e Português III, se ocupa do estudo do papel que desempenham as diversas classes de palavras ou classes gramaticais no espaço de uma oração. Portanto, quando se fala em questionamento de ordem sintática, o que se quer dizer é questionamento sobre o papel ou a função de uma determinada classe de palavra em uma oração, ou o mesmo que um questionamento de ordem funcional.

O próprio título da música causa estranheza: afinal, “quereres” é verbo ou nome? Será o *-es* uma desinência nominal de número (plural) ou uma desinência número-pessoal (segunda pessoa do singular)? Ou as duas coisas? Pode? E o artigo definido “o” não torna a palavra à qual se refere um substantivo? Mas está no singular; não deveria concordar com o ‘substantivo’ “quereres”? E a estrutura se repete no verso “O quereres e o estares sempre a fim”. Podemos arriscar que aqui o compositor jogou com as possibilidades da língua, tratando um único sintagma como substantivo e verbo. Mas não é isso que nos importa aqui; interessa-nos, antes, a variedade de questionamentos que fizemos: de ordem morfológica, semântica e funcional ou **sintática**.

## **Critérios determinantes das classes de palavras**

Podemos observar, a partir dos questionamentos anteriores, que uma classe gramatical é definida por critérios semânticos, morfológicos e sintáticos (ou funcional). O primeiro é relativo ao significado, à representação do mundo; o segundo refere-se à forma gramatical; e o terceiro, ao papel sintático desempenhado pelo vocábulo numa sentença.



Procure ler em alguma gramática a definição das tradicionais dez classes de palavras. Observe o critério utilizado pelo autor para definir aquelas classes: semântico (que apresenta seu significado), morfológico (que apresenta sua estrutura) e/ou sintático (que apresenta sua função).

Entretanto, se há consenso quanto à existência de tais critérios, não o há quanto a sua utilização. Teorias linguísticas priorizam um ou outro, como bem lembra Basílio (1987, p. 49):

No estruturalismo, critica-se a gramática tradicional pela mistura de critérios e privilegiam-se os critérios morfológico e funcional. Na teoria gerativa transformacional, as classes de palavras são definidas apenas em termos de propriedades sintáticas.

Dada à complexidade desse assunto, faremos aqui uma abordagem sucinta, lembrando que você pode e deve aprofundar seus estudos com leituras de obras constantes das referências e outras mais que, porventura, você vier a ter acesso nos meios acadêmicos. Começamos pelo mestre Mattoso Câmara Jr. Para ele, os critérios semântico e mórfico estão “intimamente associados”, já que um sentido não é independente de uma forma. A isso, ele chama de critério morfossemântico e o determina como “fundamento primário da classificação” (CÂMARA JR., 1986, p. 78).

A partir desse critério, Câmara Jr. estabelece três classes gramaticais: nomes, verbos e pronomes. Semanticamente, os nomes representam se-

res, coisas; os verbos, processos; e os pronomes não sugerem, ao contrário dos nomes, propriedades de um ser, como, por exemplo, a palavra “casa” sugere “um tipo de construção onde se mora” – na verdade, Mattoso não apresenta uma definição semântica clara para os pronomes. O autor rejeita a noção de processo nos nomes – postulado hoje por linguistas e gramáticos como veremos a seguir – como ocorre em *viagem* e *julgamento*, alegando que “esses vocábulos são tratados na língua como nomes e associados a coisas” (CÂMARA JR., 1986, p. 78).

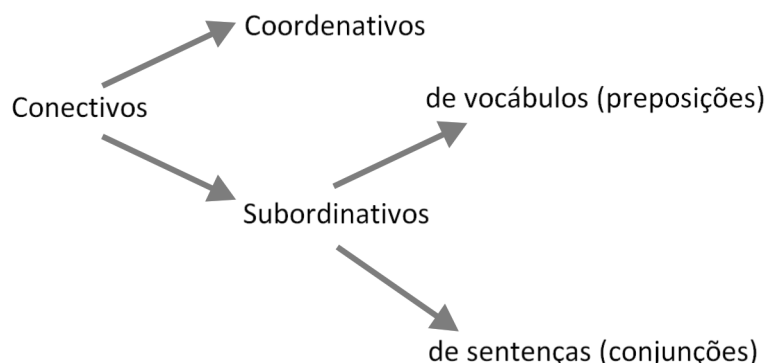
Quanto à forma, o autor diferencia o nome do verbo pela possibilidade de o primeiro ser objetivado por uma partícula ou forma dependente (o artigo, por exemplo) e ser passível de plural, e o segundo por apresentar noções gramaticais de tempo, modo, pessoa e número. O pronome, por sua vez, também apresenta características peculiares que o distinguem dos nomes, a serem tratadas em capítulo específico.

É face ao critério morfossemântico que Câmara Jr. estabelece o sintático, subdividindo os nomes e pronomes de acordo com suas funções na frase. Assim, eles podem ser substantivos se forem termos centrais, determinados; adjetivos se forem termos determinantes, modificadores de um substantivo, com o qual devem concordar; e advérbios se forem termos determinantes de um verbo. Resumindo, apresenta-se o seguinte quadro:

<b>Nome</b>	Substantivo (termo determinado)
	Adjetivo (termo determinante de outro nome)
	Advérbio (termo determinante de um verbo)
<b>Verbo</b>	
<b>Pronome</b>	Substantivo (termo determinado)
	Adjetivo (termo determinante de um nome)
	Advérbio (termo determinante de um verbo)

Por fim, Câmara Jr. faz menção aos conectivos, vocábulos responsáveis pela conexão entre termos, pelo estabelecimento de relações de subordinação ou coordenação entre eles. Os conectivos subordinativos se dividem em *preposições*, subordinam termos; e *conjunções*, subordinam sentenças. Há, nesses casos, uma relação de dependência sintática, sendo um termo ou uma oração determinante de outro(a). Os conecti-

vos coordenativos não se diferem ao relacionar termos ou orações, sua função básica é de acréscimo, havendo, nesse caso, uma independência sintática. Mais uma vez, Câmara Jr. apresenta um quadro resumitivo:



Enquanto Câmara Jr. determina o critério morfossemântico como “fundamento primário da classificação”, Basílio (1987, p. 54) questiona a hierarquia de critérios, atentando para a necessidade da conjunção dos três critérios na descrição da língua:

Ora, poderíamos teoricamente imaginar propriedades sintáticas, semânticas e morfológica independentes umas das outras (...). Entretanto, as coisas não são assim; o que observamos é que, para cada classe, as propriedades semânticas são diretamente ligadas às propriedades sintáticas e morfológicas (...).”

Assim, a autora postula que um único critério não é suficiente para determinar uma classe de palavras a exemplo do que ocorre com os verbos (definidos semanticamente como aqueles que expressam processo, ação), tendo em vista que substantivos também podem expressar as mesmas noções – ideia rejeitada por Mattoso, como vimos antes, e compactuada por Bechara (2009), que define substantivo como lexema significador de substâncias (casa, livro etc.), qualidades (bondade, candura) estados (saúde, doença) e processos (entrega, aceitação), e por Azeredo (2010), que define os substantivos como expressões de conceitos, objetos e ações.

Embora ressalte a necessidade da conjunção dos três critérios para a definição das classes de palavras, Basílio lembra que, para o estudo da formação de palavras, por vezes é necessário “determinar qual é o critério predominante e como os outros são derivados deste” (1987, p. 56).

Azeredo (2010) distribui as palavras em dois subconjuntos: os das palavras lexicais e o das palavras gramaticais, nos quais se distinguem classes de palavras segundo os três critérios mencionados anteriormente, os quais passa a chamar de *função comunicativa*, *paradigma morfológico* e *distribuição sintática*. O primeiro equivale ao critério semântico, diz respeito aos modos de significar o mundo, a saber: designação, modificação, predicação, indicação, quantificação e condensação; o segundo equivale ao critério morfológico, trata das categorias gramaticais (gênero, número, tempo, modo e pessoa) peculiares a cada classe de palavra; e o último equivale ao critério sintático.

## Abordagem pela gramática tradicional

Genericamente, podemos dizer que a gramática tradicional é uma teoria das línguas humanas proposta pela Antiguidade greco-romana, cuja influência se reflete até hoje em nossas gramáticas normativas. Câmara Jr. e Basílio mencionam a crítica feita à gramática tradicional quanto aos critérios determinadores das classes de palavras. Lembram que a mesma apresenta o estudo de maneira confusa, ora considerando apenas um dos critérios, ora outro.

Se perguntarmos a um estudante o que é um substantivo e um adjetivo, provavelmente definirão o primeiro pelo ponto de vista semântico (Exemplo: *substantivo é a classe de palavras que dá nome aos seres etc.*) e o segundo pelo sintático (Exemplo: *adjetivo é a classe de palavras que qualifica o substantivo etc.*), pois é assim que consta da maioria dos materiais didáticos. Segundo essa visão, são apresentadas dez classes de palavras: substantivos, adjetivos, verbos, advérbios, pronomes, artigos, numerais, preposições, conjunções e interjeições. Cada uma é definida aleatoriamente por critérios distintos, não se vê uma sistematização deles, o que confunde e prejudica o reconhecimento de sua importância no funcionamento da língua.

Como disse Azeredo (2010, p. 73), referindo-se à lista de dez classes,

Trata-se do elenco de classes adotado na análise das línguas ocidentais em geral, e suficientemente operacional, desde que as reagrupemos e as descrevamos em função de cada um desses três pontos de vista.

Ou seja, o estudo das classes de palavras apresentado pela gramática tradicional ressent-se da abordagem dos três critérios.

## O Verbo

Em aulas anteriores, tratamos do verbo em seus mecanismos de flexão; aqui vamos abordar alguns conceitos e usos. Começemos por sua definição. Se nos perguntarem o que é verbo, quase instantaneamente dizemos que é uma palavra que exprime ação – conceito veiculado na maioria das gramáticas escolares. Entretanto, como vimos, pela visão de Margarida Basílio, esse critério (semântico) não é suficiente para determinar o verbo, já que alguns substantivos também podem expressar a mesma noção.

Diferentemente, autores como Cunha e Cintra (1985) e Azeredo (2010) privilegiam a definição do ponto de vista morfológico. O primeiro, ainda que cite sua função de predicado, diz que “Verbo é uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado o tempo” (p. 367) – nota-se que a questão semântica (um acontecimento) está atrelada à forma. O último chega mesmo a explicitar: “Do ponto de vista morfológico, verbo é a espécie de palavra que ocorre nos enunciados sob distintas formas (vocábulos morfossintáticos) para a expressão das categorias de tempo, aspecto, modo, número e pessoa” (p. 125).

Seguindo os critérios de classificação de palavras, podemos dizer que o verbo, semanticamente, é uma palavra que exprime uma ação; sintaticamente, não tem uma função privativa, mas funciona obrigatoriamente como predicado; e, morfológicamente, é uma palavra variável em número, pessoa, tempo, modo, aspecto e voz – sendo este último critério exclusivo do verbo, portanto o principal para sua definição.

Passemos agora a analisar as categorias verbais não em suas flexões, mas em seus conceitos e usos. As noções de número e pessoa não nos interessam aqui, visto que “não são inerentes ao verbo, mas um reflexo da pessoa e número do sujeito na oração” (AZEREDO, 2010, p. 126). Trataremos, então, do modo, do tempo e do aspecto.

## Os modos

Os modos dizem respeito à atitude que o enunciador toma em relação ao fato enunciado. Assim, se sua relação é de certeza, o modo será

o *Indicativo*; se de dúvida ou suposição, *Subjuntivo*; e se de mando ou pedido, *Imperativo*.

Vejam os exemplos. Nas frases “O povo rejeita governante”, “O povo rejeitava o governante” e “O povo rejeitará o governante”, o enunciador tem certeza do fato, trata-o de maneira objetiva; em outras palavras, ele *indica* os fatos, daí o modo **indicativo**.

O mesmo não ocorrerá se alterarmos as frases para “Talvez o povo rejeite o governante”, “Era possível que o povo rejeitasse o governante” e “Haverá sérios problemas se o povo rejeitar o governante”. Nota-se nessa sequência que o enunciador supõe fatos, daí modo **subjuntivo**. Outra questão interessante quanto a esse modo é a dependência sintática que a forma verbal mantém ou com um advérbio, como o *talvez*, ou com uma oração principal, como *Era possível que*.



Celso Cunha (1985) lembra que *subjuntivo* vem do latim *sub-junctivus*, que significa “que serve para ligar, para subordinar” (p. 454), e denota uma ação ainda não realizada dependente de outra, por isso figura normalmente numa oração subordinada. Nesse capítulo, o autor fala ainda sobre seu uso independente. Vale conferir.

O modo **imperativo** expressa ordem, pedido. Suas formas verbais não variam quanto ao tempo, são usadas pelo enunciador, que se dirige diretamente a um interlocutor, com a intenção de exortá-lo a cumprir a ação expressa.

## Os tempos

A categoria tempo refere-se ao momento em que se dá a ação verbal, tomando-se como referência o momento da comunicação. O que está situado antes chama-se *passado*, e o depois, *futuro*. O **presente**, então, é tudo o que não está situado nesses dois tempos. Nas palavras de Azere-do (2010, p. 127),



Tudo que o falante não precisa, não quer ou ao pode situar em uma dessas duas épocas – anterior ou posterior ao momento da enunciação – vem representado, por exclusão, como presente. (O *Oceano Atlântico banha a costa brasileira, As mangas são frutas tropicais, o Sol nasce para todos*).

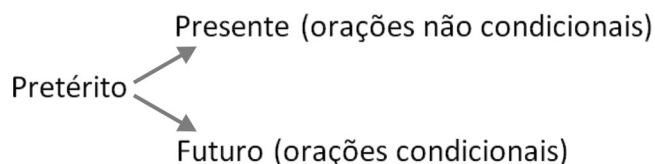
A noção de presente como tempo gramatical não pode, portanto, ser definida como ‘momento em que se fala’.

Assim, podemos dizer que o presente tem um largo uso; além de expressar o momento da enunciação, ele pode denotar ação habitual (Leio muito.), faculdade de um sujeito (Sou tímido.), verdades científicas (A Terra gira em torno do próprio eixo.), dogmas (Deus é pai.), presente histórico (Os portugueses chegam ao Brasil em 22 de abril de 1500 e, quatro dias depois, é rezada a primeira missa no solo da nova terra.) e mesmo o futuro (Viajo para a Europa daqui a dois meses.). Celso Cunha (1985) fala em “Valores afetivos” dos tempos.

Câmara Jr. (1986) fala em duas divisões quanto ao pretérito: uma de ordem temporal – um passado anterior a outro, o pretérito mais que perfeito –, e outra de ordem aspectual – o perfeito e o imperfeito, que veremos adiante. Vale lembrar que o uso do **pretérito mais que perfeito** é mínimo, preferindo-se no seu lugar o emprego do pretérito perfeito ou de uma forma composta de verbo auxiliar no imperfeito e verbo principal no particípio. Quanto ao **pretérito imperfeito**, em relação à ordem temporal, é importante ressaltarmos seu uso na indicação da ‘irrealidade’ (Era um vez...), da imaginação (Se tivesse um sítio, plantava tudo o que fosse comer.), além de fatos passados dos quais nos aproximamos.

Em relação ao **futuro do presente**, Celso Cunha (1985), entre outros usos, menciona seu emprego para “indicar fatos certos ou prováveis, posteriores ao momento em que se fala” (Viajarei na próxima semana.) e para “expressar a incerteza (probabilidade, dúvida, suposição) sobre fatos atuais” (Será que vão concordar comigo?). Entre os usos mais comuns do **futuro do pretérito**, podemos ressaltar sua capacidade de expressar incerteza (probabilidade, dúvida, suposição) sobre fatos passados (Quem seria aquele homem?) e fatos que não se realizaram e provavelmente não se realizarão (Se fosse esclarecido, entenderia melhor esta situação.). Observa-se também seu uso, em especial na linguagem jornalística, para introduzir o ponto de vista de alguém ou um fato, mas sem assumir a responsabilidade (O programa Mais Médicos atenderia uma reclamação do povo. / O assassino teria rendido toda a família.).

A divisão tripartida dos tempos do subjuntivo é questionada por Mattoso Câmara (1986). Segundo ele, “há duas divisões dicotômicas que se complementam” (p. 101), sendo uma a oposição entre presente e pretérito e outra a oposição entre pretérito e futuro. Resumindo essa visão, podemos dizer que, em relação ao presente, o pretérito é a forma marcada, indica o passado nas orações independentes precedidas pelo advérbio talvez, e, em orações subordinadas, se relaciona com o pretérito do indicativo da oração principal: *talvez fosse o melhor professor; supus que fosse o melhor professor / talvez seja o melhor professor; suponho que seja o melhor professor*. Já em relação ao futuro, considerando-se uma condição para o que se vai comunicar, o pretérito indica uma irregularidade, diferentemente do futuro: se estudasse, passaria no concurso / se estudar, passará no concurso; em outras palavras, o pretérito sugere uma “impossibilidade”, enquanto o futuro considera uma “certa possibilidade”. Assim, em orações independentes pode-se usar o pretérito ou o presente; e em orações subordinadas (condicionais) pode-se usar o pretérito ou o futuro. Câmara Jr. apresenta o seguinte quadro elucidativo:



## Os aspectos

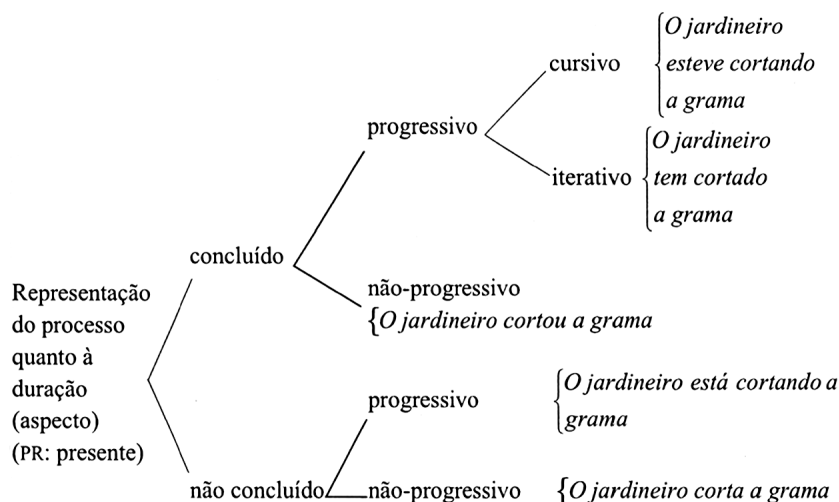
O aspecto verbal diz respeito à duração da ação verbal independentemente do tempo. Uma ação pode ser momentânea, inicial, contínua, concluída, habitual etc. No presente, passado ou futuro, o processo pode apresentar qualquer desses valores. Daí a ordem aspectual do pretérito, citada: o imperfeito denota uma ação não concluída, ao contrário do perfeito.

Ainda que não priorizada nas gramáticas escolares, a categoria do aspecto verbal é de suma importância para a construção do sentido. Notem que dizer “Leio este jornal.” é diferente de dizer “Estou lendo este jornal.”; na primeira ocorrência, pressupõe-se que exista um hábito, e, na segunda, não depreende-se um hábito, mas apenas que a leitura está em curso, o que pode sugerir, por exemplo, a necessidade de silêncio ou uma novidade – noções distintas para um mesmo tempo verbal.

Azeredo (2010) menciona dois aspectos maiores, processo concluído ou não concluído, que são subdivididos em progressivo e não progressivo. O aspecto concluído progressivo, por sua vez, subdivide-se em cursivo e iterativo. Para entendermos melhor, analisemos os exemplos seguintes:

1. Eu li o jornal.
2. Eu estive lendo o jornal.
3. Eu tenho lido o jornal.
4. Eu estou lendo o jornal.
5. Eu leio o jornal.

Em 1, 2 e 3 temos o aspecto **concluído**, sendo 1 não progressivo; 2 progressivo- cursivo; e 3 progressivo-iterativo – nesses casos, a ação foi terminada, diferenciando-se apenas no como se apresenta: em 1, tem-se uma ação pontual; em 2, ressalta-se o curso; em 3, importa a reiteração. Já em 4 e 5 identifica-se uma ação **não concluída**, progressiva (em curso) em 4, e não progressiva (iterativa, repetitiva) em 5. Apresentamos a seguir o quadro esquemático elaborado pelo autor



Fonte: AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de gramática do português*. São Paulo: Zahar, 2010, p. 133.

Lembramos, ainda, que a noção aspectual por vezes está na própria significação verbal, como em *Começou a chover*, *Acabei de ler* e *Continuo a ler*, respectivamente, as noções de início, término e curso residem nos significados dos verbos começar, acabar e continuar.



Quanto às formas nominais do verbo (infinitivo não flexionado, gerúndio e particípio), interessa a questão aspectual, já que não apresentam as noções gramaticais de modo, tempo, pessoa e número. O infinitivo (não flexionado) e o gerúndio denotam o aspecto inconclusivo, e o particípio, conclusivo.

Atentamos que o estudo aqui apresentado não esgota o assunto. Cabe a você, graduando, ampliar e aprofundar seus conhecimentos com a leitura de obras constantes de nossa referência e outras que você mesmo pode buscar.

### Atividade 1

#### Atende ao objetivo 1

1. Estabeleça a diferença entre substantivo, adjetivo e advérbio utilizando os critérios morfológico, sintático e semântico.

---



---



---



---

2. A palavra destacada nas orações a seguir é um substantivo. Justifique tal afirmativa com critério mais adequado.

- a) Esta atriz casou-se com um **jornalista**.
- b) O **jornalista** desta emissora faz comentários lamentáveis.
- c) Houve uma homenagem àquele excelente **jornalista**.

---



---



---



---

3. A consideração dos três critérios é fundamental para a classificação das palavras. Comente esta afirmação a partir da forma verbal destacada a seguir.

Viajar é sempre muito bom!

---



---



---



---

### **Respostas comentadas**

1. Considerando, pela visão de Mattoso Câmara, que substantivos, adjetivos e advérbios são nomes, pode-se fazer uma distinção utilizando-se basicamente o critério sintático. Substantivo diferencia-se do adjetivo por ser termo determinado (núcleo), e o adjetivo ser termo determinante. O adjetivo, por sua vez, diferencia-se do advérbio por ser determinante de um substantivo, enquanto o advérbio é determinante do verbo. Do ponto de vista semântico, pode-se dizer que nomeiam coisas diferentes: o substantivo, seres, qualidades, ações; o adjetivo, características; e o advérbio, circunstâncias. Morfologicamente, o substantivo e o adjetivo se aproximam, já que ambos variam, sendo a obrigatoriedade de variação do segundo; distinguindo-se do advérbio, que é invariável.

2. Pode-se afirmar que a palavra jornalista é substantivo pelo critério sintático, pois em todas as frases ela é núcleo do sintagma nominal e determinada por artigo nas frases *a* e *b*, e por um pronome e um adjetivo na frase *c*.

3. No exemplo, a forma verbal não está flexionada, o que comprova que o critério morfológico (varia em tempo-modo, número-pessoa) não é suficiente para caracterizar uma palavra como verbo. Os critérios semântico (*viajar* designa ação) e sintático (constitui o predicado de uma oração) são fundamentais para a classificação da palavra como verbo.

---



---



---



---

### **Conclusão**

É muito importante para o professor de uma língua que adquira meios para desenvolver uma postura crítica sobre os assuntos pertinentes a sua disciplina, bem como a maneira como esses assuntos são abor-

dados pelas gramáticas, pelos livros didáticos e pelas diversas correntes teóricas da área. A simples observação dos critérios utilizados para análise dos fenômenos linguísticos é um bom início para isso.

## ===== **Atividade Final** =====

### *Atende ao objetivo 2*

a) omente o tempo verbal nos versos da primeira estrofe da canção *João e Maria*, de Chico Buarque.

Agora eu era herói  
E meu cavalo só falava inglês  
A noiva do cowboy  
Era você além das outras três  
Eu enfrentava os batalhões  
Os alemães e seus canhões  
Guardava o meu bodoque  
E ensaia o rock para as matinês

---

---

---

---

b) Identifique o tempo e o aspecto verbais expressos na locução verbal grifada a seguir.

Não ser selvagem! Que sou eu senão um selvagem, ligeiramente polido, com uma tênue camada de verniz por fora? Quatrocentos anos de civilização, outras raças, outros costumes. (...)

Diferenças também, é claro. Outras raças, outros costumes, quatrocentos anos. Mas no íntimo, um caeté. Um caeté descrente.

Descrente? Engano. Não há mais crédulo que eu. E esta exaltação, quase veneração, com que ouço falar em artistas que não conheço, filósofos que não sei se existiram!

Ateu! Não é verdade. Tenho passado a vida a criar deuses que morrem logo, ídolos que depois derrubo - uma estrela no céu, algumas mulheres na terra...

Graciliano Ramos. *Caetés*.

c) Comente o uso do subjuntivo no período a seguir:

*Tivesse eu trinta anos, começaria tudo de novo.*

---

---

---

---

### **Respostas comentadas**

a) O uso do pretérito imperfeito, paradoxalmente junto do advérbio de presente “agora”, remete ao mundo imaginário dos contos infantis, do “faz de conta”, reforçando a expectativa criada pelo título João e Maria.

b) A locução Tenho passado encontra-se no presente do indicativo explicitando o aspecto verbal, segundo classificação de Azeredo, de processo concluído, progressivo iterativo, ou seja, ação passada que se repete até o presente.

c) O subjuntivo nesta frase, além de confirmar o uso comum de hipótese, sugere um desejo, que provavelmente não vai se realizar – noção veiculada pelo pretérito imperfeito numa oração condicional, de acordo com a visão de Mattoso Câmara.

---

---

---

---

## **Resumo**

Neste capítulo, vimos a importância das classes de palavras para a construção do sentido e a necessidade dos critérios semântico, sintático e morfológico, em conjunto, para sua determinação. Vimos também que as dez classes gramaticais tratadas pela gramática tradicional são coerentes e produtivas, carecendo, porém, de uma abordagem mais ampla, do ponto de vista dos três critérios. Terminamos o capítulo tratando dos verbos em suas categorias de modo, tempo e aspecto quanto ao uso.

## **Informação sobre a próxima aula**

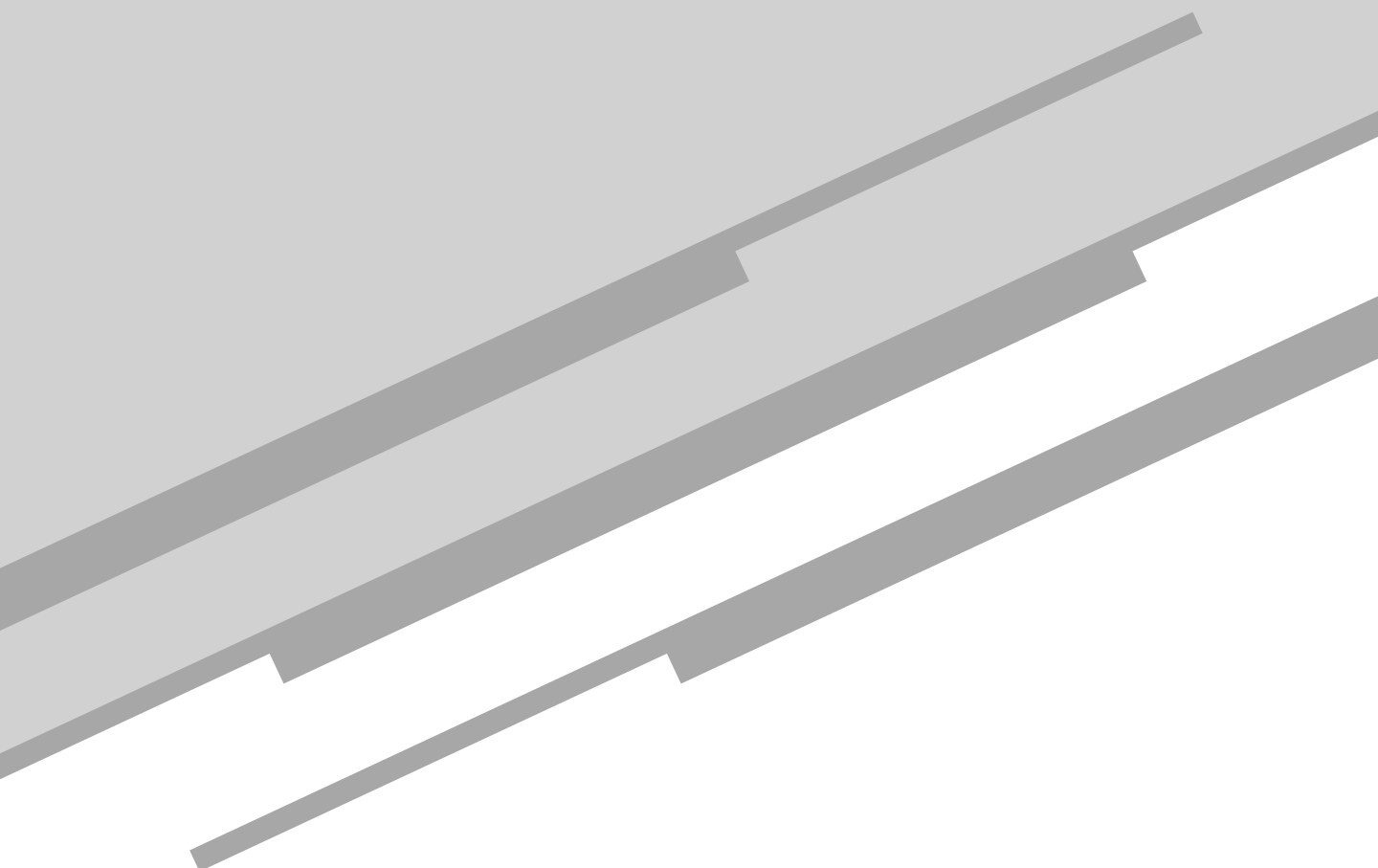
Na próxima aula, estudaremos com mais detalhes a categoria dos nomes e suas divisões e as demais classes de palavras enfocando o uso e sua importância na composição textual.





# Aula 17

## Classes gramaticais II



*Ronaldo Amorim Lima;  
Claudia Franco*

## **Meta**

Prosseguir com o estudo das classes gramaticais – a categoria dos nomes e suas divisões e demais classes –, enfocando o uso e sua importância na composição textual.

## **Objetivos**

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

1. distinguir os elementos da classe dos nomes: substantivos, adjetivos e advérbios;
2. reconhecer pronomes, artigos, numerais, conjunções, preposições e interjeições;
3. analisar alguns usos dos nomes e demais classes de palavras.

## Afinal, quem nunca sorriu amarelo?



### Introdução

Como vimos na aula anterior, a abordagem das classes de palavras deve ser feita segundo os critérios morfológico, sintático e semântico, concomitantemente, ainda que por vezes um deles seja determinante para a diferença entre algumas classes.

A ilustração anterior mostra bem isso. Um estrangeiro que esteja aprendendo a Língua Portuguesa, ou mesmo uma criança em fase de aquisição do português como língua materna, provavelmente não entenderá a expressão “sorrir amarelo”, se tomá-la em sentido literal, já que *amarelo* é uma cor, por isso não pode ser um modificador de um verbo, não na linguagem denotativa. É justamente a conversão de adjetivo (cor) em advérbio (modo) a responsável pela construção do sentido metafórico, ou seja, é o critério sintático que permite o processo de formação de palavra em questão (a conversão).



A título de curiosidade, em relação à origem da expressão *sorrir amarelo*, veja no *link* <http://forum.wordreference.com/showthread.-php?t=2549275> a dúvida de uma estudante japonesa e a resposta dada a ela.

Nesta aula, usaremos os três critérios para definir as classes gramaticais – nomes, pronomes, artigos, numerais, conjunções, preposições e interjeições – e, em seguida, analisaremos seus usos.

## Os nomes

Você deve estar lembrado de que Câmara Jr. toma o critério morfossemântico como “fundamento primário da classificação” (1986, p. 78), face ao qual estabelece o sintático como o responsável pela subdivisão dos nomes e dos pronomes em substantivo, adjetivo e advérbio, dadas suas funções comunicativas. Dessa perspectiva, pode-se dizer que a diferença básica entre substantivo, adjetivo e advérbio se faz pelo critério funcional (sintático).

Outros autores, como Cunha e Cintra (1985) e Bechara (2009), utilizam predominantemente o critério funcional para definir essas classes gramaticais, o que acaba por diferenciá-las. Vale ressaltar, porém, que esta não é a única distinção entre os nomes. Por esse motivo, utilizaremos os três critérios em nossa abordagem. Procederemos, assim, à análise dos nomes sem aprofundar as questões morfológicas (já vistas em aula anterior), sintáticas e semânticas, mas observando conceitos, diferenças e o uso.

## Substantivos

*Semanticamente:* designam os seres.

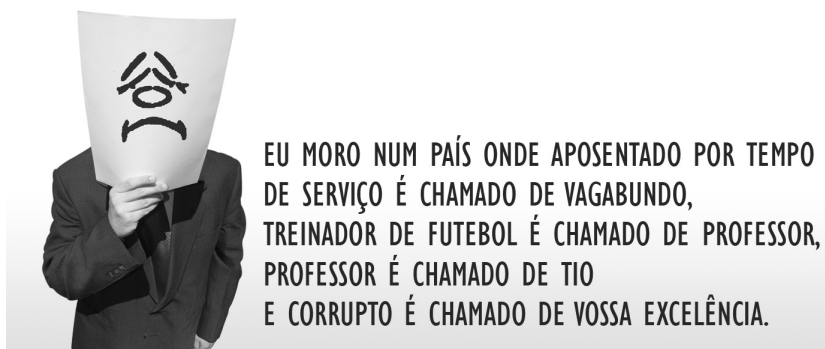
*Morfolologicamente:* podem ser objetivados por um artigo; são, em sua maioria, passíveis de variação em número, sendo apenas uma parte passível de variação em gênero.

*Sintaticamente:* funcionam como termos-núcleo, termos determinados ou subordinantes.

As gramáticas escolares, em geral, definem o **substantivo** como a palavra que nomeia os seres (critério semântico), o que costuma ser esclarecedor para o aluno. Em seguida, fala-se das categorias gramaticais, às quais é dedicada a maior parte das aulas, sem se falar do aspecto sintático, normalmente abordado no estudo de sintaxe.

A abordagem estanque dos três critérios dificulta, posteriormente, o entendimento do uso do substantivo, em especial quando ocorre sua

conversão em adjetivo ou quando assume valor argumentativo. Observemos o seguinte **memes** veiculado numa rede social:



Segundo a Wikipédia, “os memes podem ser *ideias* ou partes de ideias, *línguas*, sons, desenhos, capacidades, valores estéticos e morais, ou qualquer outra coisa que possa ser aprendida facilmente e transmitida como unidade autônoma.”

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Meme>. Acesso em: 15 set. 2013.

Para Azeredo (2010), existem, segundo a função comunicativa, seis modos de significar nossa experiência conceitual do mundo: a designação, a modificação, a predicação, a indicação, a quantificação e a condensação. O substantivo, segundo o autor, tem a função de **designar**, dar nome, expressar conceitos.

Partindo dessa consideração, tomemos a palavra *professor*. Sabemos que professor designa “aquele que ensina”, termo normalmente atribuído àqueles que praticam a atividade de ensinar em instituições de ensino e que são dotados de conhecimento adquirido também em instituição de ensino, legalmente reconhecida como tal – *pelo menos, assim deve ser*. Entretanto, na frase “Treinador é chamado de professor”, o substantivo, em função predicativa, extrapola essa designação descritiva; ele assume valor argumentativo, veiculando uma crítica, já que um

“treinador” não possui a formação necessária à de um professor e, ao ser designado como tal, é supervalorizado.

Com esse exemplo, podemos notar a importância do estudo de classe de palavras para além de suas noções gramaticais, sintáticas e semânticas; antes, é preciso utilizá-las a favor da compreensão do discurso. Não basta só, no caso em análise, saber que *professor* é um substantivo masculino, passível de flexão, que designa uma profissão e que funciona como núcleo de um sintagma; é preciso associar estas informações ao conhecimento de mundo, às outras informações do texto, à imagem, para então inferir seu valor argumentativo.

## Adjetivos

*Semanticamente:* atribuem característica ao substantivo.

*Morfológicamente:* podem variar em gênero e número, concordando com o substantivo a que se refere.

*Sintaticamente:* são termos modificadores, determinantes ou subordinados.

À semelhança do substantivo, nas gramáticas escolares, o adjetivo normalmente é definido, semanticamente, como uma “qualidade”, “característica”. No entanto, essa definição traz consigo a noção sintática, já que uma característica relaciona-se necessariamente a outro termo, o substantivo.

Azeredo (2010) apropriadamente fala na função comunicativa de modificação. Segundo o autor, o **adjetivo** é a “classe de palavras lexicais que modificam o conceito designado pelo substantivo” (p. 75). Bechara (2010) cita seu aspecto delimitador; parafraseando, o adjetivo delimita as possibilidades designativas do substantivo. Modificador ou delimitador, ambos os termos evidenciam o critério sintático para a definição do adjetivo, marcado ainda pela relação gramatical obrigatória da concordância.



Lembramos que existem adjetivos considerados primitivos por designarem por si mesmos uma qualidade sem referência a um

substantivo como, por exemplo, claro, curto, grande, largo, liso, livre, triste, azul, branco, preto etc.

---

É o critério sintático que difere o adjetivo do substantivo. Nas frases *Este é um belo prédio* e *O belo é muito relativo*, a palavra *belo* tem classe gramatical diferente; no primeiro caso, “belo” cumpre seu papel de adjetivo, caracteriza o substantivo *prédio*; no segundo, desempenha papel de substantivo, é determinado pelo artigo e é núcleo do sintagma. Quanto ao aspecto morfológico, é possível se dizer que substantivo e adjetivo coincidem, pois ambos podem variar em gênero e número.

Outras características do adjetivo, em termos sintáticos, são a determinação de valor afetivo e a capacidade de fazer vez de um advérbio. Quando pospostos ao substantivo, alguns adjetivos apresentam valor objetivo, como se pode observar em *A noite escura despertava medo*. Mas, quando antepostos, como em *A escura noite despertava medo*, o mesmo adjetivo imprime maior subjetividade, maior ênfase à caracterização da noite. Por vezes, a anteposição acarreta mesma significação especial – *grande homem* não é a mesma coisa que *homem grande*; no primeiro caso, há valorização do homem, enquanto no segundo o adjetivo refere-se a tamanho.

O valor adverbial pode ser visto no exemplo inicial desta aula – *Afinal, quem nunca sorriu amarelo?*, em que *amarelo*, originalmente um adjetivo, não modifica um substantivo, mas um verbo. Essa capacidade muitas vezes causa dúvida quanto à concordância: se for adjetivo, tem que flexionar caso o substantivo seja feminino; se for advérbio, não flexiona. Aliás, é o critério morfológico que marca a diferença entre adjetivo e advérbio, como veremos adiante.

Em termos semânticos, o adjetivo também tem seus caprichos. Dependendo do contexto, ele pode ter o mesmo valor semântico, mas diferente valor discursivo. Em uma frase como *A sala está muito clara*, pode entender *clara* positivamente, caso se deseje luz para um trabalho de leitura, por exemplo; ou negativamente, caso se deseje um ambiente com pouca luz para projeção de *slides*.

Nessa perspectiva, temos ainda o uso conotativo, que pode acentuar determinados pontos de vista. Observem a fala do presidente da Associação de Juízes Federais, Nino Toldo: “Não há diálogo entre Joaquim

Barbosa e juízes. A relação é fria” (Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.-com.br/politica>. Acessado em 15 set. 2013). Poderia ter sido dito que a relação é “cerimoniosa”, mas se preferiu o adjetivo *fria*, em sentido conotativo, que reforça a crítica ao político.

## Advérbios

*Semanticamente*: apresentam circunstâncias (tempo, lugar, negação, causa, consequência, modo, intensidade etc.).

*Morfológicamente*: são invariáveis, ou seja, não são passíveis de flexões.

*Sintaticamente*: modificam verbos, adjetivos ou outros advérbios, ou ainda orações inteiras.

Em relação à definição de **advérbio**, as gramáticas escolares alternam a prioridade dos critérios, mas não deixam de tocar nos três. Sintaticamente, ele se aproxima do adjetivo, já que também é termo modificador, o que muitas vezes causa dúvida quanto à concordância.

Nota-se a diferença se considerarmos o termo com o qual se relacionam – adjetivo modifica substantivo e advérbio modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio, e isso nos leva naturalmente para a diferença morfológica – adjetivo varia e advérbio não varia. Peguemos o adjetivo *redondo*. Se atribuirmos esta característica a uma mesa, teremos *mesa redonda*, o adjetivo flexiona de acordo com o substantivo a que se refere. Mas se tomarmos o exemplo da propaganda que diz “A cerveja que desce *redondo*.”, reconheceremos um advérbio, pois se refere ao verbo. Trata-se do modo como a cerveja desce, e a palavra não varia, permanecendo na forma masculina singular.

O mesmo acontece quando o termo modificado é adjetivo ou advérbio. Veja:

Comprei *muitas* frutas/  
adj. subst.

As meninas ficaram *muito* tristes/  
adv. adj.

Elas cantam *muito* bem.  
adv. adv.



Por vezes, o advérbio modifica toda uma oração, como em *Infelizmente, não poderei comparecer à reunião*. Observe que a palavra *infelizmente* pode ser deslocada para outras posições na mesma frase: *Não poderei infelizmente comparecer à reunião*; *Não poderei comparecer infelizmente à reunião*; *Não poderei comparecer à reunião infelizmente*. Essa pode ser uma das provas de que o advérbio se refere à oração inteira, não estando atrelada a nenhum termo especificamente.



Bechara chama a atenção para o fato de o advérbio também modificar um substantivo, “principalmente quando este é entendido não tanto enquanto substância, mas enquanto qualidade que esta substância apresenta” (2009, p. 288), e cita o exemplo “*Pessoas assim não merecem nossa atenção*.”

Se o advérbio é invariável quanto ao gênero e número, não o é quanto ao grau – característica bastante explorada discursivamente em diversos gêneros. Todos nós usamos cotidianamente o grau comparativo como em expressões do tipo “mais depressa que” e “tão depressa quanto”, ou o superlativo como em “muitíssimo feliz” e “mal se conhecem”, ou ainda o diminutivo, “chegou cedinho” – notem que chegar cedinho não é simplesmente chegar cedo, é chegar muito cedo, pode demonstrar um esforço, um interesse maior ou mesmo ansiedade.

O advérbio também é usado largamente na linguagem jornalística como um modalizador. O jornalista Kiko Nogueira, em alusão à postura política do músico Dinho Ouro Preto, diz “Sim, ele fala de assuntos sem estar totalmente informado.”

(<http://www.diariodocentrodomundo.com.br/dinho-ouro-preto-e-a-gloria-da-rebeldia-desinformada/>. Acesso em 15 set.2013.)

Pode-se dizer que o *Sim* no início da oração não faz simplesmente uma afirmação; nota-se ali uma crítica – equivale a um “absurdamente”.



Os modalizadores são elementos linguísticos por meio dos quais se percebe a atitude do locutor em relação ao que defende.

Essas nuances do advérbio fazem dele um poderoso elemento discursivo, cabendo a nós leitores/escritores avaliar seus valores na composição textual.

## Os pronomes

Sinfonia dos pronomes

*Dalva Sauto*

Às vezes estou eu

Outras... com ele ou elas.

Ficamos nós. O tempo passa...

Canso-me!

Quero o retornar a ficar só.

Como uma estrela solitária sem galáxia

(...)

QUERER SER SÓ!

Para me inspirar, pintar, poetizar, descansar,

E com Deus sintonizar.

Fazer as minhas coisas

Deixar você fazer as suas

É a sinfonia dos nomes sem nomes

Os pronomes.

Por fim quero fugir de nós

Não quero fugir de mim!

(Fonte: <http://www.recantodasletras.com.br>)

Na aula anterior, vimos que os pronomes diferenciam-se dos nomes por não sugerirem propriedades de um ser; antes, eles se referem aos seres, representando uma das pessoas do discurso, determinando a extensão de um substantivo ou localizando-os no tempo, no espaço ou no discurso.

O poema “Sinfonia dos pronomes” ilustra bem isso. Quem são *eu*, *ele*, *elas*, *nós*? Podem ser qualquer um, não suscitam uma ideia, uma imagem única; na verdade, só farão sentido se soubermos a quem fazem referência, eles são “a sinfonia dos nomes sem nomes”.

Assim, os pronomes são palavras gramaticais relacionadas a um nome e que, dependendo do tipo de relação, pertencerão a uma classe.

A seguir, trataremos de cada uma dessas classes considerando os três critérios, a exemplo do que fizemos com os nomes, e seus usos.

## Pronomes pessoais retos

*Semanticamente*: indicam as pessoas do discurso (1ª, 2ª ou 3ª).

*Morfológicamente*: apenas a 3ª pessoa se flexiona em gênero e número, se consideradas as formas tradicionalmente apresentadas nas gramáticas e nos livros didáticos: *eu*, *tu*, *ele*, *nós*, *vós* e *eles*.

*Sintaticamente*: funcionam como núcleos do sujeito.

Os pronomes pessoais retos cumprem a função de indicar uma das pessoas que participam do discurso, o(s) indivíduo(s) que fala(m), *eu* ou *nós*, com quem se fala, *tu* ou *vós* (*você* ou *vocês*), e o indivíduo ou coisa de que se fala, *ele* (*a*) ou *eles* (*as*). Assim, desempenham na oração a função de sujeito, de consequente valor substantivo, mencionado por Câmara Jr., como já dissemos anteriormente.



As formas *você* e *vocês* são consideradas pelas gramáticas como pronomes de tratamento (cf. BECHARA, 2009, p. 165), embora seu uso no lugar do *tu* e *vós* seja corrente. No Brasil, o uso do pronome *tu*, acompanhado de verbos devidamente flexionados na segunda pessoa do singular, restringe-se à linguagem culta do extremo Sul do país e alguns pontos da região Norte e Nordeste. O uso do pronome *vós* restringe-se a textos religiosos escritos e, mais raramente, a textos jurídicos. Em quase todo o território brasileiro, os pronomes *você* e *vocês* são utilizados nas mais diversas situações, por todas as camadas da população, muitas vezes indicando proximidade ou intimidade entre os interlocu-

tores, enquanto as formas *o senhor*, *a senhora*, *os senhores* e *as senhoras* são utilizados em atitudes de respeito, ou quando o falante deseja marcar um distanciamento em relação ao(s) seu(s) interlocutor(es).

---



Caso você se interesse em saber um pouco mais sobre a história dos pronomes pessoais da Língua Portuguesa falada no Brasil, leia o capítulo 2 “Pronomes e mudança” (pp. 57-91) do livro *Cartas através do tempo*, de Ucy Soto.

---

Do ponto de vista morfológico, dizemos que não há flexão nas 1ª e 2ª pessoas. Elas apenas apresentam formas distintas para o singular e o plural, *eu/nós* e *tu/vós*. Diferentemente, ocorre na 3ª pessoa que apresenta flexão de gênero e número, *ele/ela* – *eles/elas*.

Quanto ao uso, observamos que os falantes brasileiros tendem a empregar os pronomes pessoais retos diferentemente do que determina a gramática normativa. De acordo com ela, as formas *eu* e *tu* não devem vir precedidas de preposição, devendo substituí-las os pronomes oblíquos correspondentes *mim* e *ti*. Dessa perspectiva, o uso adequado é entre mim e você / entre ti e mim e não expressões como entre eu e você / entre tu e eu, mais comumente entre os falantes de nosso país.



Entre no *link* <http://youtu.be/wCW79T7DfgY>, ouça e leia o texto de Fauzi Arap, declamado por Maria Bethânia, e veja o uso do pronome *eu* no lugar de *mim* sendo usado naturalmente.

Em seguida, verifique na composição de Isolda e Milton Carlos, *Um jeito estúpido de te amar*, como os pronomes pessoais de segunda e de terceira pessoas são utilizados um pelo outro.

---

A gramática tradicional ainda diz que, se o pronome estiver funcionando como sujeito da oração, obrigatoriamente será usado o *eu* ou o *tu*, uma vez que apenas os pronomes retos podem exercer função de sujeito. Assim, temos *Joaquim pediu o livro para mim* (objeto do verbo pedir) e *Ele pediu para eu pegar o livro* (sujeitos dos verbos pedir e pegar), diferentemente do uso popular *Ele pediu para mim pegar*, em que a forma reta *eu* é substituída pela oblíqua *mim*.

Em relação ainda à função desses pronomes, percebemos a tendência brasileira de empregá-los como objeto: *Vi ele*. / *Pegou nós aqui*. Tal uso é mais comum com a 3ª pessoa, entretanto a música *Beija Eu*, de Marisa Monte, ilustra a ocorrência com a 1ª pessoa.

As gramáticas chamam a atenção, ainda, para a possibilidade de se contraírem as formas da 3ª pessoa com preposições *de* e *em* – *dele(s)*, *dela(s)*, *nele(s)*, *nela(s)*, observando, porém, que não se faz a contração quando o pronome é sujeito de infinitivo: *Pouco depois de eles saírem, levantei-me*, pois tais preposições se relacionam com o infinitivo e não com os pronomes.

## Pronomes pessoais oblíquos

*Semanticamente*: indicam as pessoas do discurso.

*Morfológicamente*: apenas a 3ª pessoa se flexiona em gênero e número.

*Sintaticamente*: funcionam como núcleo de complementos verbais ou nominais.

Os pronomes pessoais oblíquos podem ser *átonos* (*sem preposição*) – *me, te, se, o, a, lhe, nos/conosco, vos/convosco, os, as, lhes* – e *tônicos* (com preposição) – *mim/comigo, ti/ contigo, si/ consigo* e formas retas precedidas de preposição. Assim como os retos, os oblíquos indicam as pessoas do discurso e têm valor substantivo, diferindo-se dos primeiros quanto à função. Enquanto os retos funcionam como sujeito, os oblíquos funcionam como objetos. São formas próprias de objeto direto o,

*a, os, as – Eu avisei-o. / É preciso acompanhá-las.; e próprias de objeto indireto lhe, lhes – Inspirou-lhe confiança.*



De acordo com a gramática normativa, os pronomes pessoais retos de 3ª pessoa coincidem com a forma oblíqua tônica e funcionam como objeto direto quando vêm precedidos de todo(s), toda(s): *Li-os / Li todos eles.*, como objeto indireto se vierem precedidos de preposição: *Entreguei o material a eles*, ou como complementos nominais: *Fiz referência a ele*. Para maior aprofundamento, sugerimos consulta às gramáticas listadas nas referências.

Podem empregar-se como objeto direto ou indireto: *me, te, nos e vos – Ninguém me abandonou. / Ninguém me agradeceu.* Além de objeto, o pronome oblíquo átono pode ser sujeito de infinitivo: *Deixe-me falar.*

Em relação às formas conosco e convosco, observa-se que serão substituídas por com nós e com vós se estas vierem seguidas de numeral ou de palavras como todos, outros, mesmos, próprios, ambos – *Saiu conosco. / Saiu com nós dois.*

Quanto ao uso, vale ressaltar os valores de reflexividade, reciprocidade. Quando o objeto direto ou indireto representa a mesma pessoa ou a mesma coisa que o sujeito, diz-se que o pronome é reflexivo: *Eu me feri*, quando exprime reciprocidade da ação, isto é, indica que a ação é mútua entre dois ou mais indivíduos, diz-se que é recíproco: *Pedro e eu nos abraçamos. / José e Antônio não se cumprimentaram.*

Em caso de plural, pode haver ambiguidade, já que as formas dos pronomes reflexivos e recíprocos são idênticas. Por exemplo, uma frase como *Luciano e João enganaram-se* pode significar que o grupo formado por Luciano e João cometeu o engano, ou que Luciano enganou João e este a Luciano. Costuma-se desfazer a dúvida com expressões reforçativas especiais como *a mim mesmo, a ti mesmo, a si mesmo*: *Luciano e João enganaram-se a si mesmos*, ou *um ao outro, uns aos outros, entre si*; é possível também desfazer a dúvida por meio de um advérbio: *Luciano e João enganaram-se mutuamente.*

Cunha e Cintra (1985) lembram outro valor assumido, na linguagem coloquial, pelo pronome oblíquo *me*: o de interesse. Nesse caso, o pronome *me* não desempenha função sintática alguma, servindo apenas de recurso expressivo para a pessoa que fala demonstrar seu interesse pelo assunto tratado: *Não me escolha esta profissão!* Os autores citam ainda seu uso como palavra expletiva, com a finalidade de “realçar, com verbos intransitivos, a espontaneidade de uma atitude ou de um movimento do sujeito” (p. 298): *Foi-se embora o verão*.

Muito comum também é o uso do pronome átono com valor possessivo. Não raro eles funcionam como objeto direto (*me*, *te*, *lhe*, *nos*, *vos*, *lhes*) com sentido possessivo, principalmente quando se aplicam a partes do corpo de uma pessoa ou a objetos de seu uso particular: *Beijei-lhe o rosto* / *Tomou-me a caneta emprestada*.

## Pronomes possessivos

*Semanticamente*: indicam posse.

*Morfológicamente*: flexionam-se em gênero e número.

*Sintaticamente*: funcionam como termos determinantes ou termos-núcleo.

Os pronomes possessivos indicam o que cabe ou pertence às pessoas. Todas as pessoas admitem flexão em gênero e número, correspondendo à pessoa a que se referem. Normalmente são pronomes adjetivos e funcionam como adjunto adnominal, mas podem empregar-se como pronomes substantivos: *Meu livro é este.* / *Este livro é o meu.*

As formas da 3ª pessoa – *seu*, *sua*, *seus*, *suas* – aplicam-se indiferentemente ao possuidor da 3ª pessoa do singular ou da 3ª pessoa do plural. A fim de evitar ambiguidade, é comum lançar-se mão da substituição de *seu(s)*, *sua(s)*, pelas formas *dele(s)*, *dela(s)*, *do senhor*, *de você* e outras expressões de tratamento: “Em casual encontro com Júlia, Pedro fez comentários sobre os seus exames. / Em casual encontro com Júlia, Pedro fez comentários sobre os exames dela.” (CUNHA, 1985, p. 312).

Listamos a seguir alguns valores apresentados na obra citada:

- a) indefinido: *Tinha tido o seu orgulho, a sua calma, a sua certeza;*
- b) aproximação numérica: *Na época, tinha meus vinte anos;*
- c) designação de hábito: *Era lindo o bicho, com sua calma de passarinho manso;*

- d) valor afetivo de respeito: *Quer alguma coisa minha senhora?;*
- e) valor afetivo de intimidade: *Estou do seu lado, meu velho;*
- f) valor afetivo de interesse: *Não sei para onde vou mandar o meu herói;*
- g) reforço de ofensa: *Não faça isso, seu idiota!;*
- h) crítica quando uma foram feminina plural do pronome completa a expressão fazer (ou dizer) uma das: *Ele fez uma das suas!;*
- i) indicação de parentes ou companheiros, quando substantivado no plural: *Lembranças aos teus.*

## Pronomes demonstrativos

*Semanticamente:* situamos seres no tempo, no espaço ou no discurso.

*Morfologicamente:* apresentam formas variáveis e formas invariáveis.

*Sintaticamente:* funcionam como termos determinantes ou termos-núcleo.

Normalmente, os pronomes demonstrativos têm o valor *dêitico* (capacidade de mostrar um objeto sem nomeá-lo), tomando como referência as pessoas do discurso. De acordo com Cunha e Cintra (1985), temos *este, esta e isto* para indicar o que está perto da pessoa que fala ou o tempo presente em relação a ela: *Esta é minha casa. / Neste ano, comemoro meu vigésimo aniversário;* *esse, essa e isso* para indicar o que está próximo à pessoa com quem se fala ou o tempo passado ou futuro: *Essa caneta é sua / Em 2011 encontramos-nos, nesse ano fiz vários contatos;* e *aquele, aquela e aquilo* para indicar o que está afastado tanto da pessoa que fala quanto da pessoa com quem se fala e o tempo passado de modo vago ou época remota: *Aquela senhora não se manifestou / Saudades da infância, tempo bom aquela!.* O autor apresenta o seguinte quadro:

Demonstrativo	Pessoa	Espaço	Tempo
Este	1 <sup>a</sup>	Situação próxima	Presente
Esse	2 <sup>a</sup>	Situação intermediária ou distante	Passado ou futuro pouco distantes
Aquele	3 <sup>a</sup>	Situação longínqua	Passado vago ou remoto

Fonte: CUNHA; CINTRA, 1985, p. 322.



Tanto Cunha e Cintra (1985) quanto Bechara (2009) lembram que, na prática, não há o rigor gramatical, em especial quanto ao uso de *este* (*esta, isto*) e *esse* (*essa, isso*).

Além do valor dêitico, os pronomes demonstrativos têm uso anafórico e catafórico, retomando, no discurso, algo já mencionado (anáfora) ou anunciando o que será dito (catáfora): *Pedro e Antônio são muito diferentes, este (esse) nos contagia com sua alegria, aquele incomoda-nos com seu mau humor./ Minha dúvida é esta: devo chegar às 8h?* Esses usos são de grande importância para a coesão textual.

Do ponto de vista morfológico, os pronomes demonstrativos apresentam formas variáveis e invariáveis. Como acabamos de ver, as formas variáveis são *este*, *esse* e *aquele*, que admitem flexão de gênero e número, e as invariáveis são *isto*, *isso* e *aquilo*.

Sintaticamente falando, observamos que as formas variáveis podem desempenhar função substantiva (núcleo): *Meu livro é este*, ou adjetiva (determinante): *Este livro é meu*. As formas invariáveis desempenham apenas função substantiva: *Isso me impressiona muito.* / *Aquilo não era um homem!*

São também pronomes demonstrativos *o* (*a, os, as*), *tal*, *mesmo*, *próprio* e *semelhante*. Observem: *Não sei o que queres.* / *Tal situação a irritava.* / *Ficaram todos na mesma casa.* / *Semelhante descuido pode nos arruinar.*

Cunha (1985) cita também alguns valores afetivos expressos pelos demonstrativos.

A seguir, citam-se alguns.

- Surpresa: *Essa agora!*
- Indignação: *Isto não fica assim!*
- Ironia: *Coisa pior do que aquilo!*
- Decepção: *Então é isto?*
- Desprezo: *Aquilo é um desgraçado!*
- Apreço: *Aquilo é que é marido!*

## Pronomes Indefinidos

*Semanticamente*: indicam indeterminação da pessoa do discurso.

*Morfológicamente*: apresentam formas variáveis e formas invariáveis.

*Sintaticamente:* funcionam como termos determinantes ou termos-núcleo.

Os pronomes indefinidos referem-se à 3ª pessoa do discurso, de modo vago ou impreciso ou exprimindo uma quantidade indeterminada. Existem formas variáveis, como *todo(s)/toda(s)*, *algum(s)/alguma(s)*; e invariáveis, como *alguém*, *ninguém*, *tudo*.



Na gramática de Celso Cunha e Lindley Cintra (1985), página 347, os autores apresentam um quadro que vale a pena ser consultado.

Alguns pronomes variáveis podem desempenhar função substantiva ou adjetiva: *Poucos merecem nossa confiança.* / *Poucos homens merecem nossa confiança.*; outros só desempenham função adjetiva: *Certos homens não merecem nossa confiança.* Os invariáveis só desempenham função substantiva: *Alguém bateu à porta.*

Quanto ao uso, vale chamar a atenção para *todo* e *algum*. Observem os exemplos:

*Toda escola vai aderir ao projeto.* / *Toda a escola vai aderir ao projeto.*  
Fala-se a mesma coisa nas duas frases? Não. Na primeira, podemos entender que qualquer escola vai aderir ao projeto, e, na segunda, uma escola por inteiro vai aderir. Essa diferença foi estabelecida pela presença ou não do artigo. Com o pronome *algum*, a diferença é de ordem sintática – se o pronome estiver anteposto ao substantivo, tem valor positivo; se vier posposto, negativo: *Quero alguma coisa.* / *Quero coisa alguma.*

## Pronomes interrogativos

*Semanticamente:* formulam perguntas.

*Morfológicamente:* apresentam formas variáveis e formas invariáveis.

*Sintaticamente:* funcionam como termos determinantes ou termos-núcleo.

O pronome interrogativo é o pronome indefinido empregado na formulação de uma pergunta direta (assinalada pelo ponto de interrogação) ou indireta (sem ponto de interrogação, mas com ponto final): *Quem são essas pessoas?* / *Não sei quem são essas pessoas.*

Os pronomes *que* e *quem* são invariáveis, *qual* flexiona-se em número (qual/quais), e *quanto* varia em gênero e número (quanto/quanta – quantos/quantas). O pronome *que* pode ser substantivo (equivalente a *que coisa*) ou adjetivo (equivalente a *que espécie de*): *Que há de novo nos jornais?/ Que presente você ganhou?* Segundo Cunha e Cintra (1985, p. 344), para dar maior ênfase à pergunta, o *que* pode sofrer variações que o reforçam como *o que* ou *é que*: *o que eles têm com a minha vida? O que é que eu faço?*



No Brasil, a expressão *que é feito de?*, no sentido *de onde está?*, deu origem às formas *cadê*, *que dê* e *quede*. O pronome interrogativo *quem* só pode ser usado em função substantiva: *Quem* tem coragem de perguntar?

## Pronomes relativos

*Semanticamente*: referem-se a termos normalmente antecedentes.

*Morfológicamente*: apresentam formas variáveis e formas invariáveis.

*Sintaticamente*: funcionam como termos determinantes ou termos-núcleo.

O pronome relativo refere-se a um termo já citado e, simultaneamente, introduz uma oração que se relaciona a outra anterior. O pronome *que* é invariável e se refere a pessoa ou coisa: *Esta é a mulher que contou a verdade./ Os livros que escolhi são ótimos;* o *quem* é invariável e se refere a pessoa ou coisa personificada: *É ela quem deve contar a verdade.* São variáveis os pronomes *o qual* – substituto do *que*; *cujo* – indicador de posse e não admite artigo depois; e *onde* – indicador de lugar: *Estas são as mulheres as quais contaram a verdade. / O livro cujo título é interessante esgotou-se. / Esta é a casa onde moro.*

Os pronomes relativos normalmente introduzem orações adjetivas e retomam um termo antecedente, desempenhando função sintática de valor substantivo (*que* e *o qual*), adjetivo (*cujo*) ou adverbial (*onde*, *em que*). Cunha e Cintra (1985) mencionam que os pronomes *quem* e *onde* podem ser empregados sem antecedente (*Quem* ama, perdoa. / Você mora aonde nunca irei.), ressaltando, porém, que muitos gramáticos admitem a existência de um antecedente interno: *Aquele que* ama, perdoa. / Você mora em um lugar a que nunca irei.



Os professores Celso Cunha e Lindley Cintra tratam dos pronomes de maneira aprofundada, observando diversos valores de uso. Sugerimos que consultem a obra.

## Artigos

*Semanticamente:* definem ou indefinem um substantivo.

*Morfológicamente:* variam em gênero e número.

*Sintaticamente:* funcionam como termos determinantes.

Via de regra, diz-se que os artigos definidos individualizam, particularizam um substantivo, e os indefinidos o generalizam, imprimindo uma ideia vaga. Bechara (2009) aproxima os definidos dos pronomes demonstrativos (recorrendo à explicação diacrônica), e os indefinidos dos numerais e dos pronomes indefinidos. Mas, como não é nossa intenção fazer aqui um estudo diacrônico, trataremos dessa classe gramatical de maneira sincrônica, como desde o início.

Morfológicamente, observa-se que os artigos são variáveis; tanto os definidos quanto os indefinidos admitem flexão de gênero e número concordando com o substantivo a que se referem – o(s), a(s), um(s), uma(s). Tal característica associa-se a sua função sintática de termo determinante.

Em termos de uso, Azeredo (2010, p. 125) lembra que o **artigo definido** representa coisa, ideia ou ser “como parte do conhecimento prévio

do interlocutor”, partilhado ou não pela comunidade: *ATerra tem sofrido agressões ambientais.* / *A prova de matemática estava difícil.* Outros usos correntes são os indicativos de demonstração, *Levarei produtos da (desta) região;* de posse, *Passou a mão pelo queixo;* e de valoração, *Ele é o professor!* – nota-se que tais usos estão condicionados ao contexto. Quanto ao **artigo indefinido**, além de sua capacidade de generalizar – *Uns homens merecem respeito*, indica proximidade quando antecede um numeral – *O hotel fica a uns três quilômetros daqui.*

Não raro, alunos de ensino médio perguntam qual é o “certo”: *casa de Ana ou casa da Ana.* Essa dúvida desconsidera o fato de que o uso do artigo é facultativo, e, nesse caso, por sua característica de particularização, pode demonstrar maior ou menor intimidade com a pessoa. Assim, podemos dizer que, gradativamente, a generalização se dá primeiro pela ausência do artigo e depois pelo artigo indefinido – voz de homem, voz de um homem. Lembramos, porém, que esta é uma visão generalizada e que devemos levar sempre em consideração o contexto.

## Numerais

*Semanticamente:* indicam quantidade ou ordem.

*Morfológicamente:* sofrem flexão de gênero e número em alguns casos.

*Sintaticamente:* podem ser núcleos ou determinantes.

Com finalidade quantificadora, os numerais básicos são os **cardinais**. Como diz Azeredo (2010, p. 120), “Desses números primários – e a eles referentes – derivam-se outros conceitos que envolvem a relação todo-parte”, originando-se, assim, os **ordinais**, os **multiplicativos** e os **fracionários**.



Cunha e Cintra (1985) mencionam os numerais coletivos que se caracterizam por designarem um conjunto de pessoas ou coisas, à semelhança dos substantivos.

---

Os **cardinais** são invariáveis ao expressarem quantidade exata de um substantivo, mesmo quando assumem valor de ordinal ao serem colocados após um substantivo – *página dois, capítulo oito*. Os cardinais *um* e *dois*, quando acompanharem substantivos, e as centenas a partir de *duzentos* são variáveis: *uma maçã / duas maçãs / duzentas maçãs*. Uso bastante comum do cardinal é com o valor indefinido como em *amores mil*. Os **ordinais** todos variam em gênero e número: *primeiro/primeira; vigésimo/vigésima*. Os **multiplicativos** são invariáveis quando equivalem a substantivos: *o triplo*, e variáveis quando equivalem a adjetivos: *doses duplas*. Os **fracionários** são variáveis, concordando com os cardinais que indicam o número das partes: *um terço / dois terços*. O fracionário *meio* concorda com o substantivo a que se refere: *meio dia e meia (hora)*.

Como pertencem a um sintagma nominal, o numeral ora pode desempenhar função de termo núcleo, ora de termo determinante. Dessa forma, podemos ter: *Os dois meninos já chegaram. / Os dois já chegaram; Eles foram os primeiros alunos a chegar. / Eles foram os primeiros a chegar; Já estou na metade da vida. / Tomou meia garrafa de vinho; Pedro tem o dobro da minha idade. / Pedro bebe doses duplas de uísque*, em que as primeiras orações dos pares ilustram os numerais em posição de determinante, e a segunda, em posição de núcleo.

## Preposições

*Semanticamente:* designam relações de subordinação.

*Morfologicamente:* são invariáveis.

*Sintaticamente:* desempenham o papel de conectar termos de funções sintáticas diferentes.

Preposições são conectivos subordinativos que unem dois termos, sendo um subordinante e outro subordinado – esse explica ou completa aquele. As preposições são invariáveis e podem ser essenciais, palavras que só funcionam como tais, ou acidentais, palavras de outras classes que ocasionalmente desempenham essa função. Elas estabelecem, entre os termos, valores semânticos como os relacionados a seguir:

1. Tempo: *Tudo aconteceu em 24 horas.*
2. Finalidade: *Aqui está o caderno para Luciano.*
3. Posse: *Eis o caderno de Mariana.*
4. Causa: *A criança chorava de fome.*

5. Matéria: *Era uma casa de pedra.*
6. Origem: *Você é descendente de alemães.*
7. Oposição: *Todos os alunos estão contra você.*
8. Direção: *Olhe para sua irmã.*
9. Ausência: *Esperava o acontecimento sem ansiedade.*
10. Modo: *Vivia com tranquilidade.*
11. Estado: *A casa, permanentemente em reforma, deixava-a irritada.*
12. Meio: *Soube da notícia por jornais.*
13. Lugar: *Estarei em casa.*
14. Companhia: *Estivera com eles.*
15. Noção: *Cheiro de chuva.*

## Conjunções

*Semanticamente:* designam relações de coordenação e de subordinação.

*Morfológicamente:* são invariáveis.

*Sintaticamente:* estabelecem, entre os termos que ligam, igualdade ou dependência sintática.

De extrema importância para a composição textual, as conjunções relacionam termos ou orações de mesma função sintática ou orações de valores sintáticos distintos. Quando estabelecem o primeiro tipo de relação, chamam-se conjunções coordenativas; quando estabelecem o segundo tipo de relação, chamam-se subordinativas. Invariáveis, imprimem valor lógico-semântico às orações que iniciam.

Observem a lista a seguir com algumas delas.

### • **Coordenativas**

- Aditivas: *e, nem, mas também.*
- Adversativas: *mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, e não.*
- Alternativas: *ora...ora, ou...ou, quer...quer, seja...seja.*
- Conclusivas: *assim, logo, pois, por isso, por conseguinte.*
- Explicativas: *que, pois.*

- **Subordinativas**

- Integrantes: *que, se*.

- **Adverbiais:**

- Causais: *porque, que, como, uma vez que, já que, visto que*.

- Consecutivas: *que* (depois de tal, tanto, tão tamanho), *de modo que, de forma que, de sorte que*.

- Condicionais: *se, caso, contanto que, desde que, a menos que, a não ser que*.

- Concessivas: *embora, conquanto, ainda que, mesmo que, apesar de que*.

- Conformativas: *como, conforme, consoante, segundo, de acordo com*.

- Finais: *que, para que, a fim de que*.

- Proporcionais: *à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais (menos)*.

- Temporais: *quando, mal, apenas, enquanto, logo que, assim que, antes que, depois que, desde que*.

## **Interjeições**

*Semanticamente:* expressam estados emotivos, apelos e onomatopeias.

*Morfologicamente:* são invariáveis.

*Sintaticamente:* não exercem funções sintáticas.

A função comunicativa da interjeição é tratada por Azeredo (2010), que a define como “frases de situação”. Seu emprego depende sempre do contexto, da finalidade do enunciador. Assim, o autor divide as conjunções em **sintomáticas**, que denotam estados emotivos como surpresa, alegria, impaciência etc.; **apelativas**, que denotam alerta, necessidade de atenção; e **onomatopaicas**, que denotam a reprodução de sons.



## Atividade 1

### Atende ao objetivo 1

a) Considerando a clássica frase do personagem machadiano Brás Cubas, “*eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor*”, explique, por meio do critério adequado, a alteração de classe de palavra e, consequentemente, de sentido identificada no trecho.

b) Levando em conta a diferença entre adjetivo e advérbio, preencha adequadamente com a palavra só, justificando.

*Os alunos \_\_\_\_\_trarão os documentos amanhã. Os alunos chegarão à resposta por si \_\_\_\_\_.*

---

---

---

---

---

### Resposta comentada

a) Na frase de Machado, nota-se um sintagma constituído de dois substantivos, que alternadamente assumem valor adjetivo, fato possibilitado pela sintaxe – a segunda palavra é adjetivo da primeira. Dessa forma, em *autor defunto* entende-se que o autor é um defunto, e em *defunto autor* entende-se que o defunto é um autor (situação inusitada).

b) *Os alunos só trarão os documentos amanhã. Os alunos chegarão à resposta por si sós.* Na primeira ocorrência, trata-se de um advérbio, o vocábulo só refere-se ao verbo, por isso é invariável; e, na segunda, trata-se de um adjetivo, o vocábulo refere-se ao substantivo *alunos*, por isso variável.

---

---

---

---

---

## Atividade 2

### Atende ao objetivo 2

#### 1. (UFF 2011)

Sinhá Vitória

Sinhá Vitória tinha amanhecido nos seus azeites. Fora de propósito, dissera ao marido umas inconveniências a respeito da cama de varas. 1Fabiano, que não esperava semelhante desatino, apenas grunhira: - “Hum! hum!” E amunhecara, porque realmente mulher é bicho difícil de entender, 4deitara-se na rede e pegara no sono. Sinhá Vitória andara para cima e para baixo, procurando em que desabafar. Como achasse tudo em ordem, queixara-se da vida. 2E agora vingava-se em Baleia, dando-lhe um pontapé.

Avizinhou-se da janela baixa da cozinha, viu os meninos entretidos no barreiro, sujos de lama, fabricando bois de barro, que secavam ao sol, sob o pé-de-turco, e 5não encontrou motivo para repreendê-los. Pensou de novo na cama de varas e mentalmente xingou Fabiano. Dormiam naquilo, tinha-se acostumado, mas seria mais agradável dormirem numa cama de lastro de couro, como outras pessoas. 7Fazia mais de um ano que falava nisso ao marido. 3Fabiano a princípio concordara com ela, mastigara cálculos, tudo errado. Tanto para o couro, tanto para a armação. Bem. Poderiam adquirir o móvel necessário economizando na roupa e no querosene. 6Sinhá Vitória respondera que isso era impossível, porque eles vestiam mal, as crianças andavam nuas, e recolhiam-se todos ao anoitecer. Para bem dizer, não se acendiam candeeiros na casa.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. Rio de Janeiro; São Paulo: Record; Martins, 1975. p. 42-43.

Marque a alternativa que comenta adequadamente o emprego dos pronomes no Texto VIII.

a) “Fabiano, que não esperava semelhante desatino, apenas grunhira: - Hum! hum!” (ref. 1). O pronome relativo destacado evita a repetição da palavra *desatino*.

b) “E agora vingava-se em Baleia, dando-lhe um pontapé” (ref. 2) / “Fabiano a princípio concordara com ela” (ref. 3). Os termos sublinhados

são duas formas de expressão do pronome pessoal em função de objeto direto.

c) “Fabiano (...) deitara-se na rede e pegara no sono” (ref. 4) / “(...) não encontrou motivo para repreendê-los” (ref. 5). Os dois pronomes pessoais grifados possuem o mesmo referente e servem para marcar uma ação reflexiva.

d) “Sinhá Vitória respondera que isso era impossível, porque eles vestiam mal” (ref. 6). Os pronomes destacados retomam o mesmo termo do período anterior.

e) “Fazia mais de um ano que falava nisso ao marido” (ref. 7). A forma sublinhada, contração do demonstrativo *isso* com a preposição *em*, tem função coesiva, pois retoma e sintetiza segmento expresso anteriormente.

*Que me enganei, ora o vejo;  
Nadam-te os olhos em pranto,  
Arfa-te o peito, e no entanto  
Nem me podes encarar;  
  
Erro foi, mas não foi crime,  
Não te esqueci, eu to juro:  
Sacrifiquei meu futuro,  
Vida e glória por te amar!*

2. Desta estrofe do poema *Ainda uma vez adeus*, de Gonçalves Dias, retire um verso em que o pronome oblíquo átono funciona como possessivo. Faça a substituição.

---



---

3. Explique morfológica e sintaticamente o pronome sublinhado no antepenúltimo verso.

---



---



---



---



---

### Resposta comentada

1. Está correta a alternativa e). Justificam-se as incorretas a seguir:

a) O pronome relativo retoma *Fabiano* e não *desatino*.

b) os pronomes *lhe* e *com ela* são, respectivamente, objetos indiretos das formas verbais *dando* e *concordara*.

c) os pronomes não possuem o mesmo referente, e apenas o primeiro tem valor reflexivo; em outras palavras, o pronome *se* é reflexivo e retoma *Fabiano* e o

pronome *os* não é reflexivo e retoma *meninos*.

d) O pronome *isso* retoma toda a ideia de *Sinhá Vitória*, expressa no parágrafo anterior, a respeito da cama em que dormiam; e o pronome *eles* refere-se a ela (*Sinhá Vitória* e *Fabiano*).

2. Há dois versos em que o pronome átono funciona como possessivo: *Nadam-te os olhos em pranto* e *Arfa-te o peito, e no entanto*, que podem ser reescritos da seguinte forma: *Nadam teus olhos em pranto* e *Arfa teu peito, e no entanto*.

3. O pronome sublinhado é uma contração do pronome *te* com o pronome *o*, que funcionam, respectivamente, como objeto indireto (juro a ti) e objeto direto (juro que não te esqueci).



### Conclusão

Os nomes dividem-se em substantivos, adjetivos e advérbios, que se aproximam e se diferenciam por determinados critérios. Podemos dizer que substantivos e adjetivos assemelham-se morfológicamente e diferenciam-se sintaticamente, e adjetivos e advérbios assemelham-se sintaticamente e diferenciam-se morfológicamente. Os pronomes também desempenham funções de substantivos e adjetivos, dividindo-se em sete tipos de acordo com seus valores semânticos e sintáticos. As outras classes de palavras também devem ser tratadas do ponto de vista dos três critérios – isto permite a compreensão de seus usos.

Desta forma, ao distinguirmos as diferentes classes de palavras, observando os critérios morfológicos, sintáticos e semânticos e seu uso, verificamos sua importância para a composição textual e construção de

sentidos, habilidade fundamental para a proficiência na leitura e escrita de nossa língua.

## Atividade final

### Atende ao objetivo 3

1. Além de simplesmente caracterizar um substantivo, o adjetivo pode ter valor argumentativo. Comprove a veracidade dessa afirmação a partir do seguinte trecho do texto de Raul Justes Lores, publicado na *Folha de S.Paulo* de 07/10/2010:

*Enrique Peñalosa, ex-prefeito de Bogotá, na Colômbia, e grande especialista em transporte coletivo, diz que não basta criar corredores de ônibus bem asfaltados e servidos por diversas linhas.*

2. Comente o uso do advérbio destacado na frase constante de uma propaganda imobiliária: “Sua família está **bem** aqui.”



3. Explique o uso dos artigos indefinido e definido na construção do sentido na tira acima.

### Resposta comentada

1. Além de caracterizar o ex-prefeito de Bogotá, o adjetivo *grande* anteposto ao substantivo *especialista* assume tom valorativo.
2. O uso do advérbio *bem* expressa ambiguidade, visto que pode tanto referir-se ao verbo estar, significando modo, quanto pode referir-se ao outro advérbio (aqui), significando precisão.

3. O artigo indefinido generaliza um suposto presente, e o artigo definido especifica o presente, já não é qualquer cachorro, é especificamente o cachorro dos sonhos dela, especial.

---

---

## **Resumo**

Conceituamos semântica, morfológica e sintaticamente as classes de palavras, reconhecendo semelhanças e diferenças, a partir dos três critérios, entre os elementos constituintes dos nomes, o substantivo, o adjetivo e o advérbio, e observando as características peculiares a cada uma das classes de palavras. Além disso, analisamos suas contribuições para a construção de sentido nos textos.

## **Informação sobre a próxima aula**

Na próxima aula, veremos como a criação lexical, por meio dos processos de formação de palavras já estudados, contribui para a composição textual de gêneros diferentes.

Até lá!

# Aula 18

O texto e as formações lexicais

*Claudia Franco;  
Ronaldo Amorim Lima*

## **Meta**

Estudar a criação lexical, observando suas funções no texto em diferentes gêneros.

## **Objetivos**

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer os processos de formação de palavras e suas funções no texto;
2. analisar o léxico em diferentes gêneros textuais.



## Introdução

Se buscarmos o conceito de léxico, encontraremos definições tais como: “É o conjunto de palavras de uma língua”, normalmente constante de dicionários. Sabemos, entretanto, que um dicionário não comporta **todo**, ou quase todo, o vocabulário de uma língua. Graças à dinamicidade e função comunicativa da língua, o léxico se expande constantemente, contribuindo, para isso, os processos de formação de palavras, já tratados em aulas anteriores.

Assim, em função de necessidades da linguagem, sejam elas expressivas ou estilísticas, criam-se novas palavras, o que acaba sendo fundamental para construção de sentidos no texto. As diversas necessidades se originam nas diferentes finalidades dos textos, o que constituem os gêneros textuais.



Ao se referir à natureza sociocomunicativa da língua, Bakhtin (1997, p. 279) menciona os gêneros textuais da seguinte forma:

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional.

Dito de outra forma, em função de uma dada situação sociocomunicativa, os enunciados são elaborados em “tipos relativamente estáveis” (idem), conhecidos como **gêneros textuais**.

Nesta aula, procuraremos, então, analisar os efeitos produzidos pela criação de novas palavras para a construção do sentido, observando os diferentes gêneros textuais.

De acordo com Bakhtin, todos os textos que produzimos, orais ou escritos, apresentam um conjunto de características relativamente estáveis, as quais configuram diferentes gêneros textuais. Esses gêneros podem ser caracterizados por três aspectos básicos coexistentes: o assunto, a estrutura e o estilo. Não nos é possível relacionar a quantidade de gêneros textuais. Podemos citar apenas um pequeno número como exemplo: cartas pessoais, cartas comerciais, cartas oficiais, artigos científicos, artigos de jornais, editoriais, crônicas, convites, romances, receitas médicas, receitas culinárias, requerimentos, bulas de medicamentos, anúncios classificados, discursos, entrevistas, narrações de jogos, noticiários de tevê, reportagens, biografias, piadas, palestras, seminários, sermões, etc.

## A criação lexical

Durante algum tempo, o estudo do léxico privilegiava o conhecimento das características das palavras, ao contrário das abordagens modernas, que se ocupam dos aspectos discursivos. Segundo o prof. André Valente, “Atualmente, tem-se valorizado a integração de lexicologia e discurso na leitura e na produção de textos vários, quer literários, quer não literários.” (VALENTE, 2007, p. 129.)

No entanto, não se pode negar o aspecto regular do léxico, como bem lembra Basílio (2009, p. 8): “O léxico apresenta um alto teor de regularidade e é um componente fundamental da organização linguística, tanto do ponto de vista semântico e gramatical quanto do ponto de vista textual e estilístico”. Isso significa que

as estruturas morfológicas constituem um instrumento fundamental na aquisição e expansão do léxico individual na aquisição e expansão do léxico individual ou coletivo, assim como de seu uso na produção e compreensão de diferentes tipos de texto em nossa língua. (idem)

Então, podemos dizer que, pelo caráter sociocomunicativo e dinâmico da língua, é inevitável o falante/escritor lançar mão dos processos disponíveis para formação de novas palavras.

## Processos de formação de palavras e suas funções

Vamos lembrar, brevemente, os processos de formação de palavras mais gerais? Aquele que se faz a partir de um radical e acréscimo de afixos (prefixos e sufixos) é chamado de **derivação**, e aquele que se faz com a junção de mais de um radical é chamado de **composição** (por justaposição ou aglutinação). Exemplificando, temos, em *infeliz*, uma derivação prefixal (prefixo *in-* + radical *feliz*); em *felizmente*, uma derivação sufixal (radical *feliz* + sufixo *-mente*); em *passatempo*, uma composição por justaposição; em *planalto*, uma composição por aglutinação (radical *plano* + radical *alto*).

Em termos de função, Basílio (1987, p. 27) afirma que

O processo de derivação obedece às necessidades de expressão de categorias nocionais, com contraparte sintática ou não, mas de caráter fixo e, via de regra, de teor geral. Já o processo de composição obedece à necessidade de expressão de combinações particulares.

Segundo a pesquisadora, os afixos apresentam funções sintático-semânticas definidas que delimitam os possíveis usos e significados das palavras formadas pela derivação. Isso significa que um determinado grupo de afixos veiculadores de uma noção define uma função. Assim temos, por exemplo, em *casamento*, *averiguação*, *formatura* e *mudança* sufixos com função nominalizadora; e em *feijoadada*, *macarronada* e *cajuada* o sufixo *-ada* com a função de indicar a base do alimento preparado. Nota-se no primeiro caso um conjunto de sufixos responsáveis pela mudança de classes gramaticais (sufixos formadores de substantivos), de grande produtividade em função de uma noção bastante geral; já no segundo caso, o sufixo apresenta um baixo grau de generalidade, sendo por isso sua produtividade bastante restrita.

Vale ressaltar que o índice de produtividade não está relacionado necessariamente à mudança de classe de palavras. Exemplo disso é o afixo *des-*, que, por ser prefixo, não realiza a mudança de classe gramatical, embora seja bastante produtivo; o contrário ocorre com o sufixo *-udo*, que é responsável pela formação de substantivos a partir de adjetivos, mas que tem produtividade bastante limitada.

Interessante também é observarmos a função dos afixos no processo de derivação por parassíntese. Nela o prefixo e o sufixo se agregam ao radical de maneira simultânea – o que o difere da derivação prefixal e sufixal –, com a principal função de formar verbos e adjetivos: *entristecer* / *desalmado*. Nesse sentido, pode-se dizer que a principal função dos prefixos *a-* e *em-* é a de participar desse tipo de derivação. Assim, na parassíntese, os afixos têm uma função bastante particular, mas também bastante produtiva.



Monteiro (2002 p. 64), dentre outros, considera os afixos que formam a parassíntese como morfemas descontínuos chamados circunfixos. Esses afixos se juntariam a um radical, ficando uma

parte anteposta, e a outra, posposta. Isso explicaria a estrutura de palavras como *en-velh-ecer*, *en-tard-ecer*, *a-noit-ecer* etc.

---

Em relação à **derivação**, portanto, podemos dizer que, quanto mais gerais forem as funções sintático-semânticas dos afixos, mais produtivo será o processo derivacional.

Na **composição**, as funções não estão determinadas no nível dos elementos, mas na própria estrutura; cada radical assume um papel dependendo de sua posição. Em estruturas do tipo *substantivo + substantivo*, o primeiro funciona como núcleo e o segundo como modificador (couve-flor, aluno-mestre); em composição de *substantivo + adjetivo / adjetivo + substantivo*, o substantivo é o núcleo e o adjetivo, o modificador (cachorro-quente, alto-relevo); e em estruturas formadas por *verbo + substantivo* o substantivo equivale ao objeto direto do verbo (guarda-roupa, porta-bandeira).

Assim, o processo composicional se realiza sintaticamente com objetivos lexicais, juntam-se radicais com a intenção de designar, caracterizar seres. Ao contrário da derivação, a composição expressa noções particulares. Nas palavras de Basilio (1987, p.30),

a composição é um processo que vai permitir categorizações cada vez mais particulares. Com a utilização de estruturas sintáticas para fins lexicais, os processos de composição permitem a nomeação ou caracterização de seres pela junção de dois elementos semânticos, de existência independente no léxico, em apenas um elemento lexical.

As observações feitas até aqui servem também para as composições por aglutinação. A produtividade com esse tipo de composição é mais restrita, em termos sincrônicos. Em geral, esse tipo de formação é apresentado nas gramáticas normativas com uma lista limitada, quase previsível, assentada em estudos diacrônicos. Um desdobramento desse processo é o *amálgama lexical*, processo em que se misturam dois radicais de forma imprevista e arbitrária; segundo Azeredo (2010, p. 104),

O amálgama lexical constitui um recurso da função poética da linguagem, quase sempre com finalidade expressiva particular e circunstancial, e encontra-se tanto no discurso literário, como nos discursos humorístico-satírico e comercial-publicitário.

É interessante observarmos que a função de nomeação provoca um distanciamento entre o significado constituído pela palavra composta e o significado das partes, como ocorre em vocábulos do tipo *olho-de-sogra* (tipo de doce) ou *vinagre*, em que, respectivamente, não se pensa em órgão do corpo ou um papel social, nem em vinho azedo.



A aglutinação é um processo de composição em que bases lexicais distintas se juntam, espontaneamente, com perda de material fônico, que pode ser recuperado por processo fonológico: em planalto, a vogal temática de plano é suprimida, juntando-se o radical de alto. No amálgama lexical ocorre a junção, intencional, de radicais diferentes com perda de material fônico, que não pode ser recuperado fonologicamente: em *macarronese* (*macarrão* + *maionese*), não é possível se recuperar pelo processo fonológico a parte suprimida do radical maionese. Em outras palavras, o amálgama é marcado por especificidade semântica, é intencional, podendo exprimir inclusive uma opinião como em *sofressor* = *sofredor* + *professor* (*professor* é um *sofredor*), e dificilmente se recupera o material fônico suprimido – o que exige muitas vezes um conhecimento extralinguístico; ao passo que a aglutinação é um processo espontâneo e tem o material fônico recuperado. Para uma leitura mais aprofundada sobre o assunto, acesse [http://www.bdtd.uerj.br/tde\\_arquivos/2/TDE-2012-11-05T142953Z-2666/Publico/Marcos%20Candido.pdf](http://www.bdtd.uerj.br/tde_arquivos/2/TDE-2012-11-05T142953Z-2666/Publico/Marcos%20Candido.pdf)

---

---

## Atividade1

---

---

### Atende ao objetivo 1

Julgue as afirmativas a seguir, comentando as falsas.

a) Nas formas verbais *teclar*, *perfumar* e *enfeitar*, verifica-se o sufixo *-ar* (junção da vogal temática *-a-* desinência modo-temporal *-r*) cuja função é formar verbos.

---

---

---

---

---

---

b) O sufixo *-ista* forma palavras de mesma classe gramatical, por isso tem baixo índice de produtividade.

---

---

---

---

---

---

c) O sufixo *-ico* altera classe gramatical, por isso tem grande produtividade.

---

---

d) Os pares autor-defunto / defunto-autor comprovam que as funções na composição estão determinadas na estrutura.

---

### Resposta comentada

a) V – O sufixo *-ar* é formador de verbos da primeira conjugação.

b) F – Apesar de a produtividade de um afixo estar, supostamente, associada à função de formar palavras de classes diferentes, o sufixo *-ista* demonstra o contrário, já que sua função é a de formar palavras a partir de outras de mesma classe e ainda assim apresenta grande produtividade, podendo designar agentes plenos (pianista), agentes especializados (linguista) e ser caracterizado pela adesão a uma ideia.

c) F – Embora seja responsável pela mudança de classe de palavras (origina adjetivos a partir de substantivos), o sufixo *-ico* tem baixa produtividade.

d) V.

---

---

---

---

---

**Atividade 2**

---

---

*Atende ao objetivo 2*

Explicite os amálgamas lexicais presentes nestas imagens.

1.

Espaço ameríndio

2.

futsal

3.



4.



5.



### **Respostas comentadas**

- 1) A palavra *ameríndio* é formada pelas palavras *americano* + *índio*, instituindo o sentido de índio americano.
- 2) A palavra *futsal* é formada pelas bases *futebol* e *salão*, cujas partes perdidas não são recuperadas fonologicamente.
- 3) A palavra *burrocracia* se dá pelo cruzamento entre os vocábulos *burro* e *burocracia*, o que permite depreender uma crítica à prática burocrática.
- 4) A palavra *mãedrasta* é formada pelos vocábulos *mãe* e *madrasta*, com a intenção de valorizar a madrastra, equiparando-a à mãe e quebrando a expectativa negativa que naturalmente a palavra veicula.
- 5) A palavra *portunhol* é formada pelos vocábulos *português* e *espanhol*, evidenciando a mistura das culturas, que se dá em especial linguisticamente.

---

---

## **O léxico em textos de gêneros diferentes**

É indiscutível a importância do léxico para o processamento textual – a adequação ou inadequação vocabular determinam o sucesso ou insucesso da comunicação. Assim, em função das necessidades sociocomunicativas, fazemos escolhas vocabulares, a fim de sermos bem-sucedidos no nosso projeto de comunicação, não é verdade?

Dependendo do gênero textual, muitas vezes precisamos lançar mão de recursos oferecidos pelos processos de formação de palavras, expressando noções mais ou menos previstas (neologismos). Como afirma Valente (2007, p. 130), “(...) é consensual que não há escolha lexical gratuita”, o que equivale dizer que na produção de um texto combi-



namos elementos linguísticos com nossa intenção discursiva, determinante do gênero textual.”

É em função do gênero texto, então, que selecionamos palavras, criamos outras a partir das possibilidades estruturais de que a língua dispõe. Você sabe que inúmeras são as noções impressas ao discurso pelos processos de formação de palavras e, dependendo do gênero, um mesmo elemento pode veicular valores diferentes.



Quanto ao uso do neologismo, Valente (2007) lembra que “o neologismo deixa de ser visto como tal quando desaparece o ‘efeito do insólito’ ou quando os dicionários o registram”. Para aprofundamento, vale a leitura do artigo, constante das referências.

Que tal usarmos o sufixo *-udo*? De valor aumentativo, normalmente é usado para referir-se a uma parte do corpo maior do que o normal, por isso assume, não raro, tom pejorativo (narigudo, orelhudo, barrigudo). Entretanto, no trecho de Guimarães Rosa de ‘Desenredo’: “*Surur-jão, não; é solorgião. Inteiro na fama – olhãlegre, justo, inteligentudo – de calibre de quilate de caráter*”, podemos ver seu uso em *intelligentudo* com valor positivo; ele reforça, pela noção de aumentativo, a inteligência do personagem descrito.

Textos publicitários recorrem constantemente à formação de novas palavras para atingirem seu público-alvo. No endereço <http://www.marketingbest.com.br/marketing-best/banco-bradesco-bradescompleto/>, você poderá verificar a palavra criada que traz, ao mesmo tempo, o nome de um banco e a ideia da vantagem que, segundo a empresa responsável por sua campanha publicitária, proporciona aos seus clientes: “completude”.

Recorreu-se à composição por aglutinação, ou amálgama mais precisamente, cujas bases são o nome do produto (o banco) e sua característica vantajosa (completo). Aliás, o próprio nome desse banco já é uma aglutinação criada a partir do nome Banco **Brasileiro** de **Descontos**.

Mesmo em textos jornalísticos, recorre-se ao neologismo. Em um trecho publicado pela Folha de S.Paulo, em 05/10/95, lê-se: “O país se informatiza, se ‘internetiza’, se sintoniza com as tendências da vida internacional.” Aí, o jornalista recorre ao empréstimo da língua inglesa *internet* e o associa a um sufixo formador de verbo *-izar* para exprimir, de maneira particular, um processo iniciado em Portugal na época.

Poderíamos elencar inúmeros exemplos e não esgotaríamos as possibilidades. Deixaremos por conta de cada um a interessante tarefa de identificar em textos de diferentes gêneros os processos de formação de palavras na construção dos sentidos.

Agora vamos fazer mais uma atividade!

### ===== **Atividade 3** =====

*Atende aos objetivos 1 e 2*

Leia o trecho seguinte, destacando o afixo e explicitando sua contribuição para a construção de sentido no texto.

“Aqui, ali, por toda parte  
as favelas do Rio transbordam sobre Niterói  
e o Espírito Santo fornece novas pencas de favelados.” (CDA)

---

---

---

---

#### **Resposta comentada**

O prefixo *trans-* exprime a noção de “além do limite”; junto à forma *borda*, que significa limite, ele acentua o processo de favelização do Rio de Janeiro: a cidade já não comporta tanta favela, elas se estendem para a cidade vizinha.

---

---

---

## Conclusão

A característica sociocomunicativa da língua torna inevitável a criação lexical, realizada basicamente pelos processos de derivação e de composição, cujas funções dizem respeito à generalidade das noções e consequente produtividade, isto é, quanto mais gerais forem as noções veiculadas pelo afixo, maior será sua produtividade. A composição é de ordem sintática, isto é, os radicais constituintes desse processo assumem funções de acordo com a posição ocupada no vocábulo, expressando noções mais particulares – numa composição substantivo + substantivo (sofá-cama), por exemplo, o primeiro é núcleo, e o segundo, modificador ou especificador. Assim, noções gramaticais e semânticas desempenham papel fundamental no discurso, ajudando a construir sentidos nos diversos gêneros textuais.

### Atividade final

*Atende aos objetivos 1 e 2*

1. UFF 2004 (adaptada)



Na Língua Portuguesa, identificam-se diferentes processos de formação de novas palavras, tais como: prefixação, sufixação, parassíntese, justaposição, aglutinação, hibridismo etc.

O cartunista Chico Caruso apresenta as palavras ABACAIXINHA, ABACASHOW e ABACAJUDA formadas segundo as possibilidades da língua.

a) Identifique o processo comum na formação das três palavras destacadas.

---

---

b) Comente o processo, relacionando-o ao gênero textual.

---

---

---

### **Resposta comentada**

a) O processo de formação de palavras comum aos vocábulos destacados é a composição por aglutinação.

b) O gênero textual charge tem finalidade crítica, deve ser de rápida compreensão e, para isso, normalmente apresenta linguagem coloquial. O radical de base que veicula a crítica é abacaxi, visto que esta palavra, na coloquialidade, expressa situações difíceis. Os outros radicais (caixinha, show e ajuda) a ele associados completam a crítica veiculada na charge.

---

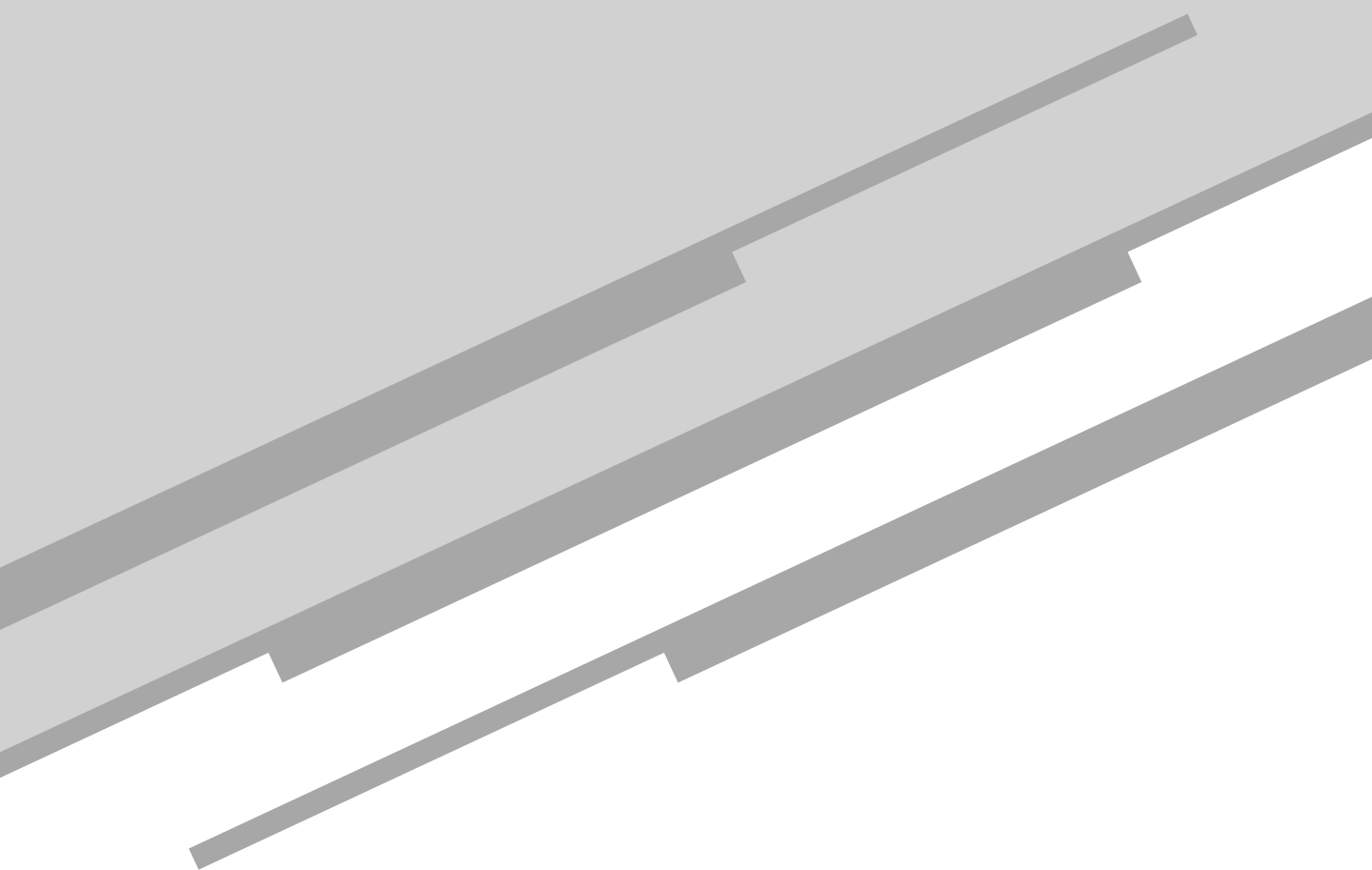
---

---

### **Resumo**

O objetivo desta aula foi reconhecer os processos de formação de palavras e suas funções, que dizem respeito à generalidade das noções e à consequente produtividade para a expansão do léxico. Além das funções dos processos de formação de palavras (derivação, composição etc.), vimos seu uso nos diferentes gêneros textuais, que podem ser caracterizados por três aspectos básicos coexistentes: o assunto, a estrutura e o estilo. Dependendo da combinação e das diferentes manifestações desses aspectos, têm-se uma quantidade incontável de gêneros diferentes.

# Referências



## Aula 11

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2009.

CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 44. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001,

KOCH, I. V.; SILVA, M. C. P. de S. e. *Linguística aplicada ao português: morfologia*. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. Rio de Janeiro: Ática, 1995.

## Aula 12

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Lucerna, 2009.

CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 44. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

KOCH, I. V.; SILVA, M. C. P. de S. e. *Linguística aplicada ao português: morfologia*. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

PERINI, M. A. *Gramática descritiva do português*. Rio de Janeiro: Ática, 1995.

## Aula 13

BASÍLIO, M. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 2000.

CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de filologia e gramática: referente à língua portuguesa*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CARVALHO, H. *Teoria da linguagem: natureza do fenômeno linguístico e a análise das línguas*. Vol II Coimbra: Coimbra, 1984.

MONTEIRO, J. L. *Morfologia portuguesa*. Campinas: Pontes, 2002.

ROCHA, L. C. A. *Estruturas morfológicas do português*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ZANOTTO, N. Bases para a análise mórfica. In: *Análise mórfica do português*. Caxias do Sul: Educs, 1988.

## Aula 14

AZEREDO, J. C. *Fundamentos de gramática do português*. São Paulo: Zahar, 2010.

BASÍLIO, M. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Lucerna, 2009.

CUNHA, C. CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 44a. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. *Dicionário de linguística e gramática*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

PEREIRA, P. A. *Para uma distinção entre radical e prefixo: será não-composto um composto ou derivado?* 2006. 80p. (Dissertação/Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro; 2006.

ROCHA, R. *Marcelo, marmelo, martelo e outras histórias*. São Paulo: Salamandra, 1999.

## Aula 15

AZEREDO, J. C. *Fundamentos de gramática do português*. São Paulo: Zahar, 2010.

BASÍLIO, M. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Lucerna, 2009.
- CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 44. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Dicionário de linguística e gramática*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- PEREIRA, P. A. *Para uma distinção entre radical e prefixo: será não-composto um composto ou derivado?* 2006. 80p. (Dissertação/Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro; 2006.
- SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 5. ed. Melhorada e aumentada em lexeologia e formação de palavras e sintaxe do português histórico. São Paulo: Melhoramentos, 1965.
- TORERO, J. A. Um textinho sobre os “inhos”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 3. nov. 1999.

## Aula 16

- AZEREDO, J. C. *Fundamentos de gramática do português*. São Paulo: Zahar, 2010.
- BASÍLIO, M. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Lucerna, 2009.
- CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 44. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.



## Aula 17

AZEREDO, J. C. *Fundamentos de gramática do português*. São Paulo: Zahar, 2010.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2009.

CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 44. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

MEME. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2016. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Meme&oldid=46054701>>. Acesso em 5 set. 2016.

SOTO, U. *Cartas através do tempo*. Niterói: EDUFF, 2007.

## Aula 18

AZEREDO, J. C. *Fundamentos de gramática do português*. São Paulo: Zahar, 2010.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BASÍLIO, M. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2009.

\_\_\_\_\_. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Lucerna, 2009.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

MONTEIRO, J. L. *Morfologia portuguesa*. 4. ed. São Paulo: Pontes, 2002.

